



Pesqui- sadores das próprias vidas

Organizadoras

Diana Mandelert

Sara Zarucki Tabac

Appris
editora

Sumário

CAPA

INTRODUÇÃO

ADERLÚCIA NASCIMENTO

ALEXSANDRA DA SILVA MACÁRIO

ALINE DELARMELINA

AMANDA DA SILVA JULIÃO

ANDRÉ PAULO FERREIRA DA COSTA

BRENO VÍTOR GOMES DOS SANTOS

CAROLINE CARDOZO

CLEITON BATISTA DE OLIVEIRA

CRISTINA GONÇALVES

DIEGO CAVALCANTI DE SANTANA

EDUARDO RAMOS

FERNANDA P. MIRANDA

GABRIEL MENDANHA DE LOIOLA

IGOR GONÇALVES

JOÃO PEDRO GOMES PINHEIRO

JÚLIA VENANCIO LIMA

KELY DE NOVAES LOPES

LUCAS EVANGELISTA

LUCAS SPORQUES

LUCIANA SANTOS

MARIA ADRIANA CAMPÊLO

MARIANA FERNANDES

RAYSSA VERÍSSIMO CORREA

RENATA CRUZ DA SILVA

THAÍS FARIA DA SILVA

WALLACE ALMEIDA

REFERÊNCIAS

SOBRE AS ORGANIZADORAS

SOBRE A OBRA

CONTRACAPA

PESQUISADORES DAS PRÓPRIAS VIDAS

Editora Appris Ltda.
1.ª Edição - Copyright© 2023 dos autores
Direitos de Edição Reservados à Editora Appris Ltda.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nº 10.994, de 14/12/2004, e 12.192, de 14/01/2010.

Catálogo na Fonte
Elaborado por: Josefina A. S. Guedes
Bibliotecária CRB 9/870

2023 - M272p
Mandelert, Diana
Pesquisadores das próprias vidas
[recurso eletrônico]
Diana Mandelert, Sara Zarucki Tabac.
1. ed. - Curitiba : Appris, 2023.
1 arquivo digital : EPUB (Educação, tecnologias e transdisciplinaridade).
Inclui referências.
ISBN 978-65-250-5105-5
1. Sociologia educacional. 2. Professores - Formação. 3. Sociologia - Estudo e ensino. 4. Estudantes universitários - Pesquisa.
I. Tabac, Sara Zarucki. II. Título. III. Série.
CDD - 370.71

Livro de acordo com a normalização técnica da ABNT

Appris
Editora

Editora e Livraria Appris Ltda.
Av. Manoel Ribas, 2265 - Mercês
Curitiba/PR - CEP: 80810-002
Tel. (41) 3156 - 4731
www.editoraappris.com.br
Printed in Brazil
Impresso no Brasil

Diana Mandelert
Sara Zarucki Tabac

PESQUISADORES DAS PRÓPRIAS VIDAS

Appris
editora

FICHA TÉCNICA

EDITORIAL	Augusto V. de A. Coelho Sara C. de Andrade Coelho
COMITÊ EDITORIAL	Marli Caetano Andréa Barbosa Gouveia - UFPR Edmeire C. Pereira - UFPR Ireneide da Silva - UFC Jacques de Lima Ferreira - UP
SUPERVISOR DA PRODUÇÃO	Renata Cristina Lopes Miccelli
ASSESSORIA EDITORIAL	Bruna Holmen
REVISÃO	Pâmela Isabel Oliveira
DIAGRAMAÇÃO	Renata Cristina Lopes Miccelli
CAPA	Daniela Bauguertner
REVISÃO DE PROVA	William Rodrigues

COMITÊ CIENTÍFICO DA COLEÇÃO EDUCAÇÃO, TECNOLOGIAS E TRANSDISCIPLINARIDADE

DIREÇÃO CIENTÍFICA	Dr.ª Marilda A. Behrens (PUCPR)	Dr.ª Patrícia L. Torres (PUCPR)
CONSULTORES	Dr.ª Ademilde Silveira Sartori (Udesc)	Dr.ª Iara Cordeiro de Melo Franco (PUC Minas)
	Dr. Ángel H. Facundo (Univ. Externado de Colômbia)	Dr. João Augusto Mattar Neto (PUC-SP)
	Dr.ª Ariana Maria de Almeida Matos Cosme (Universidade do Porto/Portugal)	Dr. José Manuel Moran Costas (Universidade Anhembi Morumbi)
	Dr. Artieres Estevão Romeiro (Universidade Técnica Particular de Loja-Ecuador)	Dr.ª Lúcia Amante (Univ. Aberta-Portugal)
	Dr. Bento Duarte da Silva (Universidade do Minho/Portugal)	Dr.ª Lucia Maria Martins Giraffa (PUCRS)
	Dr. Claudio Rama (Univ. de la Empresa-Uruguai)	Dr. Marco Antonio da Silva (Uerj)
	Dr.ª Cristiane de Oliveira Busato Smith (Arizona State University/EUA)	Dr.ª Maria Altina da Silva Ramos (Universidade do Minho-Portugal)
	Dr.ª Dulce Márcia Cruz (Ufsc)	Dr.ª Maria Joana Mader Joaquim (HC-UFPR)
	Dr.ª Edméa Santos (Uerj)	Dr. Reginaldo Rodrigues da Costa (PUCPR)
	Dr.ª Eliane Schlemmer (Unisinos)	Dr. Ricardo Antunes de Sá (UFPR)
	Dr.ª Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula (UEM)	Dr.ª Romilda Teodora Ens (PUCPR)
	Dr.ª Evelise Maria Labatut Portilho (PUCPR)	Dr. Rui Trindade (Univ. do Porto-Portugal)
	Dr.ª Evelyn de Almeida Orlando (PUCPR)	Dr.ª Sonia Ana Charchut Leszczynski (UTFPR)
	Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho (Ufsc)	Dr.ª Vani Moreira Kenski (USP)
	Dr.ª Fabiane Oliveira (PUCPR)	

AGRADECIMENTOS

Ter a confiança dos alunos para me contarem suas histórias sempre foi muito especial. Por isso, agradeço a todos que expuseram suas vidas para aprender Sociologia. Em especial, aos alunos que cederam seus relatos para o livro: Aderlúcia Nascimento; Alexsandra da Silva Macário; Aline Delarmelina; Amanda da Silva Julião; André Paulo Ferreira da Costa; Breno Vítor Gomes Santos; Caroline Cardozo; Cleiton Batista de Oliveira; Cristina Gonçalves; Diego Cavalcanti de Santana; Eduardo Ramos; Fernanda P. Miranda; Gabriel Mendanha de Loiola; Igor Gonçalves; João Pedro Gomes Pinheiro; Júlia Venâncio Lima; Kely Novaes; Lucas Evangelista; Lucas Sporques; Luciana Santos; Maria Adriana Campêlo; Mariana Fernandes; Renata Cruz da Silva; Rayssa Veríssimo; Thaís Faria; Wallace Almeida.

Minha parceira, Sara Zarucki Tabac, foi fundamental. Sem ela o livro não teria virado realidade.

Agradeço aos meus filhos e minha irmã. Sem eles nada é possível.

Agradeço ao Fernando Talask, amor da minha vida.

Agradeço finalmente à minha mãe, a primeira leitora das histórias, a primeira que disse: “tem que publicar!”.

LISTA DE SIGLAS

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento
Cadeg – Mercado Municipal do Rio de Janeiro
CAp-Uerj – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
Cedae – Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro
Cedag – Companhia Estadual de Águas da Guanabara
Cefet – Centro Federal de Educação Tecnológica
Cefeteq – Centro Federal de Educação Tecnológica em Química
Ciep – Centro Integrado de Educação Pública
Coart/Uerj – Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação
Dataprev – Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência Social
EAU – Escola de Arquitetura e Urbanismo
Enade – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
Enem – Exame Nacional do Ensino Médio
Faetc – Fundação de Apoio à Escola Técnica
Feema - Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente
Funabem – Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
Hupe – Hospital Universitário Pedro Ernesto
Ibeu – Instituto Brasil-Estados Unidos
ICA – Instituto Companheiros das Américas
IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
IFRJ/Maracanã – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Inea – Instituto Estadual do Ambiente
Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano
MBA – Master in Business Administration
ONG – Organização Não Governamental
Prouni – Portal Único de Acesso ao Ensino Superior
PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SAM – Serviço de Assistência ao Menor
Sintuperj - Sindicato dos Trabalhadores da Uerj
Sisu – Sistema de Seleção Unificada
UFF – Universidade Federal Fluminense
Unisuam - Centro Universitário Augusto Motta
USP – Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

O livro traz a discussão sobre o papel da Sociologia da Educação na formação de professores. É o resultado do meu trabalho como professora da disciplina na Faculdade de Educação da Uerj, em parceria com Sara Zarucki Tabac, professora de Sociologia da Universidade Federal de Alfenas. Reunimos 26 trabalhos de alunos de licenciatura, nos quais eles relataram suas trajetórias escolares até a universidade e as analisaram com a teoria da reprodução de Pierre Bourdieu. Assim, não são apenas narrativas. Poderiam ser chamados de relatos de pesquisa. Só que a empiria, os dados, os sujeitos das pesquisas são eles e seus respectivos olhares sobre os desafios no ingresso, permanência e conhecimento no ensino superior. Para entender melhor o contexto dos trabalhos, descrevo como tem sido o desenvolvimento da disciplina de Sociologia da Educação, ministrada por mim desde 2014 no campus Maracanã.

Alunos de Artes Visuais, Ciências Sociais, Ciências Biológicas, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Psicologia e Química têm em seus currículos Sociologia da Educação como uma disciplina obrigatória. Poderia dizer que essa característica é um dos desafios da matéria. Muitos não entendem de pronto a sua validade para a sua formação como professor. Vindos de outros cursos, a expectativa é aprender os conteúdos que os encantaram no ensino médio. Nem sempre as “disciplinas do 12” — como eles chamam o andar da Faculdade de Educação — têm um significado claro. Por isso, ao longo do curso, preciso fazer com que entendam que, em um país tão desigual como o Brasil, aprender Sociologia é condição *sine qua non* para que eles possam se tornar bons professores. Afinal, não são poucos os obstáculos sociais que eles encontrarão em suas salas de aula.

O segundo grande desafio é organizar uma disciplina que seja focada na formação de professores. Nesse sentido, faz-se importante questionar: qual Sociologia é necessária para futuros professores? A resposta é complexa. Há uma grande amplitude de temáticas desenvolvidas em pesquisas sociológicas no campo educacional. Além disso, os alunos não serão pesquisadores — serão docentes que precisam do aporte teórico da Sociologia para complementar a sua formação. A exceção são os alunos de Ciências Sociais, que já têm um conteúdo maior de Sociologia em seu curso. Assim, o que oferecer para eles?

A carga horária da disciplina é de 30 horas-aula — menor do que é o comum nas graduações de licenciatura, quando costumam ser oferecidas com 60 horas-aula. Por isso, como bem salientou Nogueira (2020), não é possível em um tempo tão exíguo ensinar os clássicos da sociologia: Marx, Weber e Durkheim. Não com o aprofundamento necessário para que sejam

compreendidos os sistemas teóricos e epistemológicos desses autores e seus aportes para a educação. Como trazer a teoria sociológica sem esse respaldo para a prática docente?

Dentro das possibilidades da ementa definida pelos pares, falamos sobre o processo de socialização, as condições de produção de sucesso e fracasso escolar, as desigualdades educacionais de gênero, de cor, e, finalmente, sobre a relação família-escola. Não é uma escolha ortodoxa. Para que os leitores compreendam a dinâmica do curso, apresentarei aqui como tem sido seu desenvolvimento na Uerj. Faço isso pensando que não são comuns as exposições sobre as estruturas de disciplinas em Sociologia da Educação (NOGUEIRA, 2020). Acredito que o compartilhamento dessas experiências é importante para que possamos avançar nos caminhos da formação de professores. Dessa forma, farei uma breve exposição da estruturação do curso, para depois falar sobre os trabalhos dos alunos.

As aulas do semestre sempre começam com a discussão sobre o conceito de imaginação sociológica do autor americano Wright Mills (1972). É a maneira de inaugurar um olhar que permita ir além da explicação dos percursos dos alunos apenas por características pessoais. Mills observa que só podemos entender nossa trajetória e avaliar nosso destino se compreendemos quais são as injunções e possibilidades que indivíduos com uma inserção social semelhante à nossa possuem. Como o período histórico marca a nossa experiência? Como foi no passado? Isso só é possível realizar quando refletimos como as estruturas sociais organizam a sociedade, como elas se modificam com o tempo, quais seriam nossas possibilidades se vivêssemos em meios sociais distintos. A compreensão de si próprio em termos sociais passa, na maioria das vezes, apenas em termos de renda. O aluno com imaginação sociológica pode avançar nessa compreensão.

Após essa introdução, apresento o primeiro capítulo da obra de Durkheim denominada *Educação e Sociologia*: “A educação, a sua natureza e o seu papel”. A leitura ajuda a compreender a educação como fenômeno histórico social e sua função na socialização das jovens gerações. A educação é tomada como um fato social, que a partir de sua exterioridade se impõe de forma coercitiva na sociedade. Como diz Durkheim, não existe uma educação ideal, nem a podemos inventar. Ela é uma decorrência de uma organização social, de sistemas políticos, religiosos etc.

Como avaliação desse tópico, peço a escrita de uma carta, como se fosse Durkheim o remetente, endereçada ao personagem principal do filme *Capitão Fantástico*, de Matt Ross, produzido em 2016. A história é particularmente interessante para entendermos como seria uma criação sem a socialização na sociedade. Ben é pai de seis filhos e optou por viver em uma floresta com sua esposa. Para realizar a educação dos meninos,

estabelece uma rotina rígida de leituras de clássicos, debates, caçadas, exercícios físicos e conhecimentos básicos para viver em condições extremas. Compreendemos que a parte acadêmica é cumprida com louvor — os filhos são capazes de falar sobre vários assuntos com competência e desenvoltura. No entanto eles não conseguem conversar com pessoas de fora, não entendem sua linguagem, seus valores; não estão aptos, enfim, a viver em sociedade. Com a tarefa, mais do que uma possível repetição de conceitos, peço que usem a teoria como hipótese, aplicando ao contexto “empírico” do filme a teoria sociológica sobre a educação de Durkheim. A ideia da carta é dar um aspecto lúdico ao trabalho. Não é uma demanda rígida. Alguns preferem não fazer dessa forma. Para muitos, a escrita de uma carta seria uma novidade. Jovens da virada do século 20 para o 21 não tiveram essa experiência. Como atualmente estamos sempre em contato uns com os outros, um texto longo em formato de conversa não é algo que muitos dominem plenamente. Além disso, em tempos de mídias sociais, escrever uma carta para alguém que discordamos sem agredir, apenas usando argumentos, não parece ser usual. Muitos gostam da proposta e têm muita criatividade. Já houve roteiros de filmes para explicar um possível encontro entre Ben e Durkheim, sessões espíritas, enfim, toda sorte de ideias que contribuem para o envolvimento com a tarefa.

Outro tópico importante da disciplina é a questão da relação família e escola. Não aquela que explica o desempenho acadêmico dos estudantes — essa é vista no tópico sobre a teoria da reprodução —, mas como a família e a escola se comunicam, se enfrentam e dependem uma da outra. A perspectiva histórica é dada na Uerj pela disciplina eletiva História, Família e Infância. O tópico na disciplina de Sociologia da Educação trata do assunto na atualidade. Começo com o texto de Perrenoud chamado “O que a escola faz às famílias?” (2001). Esse trabalho seminal trata das inúmeras obrigações, imposições e limites que as famílias têm por conta da escolaridade obrigatória. O espaço que a escola ocupa é enorme e, muitas vezes, bastante incômodo. Uma perspectiva muito diferente do que eles estão habituados a ter, tendo em vista a naturalização da necessidade dessa instituição. Muitos, depois dessa aula, se sentem desconfortáveis por perceber a força que a escola tem no tempo familiar, na exposição da privacidade das famílias, no orçamento, na definição do destino dos filhos etc. A escolha dessa temática é justamente para que eles entendam o quanto essa relação é complicada, ou mesmo “armadilhada”, como chama Silva (2003). As pesquisas sobre conselhos de classe (MATTOS, 2005; SÁ EARP; PRADO, 2016; MANDELERT, 2010) mostram bem o quanto as famílias são julgadas moralmente nessas instâncias. Por isso, considero que a visão das famílias como o grande obstáculo do ensino e aprendizagem pelos professores precisa ser desconstruída. Entender a escola a partir do ângulo das famílias — e não apenas como professores — e com o aporte

teórico da Sociologia ajuda a contrapor o senso comum. A compreensão dos meandros dessa relação (NOGUEIRA, 2006) continua com a apresentação das modificações que as famílias têm passado nas últimas décadas. Mudanças que não foram pequenas. A relação entre pais e filhos não é a mesma. Se antes eram uma consequência lógica de qualquer casal, atualmente filhos são planejados, esperados. Não é à toa que vemos os ensaios de gestantes como comemoração desse momento, que pode ser o único, a festa de revelação do sexo da criança, os bolos de “mêsversário”, como são chamados. As transformações foram tantas que o autor Phillip Brown (1990) cunhou o termo “parentocracia” para explicar o tipo de envolvimento e o investimento que as famílias de estratos superiores desempenham no acompanhamento das trajetórias escolares de seus filhos. Não é fácil lidar com eles: alguns são verdadeiros *coachs*, como definiu muito bem Nogueira (2022). Como avaliação, os alunos devem fazer um comunicado da escola para as famílias abordando algum tema mais controverso ou situação delicada ocorrido nesse ambiente, demonstrando compreensão dessas mudanças na escola e na família e chamando para si a responsabilidade de tentar estabelecer uma boa interação.

O estudo da teoria da reprodução, na qual se baseia o trabalho deste livro, é um momento difícil para os alunos. Entender o papel da escola na reprodução e legitimação das desigualdades sociais costuma ser um balde de água fria. Afinal, ser professor é acreditar, pelo menos inicialmente, que podemos fazer a diferença com a nossa profissão e que a escola é a instituição “libertadora” da sociedade. Entender que não é apenas a falta de renda que impede bons percursos escolares traz questionamentos e percepções do grau de complexidade de como são reproduzidas as desigualdades sociais. Aprender que a escola em geral transforma as desigualdades de classe em desigualdades escolares, transformando o que é social em resultado escolar, legitimando essa transformação, costuma ser bastante angustiante para eles. Ao final do tópico, muitos me questionam: o que fazer para ultrapassar essa estrutura que se apresenta tão perversa. Não há respostas simples. Como a própria Sociologia mostra, os mecanismos de construção das desigualdades são muitos e complexos. O aprendizado mostra como essas questões não são individuais, que elas acontecem no cotidiano de cada um e estruturam a sociedade. Não tem um caminho a ser seguido, uma “fórmula mágica”, como costumam dizer a eles. Indico as pesquisas em escolas eficazes, mas acredito que o mais importante é perder a ingenuidade de que a escola tudo pode. Bourdieu (*apud* VALLE; SOULLIE, 2019), ao falar sobre esse desencantamento produzido pela Sociologia, disse que Galileu Galilei não destruiu o sonho de voar por ter descoberto a lei da gravidade. Justo o oposto, foi a partir desse conhecimento que foi possível voar. O mesmo podemos dizer sobre a Sociologia. Reconhecendo a escola como uma das engrenagens que

mantém a inércia mantenedora do status quo é que poderemos atenuar esses mecanismos.

Finalmente, apresento o trabalho que enseja esta publicação. A concepção do que deveria ser realizado não foi sempre a mesma. No primeiro ano de Uerj, em 2014, propus a leitura do primeiro capítulo do livro *Mobilidade Social no Brasil*, de José Pastore e Nelson do Valle Silva (2000), e o artigo de Carlos Antonio Costa Ribeiro “Quatro décadas de mobilidade social no Brasil” (2012). Inicialmente, eles tinham que fazer a árvore genealógica de suas famílias, até no máximo seus bisavós, com os dados sobre ano de nascimento, ano de falecimento, idade de entrada no mercado de trabalho, primeira ocupação, ocupação atual e escolaridade. Usando essas informações, os alunos compararam as trajetórias das suas famílias com a estrutura socioeconômica brasileira ao longo das décadas do século 20. Exatamente o que o conceito de imaginação sociológica tinha como definição: história e sociedade. No entanto essa proposta não deu tão certo como eu gostaria. Apesar de adquirirem muita informação sobre o Brasil e sobre sua própria família, a teoria sociológica sobre educação passava ao largo, e o aspecto econômico era o mais destacado. Não ajudava na prática como docente.

No ano de 2015, mudei a proposta. Após ensinar a teoria da reprodução de Bourdieu (2003) com o texto “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”, pedia aos alunos que respondessem ao questionamento se essa explicaria ou não a trajetória deles até a universidade. A teoria bourdieusiana explica o papel da escola na reprodução e legitimação das desigualdades sociais. Sua explicação culturalista sobre a desigualdade escolar, com os conceitos de capital cultural, social, boa vontade cultural e outros ajudou a compreender vantagens despercebidas por muitos. Para além das habilidades cognitivas, que fatores teriam contribuído para que eles alcançassem o ensino superior? Quais fatores sociais poderiam ter colaborado para levá-los ao ingresso em uma universidade de prestígio como a Uerj?

Quando o calendário permite, também são discutidos o sucesso escolar nas camadas populares e a questão de gênero e cor no desempenho escolar. Apresento os textos críticos a Bourdieu, como o de Bernard Lahire, Maria Alice Nogueira e Claudio Nogueira. Considero que esses conceitos seriam os mais profícuos para a compreensão dos futuros professores dos benefícios que esses capitais conferem aos alunos.

A última proposta, já em tempos pandêmicos, foi a utilização dos dados do Enade sobre os formandos em licenciatura de 2017. Além disso, foi feita uma pesquisa com os alunos do período (em torno de 150 estudantes), com algumas variáveis semelhantes à enquete do Enade. Esse exame permitiria observar como os dados brasileiros de seus colegas de profissão se contrapunham aos dados dos alunos da Uerj, uma instituição de prestígio

situada na área metropolitana. Uma primeira análise era feita em sala para que eles pudessem entender a lógica de como pode ser feita essa comparação. Como avaliação final, eles deveriam fazer a triangulação das pesquisas com as suas trajetórias. Uma pequena iniciação científica com dados qualitativos e quantitativos, usando o jogo de escalas do macro e micro (REVEL, 1998).

Apesar de ter sido uma ideia própria, verifiquei que muitos professores realizam trabalhos parecidos, atividade que tem se denominado de auto-socioanálise. O embasamento teórico foi registrado em dois trabalhos publicados no dossiê *O ensino de Sociologia na educação superior: experiências nacionais e internacionais*, da revista *Linhas*, de Florianópolis, em 2020. O primeiro, chamado “Pensar um sucesso alternativo na universidade – Reclassificar experiências de professores e de estudantes com base na auto-socioanálise”, e o segundo, “Auto-socioanálise: uma ferramenta a serviço da democratização da universidade? Retorno crítico sobre uma experiência pedagógica”. Nos artigos são apresentados os motivos para a realização dessa prática pedagógica.

Este livro, no entanto, pretende apresentar o resultado dessa prática pedagógica, a saber: como os alunos falaram de si próprios. Quais relações conseguiram fazer com o suporte dos textos teóricos dados em sala? Durkheim dizia que não era possível fazer Sociologia com o indivíduo. Faz parte das regras do método sociológico essa proibição. Depois vieram as fenomenologias que buscaram entender os indivíduos em pequenos grupos. Agora proponho a vocês análises feitas pelos próprios indivíduos. Como conseguimos nos entender sociologicamente? Que experiências nos demonstram que somos frutos de um contexto específico que nos faz ter determinados *habitus*? Alguns exemplos dados em sala sobre essas diferenças são as perguntas que as famílias podem fazer quando sabem de um namoro das filhas. A mãe da moça da camada popular pode querer saber se o namorado da filha trabalha. A da camada média vai querer saber onde o menino estuda. Quanto mais alta for na pirâmide social, maior a chance de a família querer saber o sobrenome do namorado. Assim, nossa inserção social se manifesta em vários momentos da nossa vida.

A proposta do trabalho de análise da própria jornada é bastante delicada. Falar de si não é simples; perceber-se de forma objetiva, menos ainda. Como transformar algo que é tão íntimo — que é nossa existência — em uma análise, usando conceitos sociológicos?

A escrita também pode ser um empecilho. Não são todos que a dominam bem. A má qualidade das escolas de educação básica se percebe facilmente. Não são apenas os alunos provenientes de escolas públicas que apresentam essa dificuldade. Mesmo alunos que teriam (em teoria) tido mais chances em virtude de terem estudado em escolas privadas têm essa restrição. Não é possível ensinar Bourdieu e, ao mesmo tempo, praticar o

que ele chamou de violência simbólica. Uma violência oculta que ocorre principalmente na e pela linguagem. Bourdieu explica que a escola demanda dos alunos um domínio do capital cultural que eles não trazem de casa, como se todos fossem possuidores deste. A violência ocorreria porque os dominados, como ele denomina, não perceberiam essa imposição da escola e imputariam o fracasso a si próprios como se fosse uma incapacidade inata. Por isso, o cuidado com a correção precisa ser redobrado. A pontuação é feita pelo domínio dos conceitos. Palavras grafadas erroneamente, concordâncias verbais não feitas, uso inadequado de palavras, entre outros problemas de escrita, não são motivo para retirada de pontos. Ao contrário, são sinalizados, e as regras de português são explicadas. Não poderia fazer do trabalho mais uma forma escolar de considerar dons sociais como dons pessoais. Ainda assim, reconheço que é difícil eliminar completamente esse aspecto. A tentativa de reverter essa situação é feita com a possibilidade de reescrita do trabalho, após uma correção minuciosa indicando os problemas conceituais e de escrita. Todos têm mais de uma chance para fazer um bom trabalho. A possibilidade de reescrita também se ancora no conhecimento da cultura da repetência na educação brasileira. O propósito do trabalho não pode passar por uma meritocracia quando sabemos que os alunos não estão em situação idêntica na hora da partida.

A reunião dos textos foi feita a partir de uma chamada geral para todos os alunos que acompanham a página da disciplina no Facebook: Uerj – Sociologia da Educação Prof. Mandelert, no ano de 2019. Outros tinham sido guardados como modelo para inspirar os alunos dos semestres seguintes. Reunimos, dessa forma, 26 textos. De todos os cursos de licenciatura, não temos representante apenas de Química e Matemática. Não foi algo proposital, nem creio que seja uma decorrência do perfil dos alunos desses cursos.

Para nós, leitores dessas histórias, conhecermos essas trajetórias nos permite compreender parte fundamental da própria formação desses alunos em professores. Aprendemos nossa profissão com as experiências vividas e com a formação realizada. No caso dessas licenciaturas, talvez até pela carga horária dedicada ao ensino, eles aprendam mais a ser professores com a experiência do que com a formação. Assim, o trabalho docente em sala de aula é fruto de sua história de vida. Compreender essa trajetória pode trazer importantes insights no momento da posterior prática docente.

Não fiz uma pesquisa com os textos dos alunos. Para além das modificações que foram acontecendo ao longo dos semestres que impediriam o rigor necessário de um trabalho científico, não parecia adequado transformar o trabalho deles em um novo estudo. A ideia aqui é mostrá-los como autores, não como sujeitos de pesquisa. A proposta é

conhecer a trajetória de futuros processos explicada por eles mesmos. Como o título explicita: como pesquisadores de suas próprias vidas.

Pretendemos transformá-los em pessoas próximas de todos, não apenas para estudiosos de Sociologia da Educação, mas para todos que os encontram em suas salas de aula. Para aqueles que querem entender quem serão os professores de seus filhos. Para aqueles que se interessam por boas histórias.

Alguns caminhos são de enorme superação. Vocês verão casos que são únicos. Verão também histórias prováveis, mas que nos surpreendem com a análise sociológica feita pelos alunos. Outras são multifacetadas, carregam em si características paradoxais que confundem a análise. O mais importante é que são jovens incríveis! Aproveitem!

Diana Mandelert & Sara Zarucki Tabac

ADERLÚCIA NASCIMENTO

*Curso: Educação Física
2019*

Vou contar um pouco da história de Aderlúcia Nascimento, nascida em 2 de junho de 1984 no Sítio Barroso II, zona rural de uma cidade chamada Quixelô, no semiárido cearense, filha de pai agricultor que pouco sabia ler, mas que era muito bom em operações matemáticas, e mãe professora da alfabetização, que tinha o ensino fundamental completo.

Sua casa até os sete anos era de taipa, sem luz elétrica, TV, rádio e sem água encanada. Aos oito anos, a família mudou-se para uma casa de alvenaria, seu pai ganhou uma TV preto e branco, e a luz já havia chegado ao sítio em que ela morava, beneficiando mais 100 famílias. Nessa mesma época, ela já assumia responsabilidades familiares, que era cuidar dos irmãos mais novos — além, é claro, de arrumar a casa e fazer comida, pois era a irmã mais velha.

O fato de sua mãe ser professora dava oportunidade à menina de estar em contato com alguns livros didáticos — o que ajudou na sua escolarização, ainda que de forma bastante precária. Não foram poucos os obstáculos. Para concluir a oitava série, ela caminhava mais de dez quilômetros por dia — ressalto que a caminhada se dava dentro da mata de plantas nativas. Até a terceira série, ela sofria bullying na escola, por parte de uma professora que a chamava de loira burra e gata borralheira, além de aplicar castigos corporais quando perguntava a tabuada. Apesar de nos anos 90 o uso da palmatória e ficar de joelho sobre o milho estivessem praticamente extintos nas escolas dos grandes centros brasileiros, essa ainda era uma prática comum no sertão do Ceará. Também não havia ensino de língua estrangeira na escola durante o ensino fundamental.

Aos 15 anos, ela iniciou os estudos do ensino médio na zona urbana da cidade de Quixelô, que ficava a 25 quilômetros do Sítio Barroso II, e começou a fazer trabalho como monitora de uma creche no Sítio Barroso I. Mesmo com todas as dificuldades, ela conseguiu se tornar uma aluna exemplar — o que trazia para sua família orgulho por suas conquistas, pois era uma pessoa que não desistia de seus sonhos.

Mas como a Aderlúcia conseguiu concluir a faculdade de Fisioterapia e está concluindo a licenciatura em Educação Física?

Quando criança, sempre gostou de jogar futebol. Quando tinha sete anos, propôs a seu pai que lhe desse um pedacinho da terra que havia em frente de casa para que pudesse fazer um campinho de futebol. Ela e seu irmão fizeram um pequeno campinho, jogavam juntos com todos os vizinhos e vizinhas da mesma idade, muitas vezes usando bolas de meia.

O fato de ter o futebol como seu esporte preferido era fora do comum numa comunidade tão pequena, o que deu a ela alguns rótulos, como “menina macho”, “macho e fêmea”, e, mais adiante, “sapatão”. Mesmo assim, isso não foi motivo para a adolescente se abalar e desistir de seus sonhos. Um deles era ser jogadora de futebol.

Outras brincadeiras interessantes eram partilhadas com sua prima Angélica. As duas sempre brincavam de empresárias (os brinquedos eram pedacinhos de madeira que elas usavam a imaginação para denominá-los de computador, telefone, fax etc.), algo diferente para as crianças da época, que só gostavam de brincar de casinha e de bonecas.

Podemos atribuir ao pai e à mãe o fato de ela não desistir dos estudos. Os dois sempre disseram que era necessário estudar para se tornar alguém na vida, mesmo que os dois não tivessem condições financeiras para apoiá-la em tal proeza.

No primeiro ano do ensino médio, a adolescente entrou para o time de futsal da escola e começou também a participar de um projeto chamado Aliança com o Adolescente, a convite da professora de Matemática, Ilbetânia. O projeto tinha como objetivo estimular e desenvolver lideranças e voluntariados juvenis na microrregião do Médio Jaguaribe. O maior aprendizado dentro do projeto é que “somos frutos das oportunidades que temos e das escolhas que fazemos”. A adolescente levou seu irmão e irmã mais novos para participarem do projeto e todos os possíveis primos que se interessassem em participar, em especial sua prima Angélica.

Aderlúcia se destacou no time e no projeto, o que fez com que participasse de competições escolares em outras cidades da região e se tornasse presidente do grêmio da escola, agregando a confiança da maioria dos alunos e alunas. Sua estratégia para vencer na campanha para a presidência do grêmio foi falar a verdade, não prometer coisas impossíveis, além de utilizar a construção coletiva como estratégia para ouvir a todos e esclarecer que cada um teria um papel para que fosse possível alcançar os objetivos — ou seja, as responsabilidades eram compartilhadas.

Aos 19 anos, foi convidada pelo prefeito da cidade para se candidatar a vereadora — convite que foi recusado. A justificativa foi dar prioridade aos estudos, mas na verdade a jovem apenas não gostaria de se associar a um grupo de direita que não priorizava a igualdade de oportunidades.

A posição de primogênita fez com que adquirisse responsabilidades familiares maiores. Entre os 15 e 19 anos, acompanhou sua mãe numa batalha contra o câncer. Passou meses no hospital na capital Fortaleza, que fica a 400 quilômetros de Quixelô. Fez a escola em regime especial, indo fazer provas para não perder o ano e estudando a distância. Sua mãe faleceu em 2003.

Todas essas experiências fizeram com que sua vida não ficasse restrita à cidade de Quixelô, ampliando seu leque de oportunidades.

Entrou na faculdade particular de Educação Física na Universidade Regional do Cariri, em 2004. Nesse momento, o desafio era conciliar a carga de trabalho, os estudos e o cuidado com os quatro irmãos mais novos, em especial o mais novo, de oito anos. Em 2005, fez Enem e tirou uma média muito boa, o que a estimulou a se inscrever no Prouni, pois não precisaria mais pagar a faculdade, uma vez que as coisas estavam ficando mais difíceis a cada dia. Ao se inscrever no Prouni, observou que tinha cinco opções: colocou as quatro primeiras em faculdades do interior do Ceará e Paraíba, e na última colocou Rio de Janeiro, curso de Fisioterapia. Em paralelo a tudo isso, aos 20 anos assumiu sua homossexualidade, o que para os interioranos é algo indigesto, e mais uma vez sofreu preconceitos.

Em 2006, seu pai casou-se novamente e ela veio para o Rio de Janeiro, pois ganhou bolsa de 100% na última opção em que havia se inscrito. Na ocasião já estava com 20 anos. Ao chegar, ficou sabendo que a gerente de projetos que tinha coordenado o projeto Aliança com o Adolescente estava com uma nova iniciativa no Instituto Companheiros das Américas (ICA) e precisava de uma estagiária na área de esporte e desenvolvimento humano. Participou do processo seletivo, passou e iniciou sua trajetória profissional e acadêmica na Cidade Maravilhosa. Podemos perceber, nesse momento, a importância do capital social. Devido ao trabalho que realizava desde 2006, ganhou o Prêmio de Jovem líder do Banco Interamericano em 2011 e foi recebê-lo em Calgary, no Canadá. Após o prêmio, foi convidada para participar do Conselho da Sociedade Civil do BID, e por isso participou de reuniões no Uruguai, Paraguai, El Salvador, Argentina e Panamá, o que a ajudou bastante a aprender um pouco de espanhol. Também realizou capacitações da metodologia do ICA no Senegal.

No último ano da faculdade de Fisioterapia, prestou vestibular para Uerj e passou para Educação Física. Em 2013, quando a organização Instituto Companheiros das Américas passou por dificuldades financeiras e a equipe foi dispensada, a jovem foi convidada a dar uma consultoria para a Cooperação Alemã no desenvolvimento de curso virtual para abordagem inicial do esporte como ferramenta para o desenvolvimento. O trabalho foi bem interessante, e a partir daí começou a trabalhar na empresa alemã. Dessa forma, o trabalho proporcionou andanças em praticamente todo o Brasil para a disseminação metodológica, além de Letícia, na Colômbia, Tabatinga, no Brasil e na Alemanha.

Podemos perceber a ausência da maioria dos condicionantes para o sucesso escolar. Aderlúcia deveria ter desistido lá no início, porém existe algo que vai além do meio que nos envolve: os sonhos e a capacidade de lutar por eles. Talvez o fato de os pais sempre estimularem os estudos possa ser um fator. Talvez o sonho em jogar futebol possa ter sido o motor para

mover suas ações e desenvolver outras capacidades secundárias, que iriam além do simples fato de jogar. Ou talvez o fato de sempre se sentir diferente, de não se encaixar em padrões heteronormativos num ambiente extremamente machista, em que as mulheres são sempre submissas ao esposo, fez com que ela pudesse criar o seu próprio caminho. Vendo que nunca se encaixaria nessas normas, a única perspectiva que ela tinha era ir contra todas as dificuldades e estatísticas e lutar, acreditando que a educação é uma forma de evoluir como ser humano e de mudar a própria história.

Hoje Aderlúcia trabalha com Esporte e Desenvolvimento Humano em comunidades do Rio de Janeiro e apoia tecnicamente diversas iniciativas em todo o Brasil. Está concluindo licenciatura em Educação Física na Uerj e se considera uma professora com papel transformador na vida de seus/suas alunos(as). O fato de não ter se enquadrado nos padrões existentes em sua adolescência foi um dos principais fatores que fez com que ela pensasse em outras possibilidades e de fato mudasse sua vida, mudando também a perspectiva quando ministra aulas.

ALEXSANDRA DA SILVA MACÁRIO

*Curso: Letras
2019*

Isso é para nós!

Eu, Alexsandra da Silva Macário, moradora por longo período do município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, fui criada com três irmãos, e sou a segunda na ordem da fratria. Minha mãe, nordestina, só estudou até a quarta série e veio para o Rio trabalhar como empregada doméstica. Já meu pai, menor abandonado e criado na antiga Funabem (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor), só estudou até o atual nono ano.

Meu pai aprendeu a confeitaria, fazer pão e outras receitas durante o período em que viveu na Funabem. Aos 18 anos, foi para o quartel e, ao sair, exerceu o ofício de confeitoiro, lancheiro, pizzaiolo e padeiro. Mesmo sem ter concluído o ensino médio, meu pai apoiou, ainda de forma pouco expressiva, que estudássemos, pois compreendia que isso era importante para que tivéssemos acesso, minimamente, a condições dignas de emprego. Ele dizia: “tem que estudar para ser alguém na vida, papai não estudou, mas quer que vocês estudem”. O salário, no entanto, só dava vazão à alimentação e à manutenção de coisas simples dentro de casa.

Durante minha infância, meu pai incentivou a leitura por meio da compra de livros infantis, mas na minha casa havia pouquíssimos livros, dentre eles a Bíblia e os livros didáticos. Ainda que meus pais não tivessem concluído os estudos, a relação que eles tinham com o estudo era muito boa. Ambos sentiam a ausência e falavam da escola como privilégio de poucos. Essa postura foi de grande importância, pois ambos traziam uma narrativa de sofrimento: meu pai, dos momentos que passou no colégio interno, e minha mãe, da sua vida precária no Nordeste. Diziam que queriam que fosse diferente com a gente. Meus pais sempre atribuíam à vida de sucesso o êxito escolar e diziam que a falta de ensino era a principal responsável por eles estarem na condição atual. Porém, mesmo que meus pais quisessem, não tinham condições de fornecer subsídios para que chegássemos à universidade. Entretanto esse era o anseio não da minha mãe, que se satisfazia com o ensino médio, mas do meu pai, que, ao contrário, desejava que chegássemos ao ensino superior.

Diferentemente de mim e dos meus irmãos, as pessoas que estudaram comigo não terminaram o ensino médio. Muitos pararam no ensino fundamental. Suas famílias tencionavam apenas que os filhos concluíssem o ensino médio ou que pelo menos chegassem a um nível superior ao dos pais. No entanto a maioria abandonava a escola antes mesmo de chegar ao

nível médio; uns começavam a trabalhar, outros iam para o tráfico, e outras ainda engravidavam.

Acredito que grande parte desse apoio escolar “simbólico” — digo simbólico, porque as condições de transmissão de capital cultural eram muito baixas — esteja atrelada à religião, pois meus pais professavam a fé cristã (protestante) e nos transmitiram valores importantes de admiração, respeito e limites. Assim, minha herança de uma educação religiosa me fez ser uma aluna exemplar. Tinha boas notas, os professores me elogiavam, eu dedicava parte do meu dia para os estudos.

Como já mencionei, vivi grande parte da minha vida numa pequena comunidade na Baixada Fluminense com pessoas da classe popular. As casas são como sobrados, um amontoado de moradias num pequeno espaço. As pessoas não têm condições de levar seus filhos à praia, shoppings ou qualquer outro tipo de programa para divertimento e acesso à cultura, pois o dinheiro tem de ser racionado para a sobrevivência. No meu caso não era diferente: vivi numa casa pequena, poucos cômodos, e eu e meus três irmãos dormíamos juntos no mesmo cômodo, a sala. O único passeio que fazíamos com meus pais era ir à Quinta da Boa Vista, ou ao centro de Caxias quando minha mãe precisava resolver algo lá. Os demais passeios que fazíamos eram os proporcionados pela escola.

Minha mãe abandonou o emprego após o nascimento dos filhos, e as despesas passaram a ser custeadas por uma única pessoa, o que resultou em uma diminuição de renda. Além disso, quando meu pai ficava desempregado, a alimentação dentro de casa ficava bastante escassa; se faltava o gás, meus pais cozinhavam na lenha e comíamos angu. Uma realidade não distante das pessoas que habitavam o mesmo bairro que eu. A exceção se dava para filhos de comerciantes e de indivíduos em que ambos os pais trabalhavam. Essas pessoas iam para escolas particulares e faziam cursos de inglês.

No fim do ensino fundamental, orientada por uma professora, fui para o curso normal numa escola no centro de Caxias. Lá tive acesso à biblioteca, lia muitos livros; via que as meninas de lá se empenhavam bastante em relação aos estudos. Nesse período, conheci a Luana, filha da patroa do meu pai, que cursava Administração na Uerj. Como minha mãe tinha pouquíssima instrução, não conseguia me orientar com os trabalhos de casa, e a Luana me ajudava. Assim que terminei o ensino médio, fui dar aula numa escola atuando na educação infantil. Com o incentivo da Luana, não demorou muito para começar a me inscrever para pré-vestibulares sociais. Tendo em vista que ela desejava entrar para o curso de Psicologia, chamou-me para participar do processo seletivo da Uerj, ajudando-me com a documentação para o sistema de cotas. Fiz a prova e passei. O contato que tive com a Luana fez toda a diferença, pois embora meu pai desejasse que

eu chegasse ao ensino superior, não me fornecia subsídios nem informações para isso.

De todos os meus familiares, vou ser a primeira a me formar no ensino superior, porém hoje já tenho primos e irmãos que estudam para ingressar numa universidade. Isso porque houve uma ruptura no “estudo não é para nós”, e agora todos já podem sonhar com o diploma de ensino superior.

ALINE DELARMELINA

*Curso: Letras
2018*

Sou de uma família rural e pobre de São Fidélis, no estado do Rio de Janeiro. Minha mãe ascendeu socialmente sem a escola, pois veio para a capital quando tinha 15 anos e começou a trabalhar para uma família da camada média e a morar no local de trabalho, na Zona Sul. Os padrões dela (mãe e filho) são minha madrinha e meu padrinho. Ele tem altíssimo capital cultural, que inclui três graduações completas, frequência assídua a concertos de ópera, peças de teatro, apresentações de balé e diversas viagens pela Europa. Ele me passava esse capital cultural desde quando eu era criança, e até hoje ainda cultivo essas preferências. Eu e minha mãe sempre o enxergamos como um exemplo a ser seguido.

A escola sempre foi vista por minha mãe como uma forma de ascensão de classe social, e, por estar inserida em uma família de classe média, ela adotou uma postura malthusiana e asceta. Sou filha única, e minha mãe nunca demonstrou interesse em ter outros filhos. Ela prefere investir o máximo que pode em uma filha apenas. Sobre a segunda postura, tanto minha mãe quanto meu padrinho abdicaram e ainda abdicam de bens materiais e outras formas de investir o capital financeiro para privilegiarem meus estudos. Meu padrinho abdicou de viagens e da possibilidade de adquirir um imóvel mais caro para que eu tivesse a oportunidade de ingressar em um curso de inglês aos 11 anos e posteriormente pudesse fazer um dos melhores e mais caros pré-vestibulares do Rio. Minha mãe abdicou de buscar outro emprego ou até mesmo de voltar a estudar (ela não concluiu o ensino médio).

Essa ideia de ascetismo visando ao sucesso escolar ainda ocorre. Quando iniciei a segunda graduação, minha mãe me deu a opção de parar de trabalhar para que eu pudesse investir mais nos estudos. Mesmo sendo bolsista de monitoria, preciso de parte do recurso financeiro dela para custear minha graduação. Como o capital financeiro é garantido, visto que ainda residimos na casa onde minha mãe trabalha, ela e meu padrinho acham válido que eu insista nos estudos até encontrar a área que eu queira seguir profissionalmente.

Já fui para o colégio particular alfabetizada pela minha madrinha, que era professora de Português. Tinha muita facilidade para ler e escrever e era parabenizada pelo colégio por isso, enquanto outros alunos, que ainda estavam sendo alfabetizados, ficavam envergonhados e constrangidos por só eu levar o mérito. Sempre gostei de estudar, mas ser elogiada pelos

professores o tempo todo certamente serviu como incentivo para eu me dedicar ainda mais.

Quando iniciei os estudos no Colégio Pedro II e tive pela primeira vez a chance de interagir com pessoas de outras classes sociais, conseguia enxergar diferenças, mesmo sem ainda entendê-las. Iniciei a quinta série e percebia que meus colegas de classe não conseguiam aprender parte do conteúdo ensinado. Eles tinham defasagem de ensino, porque muitos eram oriundos de escolas públicas onde havia falta de professores para certas disciplinas; então, o conteúdo programado para uma série não era cumprido. Como eu vinha de uma escola particular, nunca enfrentei esse problema.

Minha mãe me levava e buscava no colégio até eu ingressar na sétima série. Ela nunca me impôs restrições quanto a horários para estar em casa e nunca me impediu de ir a festas ou sair com os amigos, desde que os deveres de casa estivessem sempre em dia e eu mantivesse notas altas.

Com relação ao meu ingresso na universidade, iniciei a primeira graduação com 18 anos. Desde criança sempre sonhei com carreira na área de Biologia, e ninguém nunca se opôs ao meu desejo de fazer graduação nessa área. Inclusive, devido às minhas notas altas alcançadas no Pedro II, tive a oportunidade de estagiar em um laboratório de Aracnologia no Museu Nacional por dois anos.

Mesmo quando percebi que uma carreira em Biologia não daria certo e comecei a mostrar interesse pela área de Letras, decidindo começar uma nova graduação, ninguém se opôs também. Tinha um conhecimento razoável sobre como seria uma universidade e sempre tive a Uerj como primeira escolha. É a faculdade na qual meu padrinho cursou Psicologia e Engenharia, e, assim, desenvolvi afeto pela universidade por conta das histórias de graduação que ele me contava.

Antes de me inscrever no curso de Sociologia da Educação, não fazia ideia de como todos esses fatores unidos haviam colaborado para a minha trajetória até o ensino superior. Apesar de não entender como certos fatores — como o fato de a minha família ser católica — colaboraram para o meu sucesso, ler um pouco sobre o pensamento de Bourdieu fez tudo fazer sentido e desconstruiu um pouco algumas ideias que eu tinha sobre aptidão escolar. O conceito de capital cultural foi de suma importância para que eu entendesse como tudo colaborou com a minha formação.

AMANDA DA SILVA JULIÃO

Curso: Física
2018

Eu nunca imaginei que um dia essa pergunta fosse feita a mim, e muito menos que tivesse uma resposta. Para iniciar a minha história, preciso contar brevemente sobre minha família e de onde vieram. Meus avós maternos, com os quais tive mais contato, nasceram na zona rural do estado da Paraíba e têm a mesma história: muito pobres, com muitos irmãos e muitas vezes sem ter o que comer. Por conta disso, começaram a trabalhar ainda crianças, e ir à escola não era uma opção. Eles se casaram e foram para Recife, capital de Pernambuco, lugar em que minha mãe nasceu. A mais nova dentre os oito irmãos veio para o Rio de Janeiro com cinco anos de idade, mas, antes disso, meu avô veio, conseguiu um emprego de pedreiro e de ajudantes para meus tios, e de doméstica para minhas tias mais velhas — essas com 13 anos de idade, mais ou menos. Ele comprou um barraco no alto do morro do Campinho, bairro localizado perto de Cascadura e Madureira, onde toda a família veio morar. Inicialmente sem luz, água, paralelepípedo ou asfalto, nem consigo imaginar como deve ter sido. Meus avós bebiam, fumavam e se machucavam muito. A preocupação quanto aos filhos irem à escola não existia.

Minhas tias trabalhavam em casas de famílias privilegiadas e as tinham como exemplo. Viram o quão importante era frequentar a escola. Ainda assim elas não foram, pois tinham de continuar a trabalhar, então dentre a fratria apostaram na caçula, minha mãe. Por não vivenciar as pressões como os irmãos mais velhos, finalmente foi matriculada numa escola, pública e para poucos. Não possuía caderno, lápis, tampouco roupa e sapato para frequentar a instituição de ensino. Com a ajuda também de sua professora conseguiu o mínimo para continuar indo às aulas e completou o ensino fundamental, sendo a primeira na família.

Com uma situação financeira melhor, meu avô e meus tios compraram um terreno grande, ainda no morro, bem mais abaixo da antiga casa, e com luz, água e paralelepípedo. É o local onde moro até hoje. Com essa melhoria, uma de minhas tias, hoje falecida, decidiu pagar um colégio normalista para minha mãe. Não faziam ideia de como conseguir uma entrada no ensino médio de outro jeito. Apesar de todo o esforço para pagar o estudo, depois de formada ela não seguiu a profissão. Não soube como poderia entrar no mercado de trabalho exercendo sua especialização, então foi trabalhar como caixa de supermercado. Já conhecia meu pai, pedreiro, com escolaridade até o ensino fundamental e nascido em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Mas só puderam namorar às claras depois de ter

completado 18 anos e com minha mãe empregada, exigência de meus avós conservadores. Casaram-se aos 20 (eles têm a mesma idade), construíram uma casa em cima da dos meus avós, e aos 23 tiveram meu irmão. Tenho apenas duas tias vivas, que moravam no mesmo quintal junto de meus avós e meus pais. Tendo todos seus “puxadinhos” e empregados, não passaram mais por nenhuma dificuldade como antes.

Meu avô trabalhava como faxineiro em um colégio de freiras perto de nossa casa, e com suas relações sociais influentes e capital social conseguiu bolsas de estudos de 100% para meu irmão e primos. Minha mãe conheceu a mãe de um amigo de classe do meu irmão, e, depois de dizer que havia se formado em um colégio normalista, conseguiu um emprego na creche da comunidade em que moramos. Depois de um tempo, saíram do emprego e decidiram trabalhar com aulas particulares, como explicadoras. Eu nasci de forma não planejada. Minha mãe, preocupada com os gastos futuros, fez um procedimento médico para não engravidar mais. Com meu avô já aposentado, não consegui uma bolsa em um colégio particular. Ela, conhecendo o desempenho de alunos da rede pública e particular, fez questão de que eu aprendesse a ler e a escrever bem. Abrindo mão de gastos com passeios e de bens materiais em benefício desse desejo futuro, minha mãe me matriculou em uma escola localizada nos fundos de uma igreja evangélica, com poucos alunos (em torno de dez). Eu adorava a escola, me sentia confortável e livre, chorava muito quando não ia; fiz amizades que permanecem até hoje! Estudei lá até o antigo CA (classe de alfabetização).

Seguindo o desejo de minha mãe, eu sabia ler e escrever praticamente tudo, mas não aprendi somente isso: aprendi tantas outras coisas que passaram despercebidos para minha família. O que realmente importava era o domínio da língua, algo deficiente em nosso ambiente familiar, e o *habitus* de pedir “a benção” para os mais velhos e jamais respondê-los! Troquei de escola, fui para a rede municipal de ensino com aproximadamente 30 alunos em sala de aula, totalmente diferente do que eu estava acostumada. Foi difícil me adaptar, muitos alunos e muitas situações nas quais eu não sabia como me comportar. Minhas notas sempre foram as melhores, fui destaque anual durante algum tempo. Apesar de ter uma mãe professora, ela dificilmente tinha tempo para me ajudar com os deveres de casa e dizia ser minha obrigação ser a melhor. Estudei nessa escola da primeira até a oitava série. Durante esse período, minha mãe investiu na minha escolarização: fiz um curso de informática e montagem/manutenção com duração de dois anos, e desde então não largo do computador. Iniciei um curso de inglês fundado para a camada popular; a mensalidade era bem mais baixa do que a de um curso de nome famoso, mesmo assim não pude concluir. Nesse momento, minha mãe quis investir num curso preparatório para o ensino médio técnico.

Enquanto cursava a oitava série, aos sábados frequentava um curso preparatório de uma ONG onde minha mãe pagava apenas o material. Lá eles nos incentivavam bastante a estudar e nos explicavam como funcionavam editais de concurso etc. Nesse momento eu gostava de ir ao shopping e brincar naquelas lojas de jogos, mas tinha de ser muito rápido, pois eu não podia chegar em casa depois de anoitecer. Numa dessas idas ao shopping, conheci um menino, meu amigo até hoje, que estudava em um colégio de ensino médio técnico em multimídia chamado Nave. Esse instituto foi organizado pelo governo do estado do Rio de Janeiro em parceria com a Oi Futuro. Comentei com minha mãe a respeito, e ela nunca tinha ouvido falar. Pesquisei e descobri que era um colégio novo, e na época nenhuma turma havia se formado ainda. Como a inscrição para o concurso era gratuita, me inscrevi e passei nas duas fases. Além disso, passei para o Cefet em Turismo e no antigo Cefeteq em Química. E a dúvida cruel? Minha mãe não soube me ajudar. Ela não podia decidir por mim. Ela foi comigo visitar os colégios, e adivinha qual escolhi? O Nave, a maior incerteza de sucesso, um colégio estadual, integral, e o pior de tudo: longe de casa, uma hora de viagem. E sabe o que me ajudou a escolher? O curso de informática lá de trás. Aprendi *design*, cinema, programação, a me virar sozinha e a lidar com pessoas nada a ver comigo, com capital econômico, social e cultural totalmente diferentes do meu. Esse curso me apresentou assuntos que não conheceria em colégios tipo Cefet. Estudar em um colégio com propostas nada conservadoras me ajudou a ser uma trãnsfuga, a não seguir o destino do meu estrato social.

No terceiro ano do ensino médio, voltei para o curso preparatório da ONG que havia me levado para esse colégio tão incrível, mas dessa vez para me levar até uma universidade pública. Me formei no ensino médio como técnica em multimídia, mas infelizmente depois não veio a universidade pública; foi mais difícil do que imaginei. Colegas de classe foram aprovados, e eu não. Havia tentado Desenho Industrial, o caminho que estava seguindo. Para tentar novamente e conseguir pagar um pré-vestibular, precisei trabalhar. Nesse momento o ensino médio técnico ajudou bastante, trabalhei aos finais de semana filmando peças de teatro com acessibilidade e ganhava por sessão. Consegui pagar meu pré-vestibular num curso melhor, o qual eu frequentava todos os dias na parte da noite. E minha mãe/família, onde estavam nesse momento? Eles já não podiam mais me mostrar caminhos, apenas me apoiavam aonde eu fosse. Tive de descobrir tudo sozinha, pesquisando e perguntando para desconhecidos como chegar aonde queria. Eu, a primeira da família com chances de entrar numa universidade pública ou privada; quanta *respon*sa! Exemplo não só para minha família, mas também para vizinhos e amigos do meu bairro.

Antes de uma possível entrada na universidade, decidi fazer um curso de *motion design*, gratuito e com duração de um ano e meio. Era uma parceria com um curso de inglês para bolsistas, a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa. Eu *num* Cultura Inglesa? Abracei todas as oportunidades, e o melhor: tudo de graça! Quanto mais conhecimento, mais chances eu tinha de entrar de vez no mercado de trabalho. Apesar da pressão do vestibular, me senti mais livre. Já com 18 anos, pude sair, conhecer o Rio de Janeiro, me transportar com facilidade pela cidade, conhecer pessoas novas, e aprendi a me comportar de acordo com os lugares e situações.

Depois de ter passado por tudo isso e acompanhado a dificuldade que meus amigos tinham com as matérias de exatas — principalmente Física —, decidi que iria compartilhar todo e qualquer conhecimento. A maneira que encontrei para realizar foi cursar licenciatura em Física na Uerj. Essa matéria é bem abstrata. Na graduação, com doutores como meus professores, percebi o quanto essa disciplina é difícil, principalmente por não ter incentivo, pela falta de vontade, pelo egoísmo, pelo individualismo etc. Confesso que fiquei bastante decepcionada com o curso.

Esse trecho responde ao meu desempenho na universidade. Hoje, com 23 anos, no sexto período, depois de “levar muita porrada” nas matérias de Matemática e Física da universidade e sem ter a quem recorrer — coitada da minha mãe, que ouviu milhões de reclamações! —, já não tenho mais pressa de me formar, não me desgasto/sofro tanto. Tenho meu emprego como designer, consigo ajudar com as despesas de casa e ainda guardar dinheiro para interesses futuros. Cursando inglês na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, estou no décimo livro, já tendo se passado cinco anos. Tento manter minha saúde mental e física, mesmo que tudo conspire contra. Meu objetivo é desmistificar a Física e atrair alunos e curiosos com meu conhecimento informativo e visual. Continuo morando na comunidade do Campinho com minha mãe e padrasto, que tem a profissão de porteiro. Tudo que eles não puderam me mostrar hoje eu lhes mostro com o maior prazer do mundo!

ANDRÉ PAULO FERREIRA DA COSTA

Curso: Geografia
2014

Jornadas escolares sob a ótica da teoria bourdieusiana: um breve relato de caso

Inicialmente, antes de adentrarmos nas análises sociológicas específicas desenvolvidas neste breve ensaio, cabem algumas considerações acerca da objetivação e da metodologia empregada na abordagem do tema proposto — “jornadas escolares”. Esta será laborada através do uso de argumentos que comungam em diversos aspectos com a argumentação trabalhada por Bourdieu; contudo apresentará, por vezes, algumas críticas aos preceitos preponderantemente culturalistas embutidos no discurso desse autor, ensejando a contribuição da crítica marxista acerca da educação, citando o italiano Antonio Gramsci. Nessa esteira, narrarei e analisarei minha própria jornada escolar, desde meu ingresso no ensino primário até minha atual situação educacional, argumentando sobre os motivos que me levaram a ter ora êxitos, ora insucessos.

Em 1997, aos quatro anos de idade, fui matriculado pela primeira vez em uma instituição particular de ensino, chamada Universidade da Criança, para cursar o jardim da infância I. Ali fui apresentado à lógica do sistema educacional capitalista e se iniciava meu processo de “aclimatação” ou disciplinamento a ele.

No ano seguinte, em 1998, na impossibilidade de minha família continuar arcando com as mensalidades da escola particular, fui matriculado em outra instituição de ensino, chamada Escola Municipal Goethe, de caráter público, para cursar o jardim da infância na idade indicada de cinco anos. A distância que separava a minha primeira universidade — a Universidade da Criança — da Escola Goethe era de apenas 100 metros. Embora tão próximas, as diferenças para minha percepção infantil foram gritantes. Lembro-me nitidamente do silêncio, do pequeno número de crianças e da ordem da primeira escola sendo substituídos por barulho, confusão e uma quantidade enorme de crianças de faixas etárias variadas. A adaptação inicial não foi simples. Medo era o sentimento logo de início.

Em 1999, no ano seguinte, permanecendo na Escola Goethe, iniciei a classe de alfabetização (C.A.), mantendo-me lá por poucos meses. Foram meses confusos: entendia a escola como lugar de brincadeiras, não de aprendizado. Recorrentemente eram enviados trabalhos a serem feitos em casa para exercitar a escrita e leitura, os quais eu não compreendia. Percebendo a situação, minha mãe, Sônia da Costa, buscou se informar

acerca do nível de alfabetização dos demais alunos. Assim como eu, havia outras crianças que não conseguiam acompanhar o conteúdo ministrado. Meus pais optaram por me retirar da Escola Goethe e me matricularam no meio do ano letivo em outra instituição do ensino primário da rede municipal, a Escola João de Deus.

Nessa nova instituição, contando com o excelente trabalho e com a digníssima boa vontade da então diretora da escola — senhora Luciana Landrino —, tive um acolhimento especial, tendo sido iniciado no processo de alfabetização diretamente pela diretora. Frequentei somente a sala da direção durante o primeiro mês, já que me encontrava muito atrasado em relação à turma do C.A. da escola. Durante todo o primeiro mês, a diretora Luciana me ensinou que escola não era lugar só de brincadeira. Rapidamente consegui ser integrado à turma regular.

Transcorrido esse início tortuoso, os demais anos do ensino do primeiro segmento do ensino fundamental — cursados na João de Deus — ocorreram dentro da normalidade. Após a segunda série, já demonstrava certo destaque na assimilação do conteúdo em comparação à média da turma, logrando bons conceitos na maioria das vezes. Em 2003, já na quarta série, não tendo sido reprovado em nenhuma das séries anteriores, meus pais me matricularam em um curso preparatório para o ingresso no segundo segmento do ensino fundamental de escolas federais, as quais tinham qualidade e tradição reconhecidas. Obtive êxito em um desses concursos e ingressei em um dos mais tradicionais colégios do Rio de Janeiro, na unidade de São Cristóvão do Colégio Pedro II, dando início a uma nova etapa de minha vida estudantil — a qual, sem dúvidas, direcionaria todo o resto de minha trajetória, pois, como diz Bourdieu, “as cartas são jogadas muito cedo”.

Julgo ter tido sucesso no primeiro segmento do ensino primário, contando com a participação decisiva e a aposta de minha família em dois momentos cruciais: em minha alfabetização e na escolha do destino educacional no segundo segmento do fundamental. Isso poderia ser explicado da perspectiva bourdieusiana como sendo fruto de um capital cultural acumulado mais ou menos privilegiado da família, em detrimento do capital econômico, assomado a um *ethos* de classe que lhe dessem uma “boa vontade educacional” — aquela das classes médias, como diz Bourdieu, caindo no falso mito da ascensão social através da educação. Todas essas proposições parecem ser, na verdade, apenas meio verdadeiras, já que o nível de cultura institucionalizada de sua família não é tão elevado. Quase a totalidade dos seus parentes diretos — aqueles que têm ou tiveram contato íntimo — e seus antepassados provém das classes operárias, nenhum deles ostentando formação em cursos de educação superior. Em linhas gerais, minha família pertence às classes menos favorecidas, encontrando-se no limiar inferior do estrato médio-baixo, sendo menos

propícia, portanto, a ter um *ethos* de classe cuja boa vontade escolar estivesse presente.

Dessa forma, ao analisar minha jornada escolar até este ponto, as relações causais existentes entre minha orientação familiar, escolhas, êxitos e fracassos escolares parecem estar permeadas de um maior grau de complexidade. Haveria de se levar em consideração a fluidez social brasileira, a qual é suficientemente fluida para manter a “solidariedade de classes” — levando, conseqüentemente, à assimilação de um *habitus moral* — *ethos* — que não se enquadra perfeitamente na realidade de uma dada classe social. Em outras palavras: no Brasil, aparentemente, boa parte das classes menos favorecidas reproduzem um *ethos* que não cabe à sua realidade, como sinaliza a relativa boa vontade escolar percebida nesses estratos mais baixos.

Continuo a narrativa e adentro na análise do cumprimento do segundo segmento do ensino primário por mim. Após uma análise rápida de meus boletins escolares e de entrevista com meus pais, julgo novamente ter tido muitos sucessos. Durante os quatro anos do segundo segmento, de 2004 a 2007, atingi resultados superiores à média do Colégio Pedro II — grau 7,0 — em minhas avaliações trimestrais, os quais apresentavam-se, em sua maioria, acima de grau 8,0. Cursei todo o segmento em um ambiente salutar, que fez e ainda faz vanguarda na educação brasileira. Adaptei-me muito bem e rápido.

No ano de 2007, chegando à antiga oitava série — momento de transição para o ensino médio —, minha família empenhou-se novamente em arcar com os custos de um curso preparatório para os concursos dos colégios militares e técnicos. Novamente tive sucesso nessa empreitada familiar, sendo aprovado e ingressando em outro colégio de ensino tradicionalmente reconhecido, o antigo Cefeteq/Maracanã, atual IFRJ/Maracanã. Este representa um segundo ponto de inflexão que alterou novamente o direcionamento da minha formação. Foram anos de muita cobrança! Era de praxe todo ano ocorrer uma “reunião de boas-vindas”, quando os diretores e coordenadores de ensino repetiam sempre a mesma frase: “...se seu filho era aluno nota 10 nas outras escolas, aqui ele será nota 6...”. De fato, as notas baixas vieram, e, acompanhando-as, o cansaço e a frustração. Penso que se uma lâmina pudesse ter sentimentos ao ser batida, temperada e amolada, ela teria os mesmos sentimentos que tive durante o ensino médio. Em todo caso, cumpri todos os períodos e julgo que IFRJ/Maracanã foi de grande importância para minha formação, sobretudo no que tange ao comportamento profissional e ao exercício da ciência.

Em certa medida, transcorridos os quatro anos de minha formação médio-técnica, a aposta de minha família se mostrou certa, já que ao me

formar encontrei rapidamente espaço no mercado de trabalho, atuando como biotecnólogo.

Atingido o fim do segmento médio, havia chegado a derradeira época dos vestibulares, os quais, como todo jovem, eu teria de prestar. Dessa vez, no entanto, não pude contar com o esforço da minha família durante a preparação para os concursos. Em 2011, ao realizar o Exame Nacional do Ensino Médio pela primeira vez, consegui aprovação através das medidas afirmativas voltadas para alunos de baixa renda no Sisu para o curso de Ciências Farmacêuticas na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cursei os três primeiros períodos em concomitância com o trabalho técnico. A rotina dos estudos integrais associada à necessidade de trabalho, no entanto, constituiu-se como grande dificuldade para minha continuidade no curso. Além disso, percebia grande discrepância em diversos aspectos entre mim e meus colegas de classe: classe social, mobilidade, apoio financeiro, domínios de línguas estrangeiras. Para minha percepção, tais discrepâncias aumentavam em muito o horizonte de perspectivas dos meus colegas, ao passo que meu horizonte diminuía. Abandonei o curso e experimentei meu primeiro grande fracasso.

Foi nessa conjectura, portanto, que o mito da ascensão social pelo cego e ininterrupto esforço na educação formal se apresentou pela primeira vez para mim e minha família. Percebemos que, mesmo sendo submetido a um processo de superseleção, contando com o esforço e a orientação familiar, as desigualdades latentes existentes na sociedade, cedo ou tarde, transformam em mito o papel ascensor da educação (BOURDIEU, 2003).

A educação burguesa é, desse modo, mantenedora do status quo, como propõe Bourdieu. Porém presta-se a tal papel não apenas por conta da sua própria cegueira em interpretar corretamente a capitalização diferencial da cultura, mas objetivamente através da relação entre os intelectuais — políticos, burocratas, professores etc. — que deveriam orientar a administração em todas as frentes da sociedade, inclusive na educação. Para sobrepujar tal digressão, a escola não deveria, diferentemente do que defende Bourdieu, somente fornecer os meios necessários para que os filhos do proletariado assimilem “a cultura legítima” e atinjam pleno sucesso escolar. Na realidade, a escola deve prestar-se a uma função unificadora dos vários tipos de organização cultural, fazendo-se em instrumento verdadeiramente democrático, integrando atividades acadêmicas tradicionais voltadas para a assimilação de conhecimento humanístico e científico, atividades voltadas à vida coletiva, à produção e ao trabalho, sendo essas voltadas para a produção de conhecimento técnico-científico. Esse é o escopo da proposta do italiano Antonio Gramsci acerca de uma Escola Unitária, de caráter politécnico, a qual deveria formar a base da camada governante tecnicamente preparada e com formação humanística preservada, de onde deveriam emergir cidadãos completos, participantes,

emancipados, administradores. Em suma, trabalhadores polivalentes, os quais pudessem acessar qualquer área de formação, inclusive Ciências Farmacêuticas, Médicas ou Biomédicas (RAMOS, 1996)

Por fim, fecharei esse breve ensaio narrando minhas empreitadas educacionais após meu primeiro grande fracasso. No ano de 2013, após evadir do curso de Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, prestei novamente vestibular para ingressar no segmento superior. Dessa vez, a escolha foi Geografia, opção advinda da inspiração em bons professores que tive nos anos de Pedro II. Obtive sucesso nessa nova seleção. Fui aprovado para matricular-me no curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro no primeiro período de 2014. Até aqui tudo corre bem. A grade de horários do curso me permite levar de forma satisfatória a dupla jornada de estudante-trabalhador. A própria constituição dos corpos docente e discente me parece mais democrática. Acredito ser possível galgar as mais altas posições que essa formação pode proporcionar, independentemente das diferenças sociais entre mim e meus colegas de classe. Dentre as minhas esperanças, vale registrar uma delas: transformar-me em professor e transmitir, direta ou indiretamente, aos meus alunos as críticas e propostas bourdieusianas e marxistas acerca da educação, intuindo suscitar neles um espírito esperançoso e revolucionário que contribua, em alguma instância, para a construção de um sistema educacional realmente democrático, justo, polivalente e produtivo.

BRENO VÍTOR GOMES DOS SANTOS

Curso: Filosofia
2019

Nasci no dia 4 de julho de 1999. Sou o segundo adotado pela Leila, mulher solteira, filha do meio entre os três irmãos. Formada pela Faculdade Gama Filho em Biologia, que após o término dos estudos começa a trabalhar na Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (Feema), atual Instituto Estadual do Ambiente (Inea). Minha mãe é originariamente da camada popular, moradora de Piedade, filha de cozinheira e motorista/operário, tendo uma vida caracterizada pelo “liberalismo”, termo usado para quando os pais incentivam mais a inserção dos filhos no mercado de trabalho cedo do que na faculdade, por necessidade de complementar renda dentro de casa. Como funcionária pública, ela é da camada popular ascendente para a camada média. Minha mãe conta com duas amigas, minhas madrinhas, Gleide (formada em Filosofia pelo IFCS) e Sílvia (formada em História pelo IFCS), ambas também provenientes das classes populares, e com sua irmã, Ângela Maria (minha tia), também formada em História pelo IFCS, para ajudar na minha criação. Moramos todos até hoje na mesma casa, em Curicica, bairro periférico às áreas nobres da Barra e Recreio. Aqui temos a presença de pequenos empreendimentos, como padarias, mecânicos e papelarias, além de alguns tipicamente brasileiros, elevado número de igrejas evangélicas e forte presença de nordestinos de gerações posteriores às originais.

Nos momentos de iniciação escolar, entro para a Escola Municipal Roberto Burle Marx, escola pública que se encontra próxima aos condomínios das camadas mais altas da região — mesma instituição da minha irmã Flávia (seis anos mais velha) e minha prima Júlia (oito anos mais velha). Devido à localidade, a escola mantém um certo grau elitista sobre todos os seus aspectos (alunos, professores, espaço escolar, coordenação). Com isso, o espaço escolar acaba por demonstrar a violência simbólica (uma espécie de arbitrário cultural da classe dominante, que impõe a sua cultura como sendo a única e verdadeira existente) e o seu papel para a reprodução das desigualdades sociais, por mais que os professores se esforçassem para reduzi-la. Podemos citar como exemplo alguns casos, como quando era necessário ter uma ideia prévia de movimentos históricos para melhor apreensão da matéria (como Tropicália, Golpe de 64, Contracultura, Movimentos Artísticos). Em meio a essa situação, que era percebida pelos alunos, cada um só aceitava seu lugar “na cadeia alimentar”, aceitando os papéis de vítimas ou de privilegiados da violência e dominação cultural.

Agora este parágrafo será sobre as minhas madrinhas. Gleide nasceu no interior do estado do Rio de Janeiro, mudou-se para o interior de São Paulo por conta do trabalho do pai e acabou voltando para o Rio aos 17 anos para completar o normal. Sempre foi incentivada a cursar o ensino superior, mesmo tendo que ajudar trabalhando na banca de frutas do pai. No ensino superior, conheceu Sílvia e Ângela. Ficou pouco tempo no trabalho formal em tempos da faculdade, mas, ao se formar, começou carreira no artesanato, no qual trabalha até hoje. Com ela aprendi arte teórica, reconhecer artistas, o valor e as técnicas de pinturas, além de sempre frequentar o ateliê dela, que era no terraço de casa, onde hoje é meu quarto. Sílvia conheceu minha tia em meio ao ensino médio no Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht. Começou a trabalhar para seu sustento apenas na faculdade. Por sua influência, aprendi a gostar de música, leitura e cinema, temas aos quais dedicamos muito tempo de discussões e análises.

O acompanhamento familiar no processo de educação, sempre constante, foi feito principalmente por parte das minhas madrinhas Gleide e Sílvia, igualmente válido para o acompanhamento cultural. Fui criado em uma casa com acesso a discos de vinil e filmes de diversos gêneros, livros e revistas da época de universitárias, desenvolvendo assim em mim uma espécie de *habitus* em relação ao consumo de “capital cultural objetivado” (bens culturais que são materializados), sendo inserido em um tipo de cultura canônica universal desde cedo. Também tive algumas peculiaridades na forma de criação, como liberdade religiosa (a família, de forma genérica, pode ser considerada como de “católicos não praticantes” — logo nada coercitivo, como o hábito de ler a Bíblia, nem missas aos domingos), e, principalmente, respeito às crianças conforme o tratamento (quase horizontal), considerando-as como seres também racionais em proporção à idade, fazendo-as adaptarem a linguagem e os rumos dos assuntos tratados, diferentemente de outras casas (geralmente mais tradicionais) em que censuram certos assuntos e subestimam a capacidade das crianças de compreensão da realidade. Ademais, havia também diversos passeios (de baixa renda, mas ricos pelo capital cultural presente nas pessoas da família), como visitas a museus, teatros, bibliotecas, à Quinta da Boa Vista (incluindo conhecer o Museu Nacional, visto que nem todas as pessoas de classe popular se sentem confortáveis para participar desse espaço) e igrejas (pela parte artística, não necessariamente religiosa), por exemplo. Desse modo, cria-se assim uma criança não direcionada às ciências humanas nem militante de determinada ideologia, mas sim um tipo de “tábula rasa” ou “folha em branco” (conceito do pensador iluminista John Locke) — ou seja, aquele que em sua plenitude autônoma pode escolher qual caminho percorrer e se apropriar para se formar tal qual um indivíduo humano.

Até então, o plano de carreira almejado era ser artista, incentivado sempre pelas madrinhas em prol do desenho (quadrinhos) e construção de instalações com os brinquedos (talvez mais para o lado cinematográfico). Mais tarde chego a fazer cursos de quadrinhos, charge, pintura, palhaçaria, agricultura natural e inglês (como parte da formação do “capital cultural institucionalizado”). Esse desejo que possuo foi, principalmente, incentivado pela leitura de mangás (quadrinhos japoneses) e artistas/chargistas nacionais como Angeli, Henfil, Laerte e Latuff, que também se apresentavam como forma de aquisição cultural de uma camada mais privilegiada, apesar de pertencerem ao mundo da “contracultura *underground*”, e alguns internacionais que apareciam nos jornais, como Quino, Jim Davis e Bill Watterson. No sexto ano, início do fundamental II, começo a ter interesse por rock (determinando um período dos Beatles até início dos anos 2000) devido ao contato com certos amigos (campo e capital social selecionado por pessoas com tanto acesso ao capital cultural quanto me era proposto, devido ao grau da escola). Entretanto agora se destaca a presença do interesse autônomo pela música, já que antes era apenas algo que escutava na vitrola, rádio ou TV, mas sem sentir o que realmente acontecia pelas ondas sonoras. E, no sétimo ano escolar, realizo a necessidade de compreender melhor a história do mundo para entender o que aquelas letras que tanto admiro significavam (e continuam ecoando até hoje) e as razões para tais tipos de sonoridades e discursos. Então, tanto em casa quanto no colégio, madrinhas e professores me guiam através de um mundo mais adulto, onde já se fala diretamente sobre política, filosofia e história, sendo uma das ferramentas o acesso e a orientação ao mundo digital, que até então era algo também de difícil acesso.

Nos próximos anos, há dois eventos que definem a escolha da faculdade e do curso de hoje. O primeiro, no sétimo ano, é realizar “o problema de deus”: após fortes debates com duas amigas da escola que eram cristãs fervorosas e tinham certeza da existência de Deus, me armo para as discussões em Filosofia (novamente sob orientação da internet como fonte principal de pesquisa), e então desisto de fazer Artes e decido-me tornar estudioso de Filosofia. E o segundo acontecimento é reconhecer, no oitavo ano, o quão fundamental foram alguns professores para minha formação como pessoa, fazendo-me querer proporcionar, no mínimo, o privilégio ao acesso cultural/humano/pedagógico que obtive para futuras gerações, com o mesmo intuito deles de amenizar as desigualdades sociais o máximo possível. Do nono ano ao fim do ensino médio — que só reforça meu respeito ao magistério e à Filosofia no colégio privado —, não perco esta certeza fundamental de querer me formar como professor de Filosofia, mas agora especialmente estudioso de Pedagogia (em que também há como plano para uma segunda graduação), apesar de tudo.

Por fim, podemos perceber a validade da Teoria da Reprodução de Bourdieu em relação à minha trajetória escolar. Ressaltemos também que o autor desenvolveu sua teoria durante os anos 60 no interior da França, cenário bem distinto ao qual me encontro no Brasil durante o início do século 21, reforçando as ressalvas desenvolvidas durante o texto. Visto isso, devemos notar que, apesar de nascer em uma área miscigenada (em relação às hierarquias sociais, onde há opressão por parte do oprimido sobre aquele que identifica em uma situação economicamente inferior), a sucessão de privilégios que tive ao longo da carreira acadêmica começou desde cedo, com a inserção em uma escola de renome na região — onde, graças ao meu potencial de curiosidade, agregado ao capital cultural e apoio no núcleo familiar, pude ser um dos “alunos selecionados” a ser enviados para um ensino médio que não seria possível para a realidade econômica da casa em que vivo — e então ocorreu mais uma vez “a seleção”, na qual fui escolhido para entrar na Uerj.

CAROLINE CARDOZO

*Curso: Física
2019*

Antes das aulas de Sociologia da Educação — e até mesmo antes de entrar na faculdade —, sempre me fiz uma pergunta: por que eu era diferente daqueles que vieram do mesmo lugar? Sempre me senti deslocada do lugar onde eu cresci, raramente tendo interesses em comum com outras pessoas. Ao ter aulas sobre os conceitos sociológicos apresentados por Bourdieu, consegui vê-los em ação ao meu redor e me questiono até que ponto seus conceitos contribuem para uma análise da minha própria vida.

Nasci e passei grande parte da minha vida em Nilópolis, município da Baixada Fluminense que faz divisa com Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti e Rio de Janeiro. Por muitas vezes, é engolido por seus vizinhos maiores e de maior expressão, ganhando destaque nos noticiários somente em situações problemáticas (crimes graves, geralmente) ou durante o carnaval, em decorrência do sucesso da escola de samba local, Beija-Flor.

Meus pais moravam a duas ruas de distância e se conheceram na escola, aos sete anos de idade; estudaram juntos desde a quinta série (atual sexto ano) até se formarem no ensino médio. Meu pai é o terceiro filho de uma família de seis: três mulheres e três homens, enquanto minha mãe nasceu em uma família muito pobre e teve por volta de 11 irmãos (o número é incerto; alguns morreram antes de ela nascer, outros ela perdeu o contato e alguns nem chegou a conhecer). Minha avó materna “deu” minha mãe a uma família também pobre de Nilópolis, porém com condições melhores de vida (prática comum na época entre pessoas à beira da miséria). Nessa família adotiva, minha mãe tem dois irmãos e uma irmã.

Minha mãe e meu pai cursaram o ensino fundamental e o ensino médio, mesmo o último não sendo considerado socialmente necessário. Era importante terminar o ensino fundamental e procurar um trabalho, e meus pais assim o fizeram. A única escola próxima à casa deles com ensino médio só oferecia curso noturno, o que levanta o questionamento: os jovens trabalhavam por que só existia ensino médio noturno, ou só tinha o ensino médio noturno porque os jovens trabalhavam? De toda forma, ao terminar o ensino fundamental, aos 15, 16 anos, os jovens em Nilópolis ingressavam diretamente no mercado de trabalho, muitas vezes pautado na divisão por gênero: os homens normalmente trabalhavam em coisas mais braçais, e as mulheres como vendedoras ou caixas de loja; quando conseguiam fazer cursos como de datilografia, eram recepcionistas. Partindo da interpretação de Bourdieu e usando como base exemplos expostos durante as aulas,

conclui-se que meus pais fazem parte da camada popular. Seguindo o que era esperado da sociedade onde eles viviam, meu pai, por intermédio do meu avô paterno, conseguiu um emprego no fim do ensino fundamental como aprendiz de estofador na extinta TV Manchete. Foi promovido um tempo depois a estofador e permaneceu nesse emprego por volta de 15 anos, até a falência da empresa em 1999. Já minha mãe fez curso de datilografia e teve trabalhos menores e não tão sólidos, como recepcionista e vendedora de lugares diferentes, não se firmando em nenhum emprego devido à alta rotatividade de funcionários.

Os dois se casaram em 1992, quando já namoravam oficialmente há sete anos e minha mãe estava grávida de mim. Apesar de dizer que não foi por causa da gravidez, o casamento foi a primeira imposição de meus avós — tanto maternos quanto paternos — quando descobriram. Nasci em 1993, meu irmão do meio nasceu em 2003, e minha irmã mais nova, em 2008. Quando nasci, minha mãe parou de trabalhar fora para cuidar de mim em virtude de uma série de problemas de saúde que desenvolvi na infância, incluindo frequentes inflamações de garganta, crises de bronquite e outras alergias respiratórias, além de um tipo de epilepsia (minhas ondas cerebrais davam picos; meu cérebro de criança pequena não suportava, resultando em convulsões) que só foi controlada após os cinco anos de idade. Por esses motivos, minha mãe teve medo de me deixar aos cuidados de outra pessoa e ninguém saber como lidar se eu tivesse alguma crise, reproduzindo a lógica local de divisão do trabalho entre gêneros.

Recentemente tive acesso a um site da Igreja Mórmon, o *FamilySearch.Org*, no qual é possível montar a árvore genealógica da sua família e achar documentos dos seus parentes, de acordo com uma filosofia mórmon de honrar os antepassados, e por isso disponibilizam esse site com acesso gratuito. Alguns documentos só podem ser acessados por membros da Igreja, sobretudo os muito antigos, de 1799 para trás. Utilizando essa ferramenta, foi possível montar a árvore da minha família e observar o que Bourdieu diz: todos os meus parentes diretamente relacionados são da camada popular, seguindo mais ou menos a mesma lógica/padrão: os homens com trabalhos mais pesados, braçais; as mulheres trabalhando fora como domésticas, a partir de um certo ponto como secretárias, ou fazendo trabalhos domésticos em casa e cuidando dos filhos; e todos morando no mesmo lugar. Inclusive, meus bisavós paternos e seus pais morreram na mesma casa, demonstrando continuidade do padrão. Hoje em dia, minha avó paterna vive nessa casa, com duas tias paternas que não se casaram. Vale ressaltar que eu fui a primeira mulher da família em cinco ou seis gerações a sair de casa por motivo que fosse diferente de casamento.

Na atualidade, esse padrão de divisão de trabalhos por gênero continua. As únicas que fogem do esquema analítico desenvolvido por Bourdieu em sua *Teoria de Reprodução* são uma tia paterna e eu. Essa tia, que é psicóloga,

foi a primeira da família a cursar o ensino superior e teve que trabalhar para pagar a mensalidade da faculdade, uma vez que meus avós não tinham como arcar com seus estudos. Mesmo que ela tivesse conseguido entrar em uma universidade pública, ainda deveria ter arrumado um emprego — uma vez que, para a camada popular, estudar não é considerado uma atividade válida por si só, conforme exemplos debatidos em sala.

Do ponto de vista de Bourdieu, meus pais não ascenderam de classe, permanecendo na camada popular até hoje. Após a falência da empresa onde trabalhava, meu pai passou a trabalhar como estofador autônomo e sofre com a incerteza e a sazonalidade. Em certos períodos, ficamos dias sem luz por não conseguir pagar a conta — e até mesmo sem comida, necessitando da ajuda de parentes. Desde que se casaram, meus pais moram em uma casa da família num quintal compartilhado: o terreno pertence a uma série de parentes, mas atualmente está em posse da minha avó paterna. Esse é, inclusive, o local onde meu pai nasceu e cresceu, num exemplo claro da imobilidade da minha família: meu pai nunca se mudou em mais de 50 anos de vida. Após essa breve introdução sobre a minha família, voltemos agora para a minha trajetória escolar.

Apesar de ser da camada popular, meus pais sempre incentivaram que meus irmãos e eu estudássemos e faziam o possível para que nada nos atrapalhasse, priorizando os estudos sobre o trabalho. Além disso, minha tia psicóloga me incentivava a ler, sempre me dando livros de presente. Na casa da minha avó paterna, havia TV a cabo, então cresci tendo acesso a muitos filmes e documentários, além de programas de televisão e música. O capital financeiro da minha família era baixo, porém meu capital cultural, segundo debatido na disciplina, poderia ser equiparado ao de uma pessoa da camada média. Até onde foi possível, estudei em escolas particulares pequenas, de bairro, porque meus pais acreditavam que teria uma educação melhor do que a pública. O início da minha base escolar (as quatro primeiras séries do ensino fundamental) pode ser explicado por Vianna (2000) e seus “êxitos escolares parciais”: tive sempre notas muito boas e nenhuma reprovação.

Durante a minha vida escolar, sendo mais proeminente no ensino fundamental (no ensino médio, havia o *habitus* de “Você já é grande o suficiente para resolver isso sozinha”), o trabalho escolar feito principalmente por meus pais foi parte muito importante da minha formação. Das chamadas “circunstâncias atenuantes” que Portes (2000) fala em seu trabalho, na minha vida tive a presença de cinco das seis que foram propostas:

Presença da ordem moral doméstica: meus pais sempre foram muito rígidos quanto a regras e ao que cada membro da família era responsável.

Atenção para com o trabalho escolar do filho: minha mãe (e meu pai, no breve momento em que minha mãe trabalhava fora para sustentar a casa) conferia todo dia meu caderno, me ajudava a fazer trabalhos, arrumava revistas velhas para colagens e chamava a minha atenção no calendário para que eu não atrasasse a entrega de nenhuma lição.

Esforço para compreender e apoiar o filho: se eles não soubessem explicar algo que não entendiam, tentavam recorrer a livros (devo lembrar que ainda não havia internet difundida de maneira mais ampla) para que pudessem entender e me ajudar.

Presença do outro na vida do estudante: além de envolvidos nas tarefas após a escola, meus pais também eram presentes nas reuniões na escola e não faltavam a nenhuma; caso tanto meu pai quanto minha mãe estivessem trabalhando, minha avó paterna era quem me representava.

Busca de ajuda material: quando havia trabalhos em que precisavam de mais recursos (como cartolina, isopor, tintas etc.) e não havia dinheiro, meus pais conseguiam com outras pessoas o dinheiro ou o material em si. Apesar de toda a dificuldade financeira que passei, nunca deixei de entregar um trabalho por falta de material.

Na terceira série do ensino fundamental, fui transferida para uma escola estadual, na qual cursei até o sexto ano. Era um lugar muito grande, diferente dos outros lugares onde havia estudado. Sempre tinha estudado em turmas com menos de dez crianças e de repente me vi em uma turma com 40. Não tive tanta dificuldade quanto a me adaptar às normas institucionais, mas não tanto com as sociais. Diversas vezes, por medo de receber repreensões dos professores, contava sobre erros dos meus colegas de sala, resultando assim em isolamento social. Por muito tempo, sentime sem personalidade, apenas como “a aluna boa” por parte dos meus professores ou “a baba-ovo” pelos meus colegas (tínhamos todos por volta de oito, nove anos, e não creio que eles soubessem o significado do que estavam falando). Finalizei os dois últimos anos do ensino fundamental na mesma escola municipal onde meus pais se conheceram e estudaram da quinta à oitava série, tendo, inclusive, a mesma professora de matemática que os dois.

Em 2006, quando cursava a oitava série, tive o que penso ser o primeiro passo para romper com a lógica de reprodução da minha família: a prefeitura de Nilópolis, na época, criou um cursinho preparatório para a prova do Cefeteq (hoje IFRJ) com o objetivo de que mais nilopolitanos pudessem acessar uma escola de excelência, tendo em vista a baixíssima incidência na época. Embora não tenha sido aprovada na Cefeteq, onde queria ter cursado o ensino médio técnico em Química, consegui passar no concurso da Faetec de Quintino para cursar o ensino médio técnico em Processamento de Dados. Após três anos estudando em período integral,

tendo que pegar dois ônibus para chegar à escola e enfrentando diversos problemas de ordem material e financeira, consegui me formar em 2009 com diploma do ensino médio e técnico, além da aprovação para o curso de Física na Uerj. Fui a primeira da minha família a ser aprovada para uma universidade pública.

Conforme dito anteriormente, meus pais davam mais importância aos estudos de seus filhos do que à necessidade de conseguir emprego e me deram liberdade de escolha sobre meu futuro acadêmico — mesmo não concordando com minha escolha de curso apoiando-se em um discurso sobre oportunidades de emprego e maiores salários, que ressoa à camada média de Bourdieu. Sendo assim, apesar de preferirem que eu cursasse Ciência da Computação para dar continuidade à minha formação no ensino médio, ingressei no curso de Física da Uerj em 2010. Devido às diversas dificuldades acumuladas pela defasagem de conteúdo no ensino básico, tranquei o curso no início de 2014, comecei a trabalhar e prestei vestibular novamente, dessa vez para que houvesse retorno financeiro mais rápido. Afora o discurso dos meus pais, o *habitus* ao meu redor estava começando a me incomodar: aos 21 anos, me achava um peso para minha família por ser adulta e não ajudar financeiramente.

Comecei a trabalhar em outubro de 2014, e mesmo ganhando apenas um salário mínimo trabalhando como digitadora no Centro do Rio, senti-me satisfeita em poder ajudar financeiramente em casa. Mais uma vez, o *habitus* ao meu redor influenciava meu pensamento, pois, mesmo cuidando de todos os afazeres domésticos e dos meus dois irmãos menores enquanto meus pais trabalhavam, cursando Física, eu me considerava como alguém que não ajudava.

Em 2015, iniciei o curso de bacharelado em Ciências Matemáticas e da Terra (ou BCMT) na UFRJ, que, mesmo não sendo o que queria fazer, era um curso do qual eu poderia pedir transferência para Ciência da Computação, minha meta naquele momento. Após cursar um período, consegui nota o suficiente para entrar para Ciência da Computação pela reclassificação do Sisu, também na UFRJ. Porém, por incompatibilidade de horário com o trabalho, abandonei o curso após o primeiro período.

Nesse meio tempo, o discurso dos meus pais mudou, ao contrário do que ocorreu durante crescimento quando me incentivavam a ter meus próprios pensamentos e discordâncias. Após uma série de discussões e brigas entre nós, no início de 2016 fui expulsa de casa e me mudei para uma vaga num apartamento em Botafogo, na Zona Sul do Rio, ficando assim mais próxima do meu novo emprego de recepcionista no bairro. Entre idas e vindas por quase dois anos, tentei voltar para o curso de Física que tinha iniciado em 2010 na Uerj. Mas seja pelo cansaço da rotina de trabalho, seja por problemas psicológicos, além de uma série de dificuldades materiais e

financeiras acumuladas e agravadas pela súbita e não planejada mudança, não dei continuidade.

Em 2018, decidi prestar novamente o vestibular para Física na Uerj, pois o tempo de integralização estava próximo de acabar. Apesar de ter sido aprovada para o segundo semestre de 2019, fiquei desempregada em outubro de 2018, agravando a já frágil situação financeira. Com a ajuda do meu namorado e de amigos, e contra todas as dificuldades financeiras e materiais, sigo tentando me formar na faculdade. Nessa segunda vez, cursando licenciatura com o objetivo de me qualificar para lecionar e estimular nos estudos aqueles que passam por dificuldades, como muitos de meus professores fizeram comigo.

CLEITON BATISTA DE OLIVEIRA

*Curso: História
2016*

As pessoas que nos cercam, os lugares que frequentamos e os grupos dos quais fazemos parte influenciam diretamente em nossas escolhas. A nossa identidade é construída na relação com o nosso passado, com a nossa historicidade. Por isso, ao lidarmos com nossas escolhas, precisamos olhar para trás e perceber a narrativa que envolve nossa história. Ao contar a minha trajetória escolar, consigo identificar três espaços que me permitiram o “sucesso” escolar: a casa, a escola e a igreja. A última foi, sem sombra de dúvidas, uma das maiores influenciadoras.

A casa

Sou o quinto filho de um casal de nordestinos que vieram para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida. Meu pai é pedreiro e minha mãe é dona de casa. Meu pai veio primeiro para buscar emprego e minha mãe continuou na Paraíba com meu irmão mais velho. Depois de meu pai conseguir um sustento, minha mãe veio para o Rio. Os dois começam a morar na comunidade do Parque São Sebastião, no Caju. Sua casa era um barraco de madeira, assim como a grande maioria das casas de lá. Em janeiro de 1976, um incêndio queimou muitos barracos e cerca de 300 famílias ficaram sem moradia, inclusive meus pais. Nessa época, somente meu irmão mais velho tinha nascido.

Depois disso, meus pais foram reconstruindo a vida, ainda na favela do Caju. Lá começaram a dividir uma casa com um casal de amigos que não teve seu barraco afetado. Depois conseguiram refazer seu imóvel, e nesse período minhas duas irmãs nasceram. Somente em 1984 eles conseguiram sair do Caju, vindo morar em Mangueiras, lugar onde nossa família mora até hoje. Foi lá que nasceram os dois últimos filhos, sendo eu o caçula.

É nítida a influência em minha vida da minha posição na fratria. Meu irmão e irmã mais velhos não terminaram o ensino fundamental, a do meio terminou o ensino médio só quando adulta e nesse mesmo período fez um curso técnico. O penúltimo conseguiu chegar ao ensino superior, um tempo depois de terminar o ensino médio — fez o curso de Farmácia em uma universidade particular. Eu, o último, consegui chegar ao ensino superior público. Saí direto do ensino médio para a universidade.

A passagem do tempo permitiu uma série de transformações que possibilitaram a minha chegada ao ensino superior. Nasci em 1997, sou o filho da velhice dos meus pais, e meus irmãos já eram jovens nesse período. Por ser o último, desfrutei de privilégios que meus irmãos não tiveram.

Desde o nascimento do penúltimo filho, já tínhamos uma casa própria e de alvenaria. Meus pais são até hoje analfabetos — meus irmãos não tinham um exemplo dentro da própria casa quando o assunto era leitura. Eu, quando nasci, pude contar com a ajuda dos meus irmãos no âmbito escolar.

Outro fator é o sucesso do penúltimo filho. Após o seu término no ensino médio, este se tornou o marco mínimo para mim. Ou seja, já que ele conseguiu chegar até lá, eu deveria conseguir também. Quando ele entrou na universidade, o mínimo também mudou. Agora eu precisava ter uma profissão, seja técnica ou uma graduação. As condições financeiras não criavam a urgência de eu ter que trabalhar para ajudar em casa. Apesar de ter começado a trabalhar aos 14 anos, o meu dinheiro era para meu próprio benefício. O mérito e a ideia de que o trabalho dignifica o homem estão presentes até hoje na minha família, mas houve uma mudança. Trabalho não era mais apenas o braçal e físico. O trabalho intelectual também era desejado, mesmo que timidamente.

O contato com outras pessoas também mudou. Minha família passou a morar perto da Fiocruz, e acabamos sendo atendidos por ela. Isso aumentou nossas relações com outras profissões. Além disso, parte da comunidade em que moramos ainda hoje é empregada pela instituição. As projeções de futuro mudaram. O tráfico não era uma realidade, apesar de ainda morarmos em uma comunidade, ao contrário da época em que meus pais moravam no Caju. Houve também mudanças em relação à escola, pois pudemos ter acesso a uma instituição de melhor qualidade, mesmo sendo pública.

A escola

A escola exerceu uma grande influência quanto ao prolongamento da minha vida escolar. Estudei em duas escolas, ambas públicas: Escola Municipal Brasil, localizada em Olaria, e o Colégio Estadual Herbert de Souza, no Rio Comprido. Apesar das dificuldades no quesito material, as duas escolas tinham boas estruturas. Mas sem sombra de dúvidas esse não era o diferencial delas: elas tinham ótimos professores, que se dedicavam ao ofício de ensinar.

A E.M. Brasil, onde fiz meu ensino fundamental, já era conhecida da minha família. Aqui, mais uma vez, o tempo foi um fator determinante. Somente meu irmão mais velho não estudou lá; portanto, existia um histórico nas relações entre minha família, a direção e os professores. Quando cheguei, desfrutei de um capital simbólico e social, construído e consolidado durante anos. Minha mãe era conhecida como mãe dedicada e que dava disciplina para os filhos. Por ser dona de casa, era ela que levava e buscava meus irmãos, e, anos depois, eu. Por isso, estava sempre atenta ao que os professores falavam.

Um desses casos foi quando eu tirei uma nota baixa em Matemática, no terceiro bimestre. A nota era fruto de desatenção minha durante as aulas. Meu professor resolveu conversar com minha mãe durante a reunião de pais. Ele sabia que conversar com ela dava resultado. Ela prometeu ao professor que a minha nota melhoraria, e meu comportamento também. Minha mãe conversou comigo e pediu para meus irmãos tentarem me ajudar com a matéria. Todos os dias tive que separar parte do meu tempo estudando matemática, e, além disso, repensando meu comportamento em sala. No quarto bimestre, estava com nota boa novamente.

O capital simbólico que eu desfrutava por causa das relações anteriores com meus irmãos pesou na hora em que meus professores lidavam comigo. Minhas notas também me davam destaque. Não eram as melhores da turma, mas eram boas. Isso me deu a oportunidade de, por exemplo, ser escolhido, junto de outros alunos, para fazer uma prova que dava bolsa no Santo Inácio.

Minha escola era composta majoritariamente por pessoas de comunidades, apesar de não estar perto de uma. A grande maioria dos alunos era da Maré. Era uma escola de referência na região e bastante conhecida. Isso fazia com que famílias de vários lugares fossem procurar vaga lá. Éramos sempre incentivados a fazer provas. No final do ensino médio, várias pessoas da minha sala fizeram prova para colégios técnicos como Faetec, Cefet e Fiocruz. Esse tipo de futuro era algo desejável, além de ser possível.

No ensino médio, no Colégio Estadual Herbert de Souza, pude ter contato com outro mundo. Até então minha vida estava limitada à região da Leopoldina, e com a nova escola pude conhecer novas áreas da cidade. A escola fica na subida do Morro do Turano e quase 100% dos alunos eram de comunidades, realidade não tão diferente da vivida no ensino fundamental.

Por estar mais velho, tive um amadurecimento que permitiu um contato e uma relação maior com os professores. Antes de começar a estudar lá, pesquisei sobre escola. Os comentários eram que a escola não “dava futuro” e não “formava” ninguém. A escola era tida como “aprova fácil”. Quando comecei a estudar, tive uma experiência totalmente diferente. Tive professores ótimos, com grande desejo de ensinar e de incentivar os alunos. Apesar da grande precariedade da profissão e de todo desgaste de ser professor, eles me impulsionaram a ir além.

Lembro da professora de Química que se disponibilizou a estudar comigo as questões de alguns vestibulares. O único tempo disponível meu e dela era na hora do intervalo. Foi nesse período que nos sentávamos numa sala e resolvíamos questões. Os apoios das professoras de Matemática, História, Português, Biologia e Inglês foram essenciais para meu

desenvolvimento escolar. Sem elas, acredito que minha que seria muito mais difícil chegar até aqui.

O terceiro ano foi decisivo na minha escolha de curso. Comecei pensando em Publicidade ou Arquitetura. Depois, minha antiga vontade de ser professor foi ressurgindo, isso em grande parte pelo apoio que tive na escola. Queria produzir nos outros a mesma coisa que elas produziram em mim. Escolhi História. Até na escolha da universidade elas me influenciaram: as professoras de Matemática, Português e História foram alunas da Uerj. Escolhi a Uerj também por causa delas.

A igreja

Minha família foi criada dentro de uma moral cristã católica, mas meus pais não são praticantes. Alguns anos antes de eu nascer, minha mãe e meu irmão mais novo se converteram ao protestantismo. Minha mãe era de uma denominação, e meu irmão, de outra.

Aos seis, sete anos decidi congregar na igreja do meu irmão. Lá existia um grupo forte, consolidado, de crianças. A dinâmica era a seguinte: enquanto o culto acontecia, as crianças ficavam num espaço separado tendo atividades como brincadeiras, exercícios, leituras da Bíblia, aulas sobre histórias bíblicas e música, tornando-se assim o lugar do meu desenvolvimento.

A habilidade da leitura foi incentivada com prática da leitura bíblica; a escrita, através dos exercícios. De tempos em tempos, tínhamos apresentações que envolviam as crianças. Ensaivamos para dançar, cantar, falar em público, encenar. A todo momento, éramos estimulados a estar socializando. Cresci nesse ambiente de desenvolvimento educacional.

Quando adolescente, pude ter a oportunidade de aprender música e começar a tocar um instrumento, isso tudo influenciado pela e com a ajuda da igreja. Pude também desenvolver habilidades de liderança e organização. Tínhamos que decorar a igreja e planejar coisas.

A igreja foi também o lugar do exemplo. Como dito anteriormente, meu irmão só chegou ao ensino superior alguns anos depois de terminar o ensino médio. O meu exemplo de graduandos foi na igreja, onde havia algumas pessoas que chegaram ao ensino superior, tendo a educação com um dos pilares, além de pessoas com cargos altos dentro de seus empregos. A igreja se tornou, portanto, um espelho do que eu deveria almejar.

Escolha e permanência

Minha maior referência de universidade era a UFRJ. O campus do Fundão é próximo à minha casa, sendo possível enxergar seus prédios de onde moro. Por isso, meu sonho sempre foi estudar lá. Só fiz o vestibular da Uerj depois que soube que parte das minhas professoras se graduaram lá.

A escolha do curso foi não só por gostar da disciplina, como também pela viabilidade. História é um curso noturno e não poderia escolher um curso diurno ou integral pois eu trabalhava. Isso me fez, por exemplo, eliminar Geografia, que é integral. Passei como cotista para História na Uerj e na UFRJ. Mesmo trabalhando, não conseguia ter a renda familiar maior que o limite estabelecido pelo sistema de cotas. Escolhi a Uerj.

Outros motivos foram o histórico da Uerj como universidade popular, por todo seu suporte aos alunos cotistas. A possibilidade de ter um “bandejão” também era algo importante para mim, pois eu vinha direto de trabalho. Além disso, o campus de História da UFRJ é no Centro, enquanto o da Uerj é no Maracanã, perto da minha casa.

CRISTINA GONÇALVES

*Curso: Biologia
2019*

Minha história teve início em junho de 2000 no bairro Itanhangá, Zona Oeste do Rio de Janeiro. A maioria dos habitantes desse local pertence à camada popular, caracterizada pelo baixo capital financeiro, cultural e pequenas chances de êxito. Meus pais tinham apenas o ensino médio completo, e a falta de capital econômico os impediu de buscar o ensino superior.

Minha mãe, inicialmente, trabalhava como auxiliar de turma em uma creche na Barra da Tijuca, e meu pai, por sua vez, era motorista de ônibus naquela região. Logo cedo, aos três meses de vida, fui introduzida a uma creche integral pública próxima de onde morava, fazendo com que meus pais pudessem trabalhar e manter a renda de casa.

Aos três anos, minha vida sofreu uma pequena mudança motivada por um divórcio na minha família — o que, automaticamente, interferiu no capital financeiro, uma vez que todo meu sustento seria só pelo salário de minha mãe. Com isso, nos mudamos para a Taquara, próximo à casa dos meus avós.

Apesar disso tudo, minha mãe resolveu investir na minha vida e me fez filha única. Sendo assim, quando completei quatro anos de idade, ela enfrentou grandes filas em uma instituição de ensino com esperança de conseguir uma vaga para que eu estudasse em uma das melhores escolas públicas da região, pois tinha em mente que o estudo seria o meio mais certo de ascensão social e, por isso, estava disposta a se sacrificar para me oferecer as melhores oportunidades. Por fim, obtivemos êxito e estudei nessa escola por dez anos, até completar o ensino fundamental II.

Durante esse tempo, minha mãe trabalhou por quase dois anos como diarista e, depois, iniciou um emprego como secretária de colégio particular no Recreio, onde começou a ter um maior capital social com o contato com os responsáveis de crianças da classe média alta, ditas “importantes” para a sociedade. A partir disso, muitos assuntos e dicas sobre profissões, escolas e livros foram influenciando-a, que pensava em absorver tudo para tentar aplicar na minha vida e promover um êxito escolar futuramente.

Passando-se os anos, minha mãe mudou de emprego, indo para um mais próximo de casa, porém permanecendo na mesma profissão e obtendo os mesmos contatos. Como era bem conhecida nesses locais, normalmente recebia materiais escolares de professores ou dos pais dos alunos, como livros didáticos, paradidáticos e dicionários, enriquecendo o capital objetivado e me dando estrutura nos estudos.

Na escola pública em que fiz o fundamental I e II, pude enriquecer meu capital simbólico, sendo medalhista de Olimpíada de Matemática por alguns anos, participando de concursos de poesias e soletração. Tive muitas influências de professores que, por sua vez, apostavam demais em mim e me incentivavam cada vez mais nos estudos, mostrando-me que era possível mudar de vida.

À medida que fui crescendo, minha mãe continuava falando que não queria que eu passasse pelas mesmas dificuldades que ela enfrentava por falta de um diploma. Portanto, quando cheguei ao nono ano do ensino fundamental, comecei a ouvir e pesquisar sobre a existência de outros colégios, como o Cefet, Colégios de Aplicação, IFRJ, Colégio Pedro II, dentre outros. Graças às economias da minha mãe, consegui iniciar um curso preparatório, e foi uma oportunidade ímpar: o início da minha trilha para a universidade.

Em 2016, iniciei os estudos no Colégio Pedro II, em Realengo, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Nesse ano, minha casa já estava com uma estabilidade financeira um pouco melhor, totalmente encaixada na camada média. No início tive um choque de realidade muito grande, pois dentro de uma mesma sala de aula havia representantes das três camadas: os menos favorecidos, os mais favorecidos e os medianos, como eu. Uma barreira que, felizmente, logo foi enfrentada, ocorrendo a adaptação.

É válido acentuar que, até meus 13 anos, eu tinha um capital cultural muito baixo, uma vez que só conhecia um único museu – o Museu Nacional – e nunca tinha ido ao cinema e teatros. Nesse colégio, porém, preenchi esse desfalque e durante os três anos de ensino médio pude conhecer diversos museus, como o Museu de Imagens do Inconsciente, conhecer mais sobre as culturas africanas por meio de um evento local e anual denominado como Kizomba, além de explorar diversas literaturas, dentre tantas outras coisas que enriqueceram meu capital cultural incorporado.

Nos dois últimos anos de ensino médio, também tive a oportunidade de participar de iniciações científicas juniores de Química e de Biologia, de onde surgiu o amor pelo meu curso atual, e tive trabalhos publicados nessas áreas. Por fim, aumentando ainda mais meu capital simbólico e institucionalizado, concluí esses três anos com dois diplomas da língua francesa — uma língua super elitizada — reconhecidos internacionalmente.

Mesmo sem condições de pagar por um curso pré-vestibular como muitos de meus amigos, acreditei em meus conhecimentos obtidos até então e prestei vestibular para Biologia. Passei, sendo a primeira da família a iniciar um ensino superior, e escolhi com todo amor a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mesmo parecendo impossível quando levamos em conta todo o contexto inicial da minha história.

Atualmente, curso licenciatura, e meu maior desejo é mostrar para outras crianças que é possível, que a escola é para elas e que vale a pena investir na educação. Continuo com meus professores, aos quais sempre serei extremamente grata, assim como sou por todo esforço de minha mãe durante essa trajetória.

DIEGO CAVALCANTI DE SANTANA

Curso: Ciências Sociais
2014

O nível escolar dos meus avós muito se assemelha à realidade brasileira do início do século 20, quando a maioria da população não possuía alfabetização. Dos meus quatros avós, apenas meu avô paterno era alfabetizado, sendo o único dessa geração da família que conseguiu concluir o ensino fundamental. Esse fato ajuda a compreender escolaridade dos meus pais. Ambos não conseguiram concluir o ensino fundamental; porém, meu pai cursou até a quinta série, conseguindo se alfabetizar.

O acesso às instituições de ensino na década de 60 ainda era bem precário, principalmente no meio agrícola, de onde meu pai é oriundo. Uma série de outros fatores também podem ser levados em consideração, como a necessidade de trabalhar cedo, a escassez de escolas na época em Pernambuco e o nível cultural global da família.

Minha família se estabilizou na cidade do Rio de Janeiro, fato que contribuiu para que eu pudesse ter acesso à universidade atualmente. Morar na metrópole trouxe benefícios notórios para mim e para minha irmã, já que temos uma facilidade que nossos familiares não encontraram no que diz respeito a moradia, escolaridade, bens de consumo e padrão de vida na época em que viveram em Pernambuco.

Desde o início do meu percurso escolar, sempre estudei em instituições públicas. Olhando para os alunos que estudaram comigo no último ano do ensino fundamental, é possível afirmar que uma pequena minoria conseguiu chegar ao nível superior. Os poucos que conseguiram atingir esse nível escolar apresentavam algumas características diferentes da maioria dos alunos. Faziam parte de famílias que até certa época iam buscar seus filhos, o que evidencia uma certa relação de proximidade, além de um maior tempo disponível por parte dos pais para lidar com os compromissos da escola. O comportamento desses alunos dentro de sala era visto pelos professores como exemplar, pois se mostravam mais interessados nos conteúdos escolares e obtinham um melhor desempenho nas avaliações. Além disso, a postura deles durante as aulas agradava aos professores, fato que fazia com que estes tratassem de forma diferenciada os alunos considerados melhores. O maior domínio dos códigos escolares certamente beneficiou esses alunos.

Apesar de meus pais não terem um nível de escolaridade elevado, conseguiram passar para mim uma série de valores que influenciaram meu comportamento por todo o ensino fundamental. Por atribuir grande importância aos estudos, minha família passou para mim uma certa

responsabilidade com as tarefas escolares, fato que moldou minha relação com a escola. Por perceber essa atribuição de importância às tarefas do colégio pela minha família, acabei por ser um dos alunos que lidavam bem com os códigos escolares. No entanto acredito que esses valores tenham sido mais fruto de um capital social do que cultural, já que meus pais pouco possuíam conhecimento sobre os conteúdos cobrados nas instituições de ensino.

Minha família é de classe média baixa e meus pais possuem profissões de pouco prestígio social; no entanto, sua relação com as classes mais favorecidas tornou possível que eu seguisse um percurso escolar mais longo. Meu pai é porteiro de um condomínio situado em uma área nobre da Tijuca, e o edifício em que ele trabalha é onde minha família reside. Em sua profissão, são estabelecidas diariamente relações sociais com os moradores do prédio. O contato com os filhos dos moradores de classe média ao longo de mais de 30 anos de profissão tornou os longos percursos escolares mais familiares para meu pai. Esse fato permitiu a valorização e o desejo para seus filhos de uma boa trajetória escolar. Dessa forma, uma eventual necessidade de trabalhar cedo foi substituída por um investimento na faculdade. Os gastos e obstáculos de um período de cinco anos se tornaram mais compreensíveis para ele, já que este via que os filhos de moradores passavam por esse tipo de processo para obter um lugar no mercado de trabalho formal.

O mesmo aconteceu com minha mãe, que é empregada doméstica e frequenta casas de pessoas da classe média há cerca de 35 anos por conta de sua profissão. A partir das relações sociais estabelecidas no emprego, a trajetória escolar dos seus filhos se torna algo mais próximo devido às informações da vida escolar dos filhos e netos das patroas que ela já teve.

Outro fator importante foi o percurso das minhas primas que possuíam uma melhor condição financeira e frequentaram uma instituição de ensino de grande prestígio. Essa proximidade com elas contribuiu bastante para que pudesse chegar até o ensino superior. Por serem mais velhas do que eu, sempre que possível me passavam informações sobre o funcionamento da estrutura escolar que elas já conheciam. Minhas primas foram pioneiras no acesso ao ensino superior na minha família, e possuir parentes familiarizados com o procedimento das instituições contribuiu bastante.

Por conta de sua baixa escolaridade, meus pais não possuem um domínio pleno da língua. No entanto, através desse capital social, obtive contato com a língua culta, fato que contribuiu para minha adequação ao que era exigido na escola, além de colaborar também para uma melhor assimilação dos conteúdos cobrados em sala. No contato com pessoas de classes mais favorecidas, aproximei-me da cultura valorizada nas

instituições de ensino, fato que me ajudou a assimilar os códigos escolares com mais facilidade.

Com isso, acredito que esse pensamento de Bourdieu em relação às pessoas oriundas da classe média muito se assemelha às atitudes tomadas por mim e minha família no que diz respeito à minha escolaridade. Bons resultados na escola, apoio de alguns professores, aprovação em uma escola técnica no ensino médio são alguns dos fatores que levaram minha família a investir pagando cursos que contribuiriam para um emprego no mercado formal, além de um pré-vestibular que foi essencial para meu ingresso no ensino superior. Dessa forma, ao refletir sobre meu destino escolar, minha família estabeleceu uma linha de raciocínio semelhante ao que Bourdieu atribui à classe média.

A escolha do meu destino escolar certamente tem uma ligação muito grande com esses resultados positivos, pois, caso contrário, o empreendimento seria de alto risco. Por conta de um bom desempenho no colégio, minha família enxergou uma possibilidade de realizar suas expectativas, fato que foi decisivo para a aplicação de esforços que viessem a contribuir para que eu pudesse hoje estar no ensino superior, ao contrário de grande parte dos alunos do ensino fundamental que comigo estudaram. Com isso, minha realidade escolar é mais semelhante à dos alunos de classe média que comigo estudaram no ensino médio, dentro de uma instituição de nível técnico.

Ao contrário da escola municipal, uma grande maioria dos meus colegas de classe do ensino médio estão hoje dentro de uma universidade, o que mostra uma realidade diferente a de um colégio que possui processo de seleção e, portanto, recebe alunos com uma maior expectativa em relação a suas carreiras escolares. Esses alunos são geralmente de classe média, e o fato de terem passado em um processo seletivo no fim de seu ensino fundamental já os coloca em um lugar mais privilegiado para alcançar novas metas dentro de suas trajetórias escolares.

Essas três características estiveram presentes em minha família durante toda minha trajetória escolar. Meu pai, responsável por frequentar as reuniões de pais, jamais questionou o que era dito pelos professores, e inclusive enfatizava as falas daqueles que teriam uma maior propriedade para discutir o comportamento do aluno na escola, ilustrando assim a submissão da classe mais popular em relação aos professores. Esse tipo de relação é dado por conta do baixo capital cultural dos pais dessa camada, o que gera uma relação mais confortável para os professores por estes não terem suas opiniões confrontadas pelos responsáveis. Os problemas que pudessem vir a acontecer raramente eram comentados com os outros pais de alunos justamente pela falta de proximidade com estes. Minha família, apesar de ser atualmente uma família de classe média baixa, estabelece uma relação com a escola típica de sua posição de origem: a camada popular.

Com isso, é possível, sim, estabelecer essa relação família-escola vista na teoria em sala de aula com minha realidade familiar.

EDUARDO RAMOS

*Curso: Geografia
2019*

Morei e estudei durante toda minha vida no município de Saquarema, situado na Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro. Uma cidade que não tem cinemas, museus, bibliotecas, livrarias, e, devido a isso, grande parte de sua população também apresenta um capital cultural quase nulo. O bairro onde morava era composto por uma população majoritariamente da camada popular; com isso, a maioria dos moradores estudavam ou estudaram em escolas públicas.

Minha família materna, por morar em Saquarema, não se diferencia das demais. Praticamente todos os componentes, até hoje — incluindo tios, tias, primos e até mesmo minha mãe —, fizeram grande parte de sua trajetória escolar em colégios da rede pública. Meus avós não tiveram nenhuma formação escolar. No total de oito filhos, somente minha mãe tem ensino superior completo — formou-se como professora. A maioria dos meus tios começou a trabalhar na infância para ajudar nas despesas da casa. Apesar de ser uma família de baixa renda, minha mãe e algumas tias cursaram o ensino médio em um colégio particular, estudando no turno da manhã e trabalhando no mesmo local na parte da tarde.

A família do meu pai, por outro lado, apresenta um capital cultural e financeiro maior. Todos moram na cidade do Rio de Janeiro e foram criados em um bairro da Zona Sul da cidade, o Flamengo. Todos os meus três tios possuem ensino superior completo e frequentaram escolas particulares em grande parte de suas trajetórias escolares. Meu pai possui formação em Direito, porém trabalha na área de comércio exterior. Meu avô tem amizades com pessoas que trabalham nesse meio, o que ajudou a montar sua empresa que atua no ramo.

Minha escolaridade até a faculdade foi um pouco confusa, principalmente pelo fato de ter duas opiniões distintas tentando me influenciar. A família da minha mãe — com quem eu morava, já que meus pais são divorciados — pensava que a universidade não iria ajudar em nada para atingir uma vida estável, pois, para eles, a estabilidade é conquistada começando a trabalhar desde cedo, e não através do estudo. Com isso, cursos de línguas e informática, entre outros, não passavam de uma mera perda de tempo. Do outro lado, estava a família do meu pai, que, com o apoio da minha mãe, dizia que o melhor caminho a se seguir era cursando uma universidade, principalmente se fosse pública, pois para eles só esse caminho possibilita a chance de ascender socialmente. Por isso, desde pequeno me davam livros e enciclopédias. Quando ia visitá-los, sempre era

levado a cinemas, teatros e livrarias, além de cobrarem e observarem os meus resultados escolares. Devido à situação financeira da minha família paterna, tive a possibilidade de estudar em uma escola particular, o que acabou me distinguindo das pessoas do bairro em que morava. Cercado de opiniões divergentes sobre que caminho seguir, eu ficava cada vez mais confuso sobre o que realmente fazer após o término da escola. Com o avançar da idade, comecei a me espelhar na minha irmã mais velha, que apresentava um alto capital cultural, principalmente pelo fato de ter morado com meus avós paternos no Rio de Janeiro, e com isso ela já estava cursando uma universidade pública. Após observá-la, resolvi seguir seus passos e adentrar também em uma universidade. Devido a essa influência e às possibilidades que somente eu tive, fui o único dos meus primos da parte materna, com quem cresci junto, a entrar em uma faculdade pública.

FERNANDA P. MIRANDA

*Curso: Psicologia
2018*

Tive muitas dificuldades para construir as laudas deste trabalho; não por uma questão de redação ou gramática, já que, apesar de certos hiatos causados por questões adversas ao longo da vida, a escrita tem sido para mim um oásis desde meu primeiro ano de ensino médio, quando descobri que poderia praticá-la, permanecendo assim até os dias de hoje.

Creio que a dificuldade foi de cunho emocional, algo que de fato exerce influência maior do que gostamos de assumir, uma vez que nunca fui uma conformista e nunca aceitei de bom grado o lugar que uma sociedade hipócrita, patriarcal e classista sempre pareceu querer impor a mim — seja tomando por base meu sexo, minhas origens ou classe social. No processo de confecção das laudas, defrontei-me com essa dura realidade... Fiz uma tortuosa entrevista com minha família, que remexeu em antigas frustrações pessoais ligadas a questões socioeconômicas, que inclusive se refletem no cotidiano até os dias atuais. Isso causou incômodos tão fortes que puseram em xeque até a coisa que mais prezo em mim: minha capacidade enquanto escritora, seja acadêmica ou diletante.

Posso dizer que minha família não possui nenhum capital simbólico em nenhum campo social, sendo o capital financeiro diminuto. Décadas de ascetismo permitiram que eu completasse meus estudos dos primeiros anos do fundamental em escolas particulares e, posteriormente, em escolas públicas. Capital social também nulo, visto que meus pais possuem personalidades introvertidas, tendendo a se isolarem do mundo.

O único capital em que se observa uma certa proeminência é exatamente o capital cultural, o qual creio ter sido minha chave de entrada para a graduação. Apesar dos recursos escassos, que não deram possibilidades de frequentar teatros e cinemas desde a minha infância, meu pai mantém forte interesse pela leitura e pela música, muito acima da média de nossa classe social. Os poucos livros que tivemos ao longo da vida foram bem apreciados e valorizados por meu pai e por mim. Hoje me orgulho de contar com uma minibiblioteca composta por mais de 250 livros de ficção e mitologia, que serve a nós dois e se encontra mais uma vez acima da média. Minha mãe vem se interessando mais por eles nos últimos anos, mas ainda não tanto quanto eu e meu pai.

Meu pai trabalhava muito. Apenas se preocupava em brincar comigo nos finais de semana e manter pagas as mensalidades da escola até o ensino fundamental. Minha mãe achava que eu não honrava o que ele “ralava para manter” e “tinha preguiça” de ser aquilo que para ela seria o que significava

ser uma criança estudante exemplar: copiar do quadro e decorar com eficiência questões de Matemática e problemas de raciocínio lógico, coisa para as quais eu realmente não tinha muito jeito. Por várias vezes, os empréstimos de cadernos de outras colegas eram necessários, mesmo que eu não faltasse nunca às aulas. Não conseguia seguir o ritmo da maioria da turma nas disciplinas exatas, ou copiar textos muitos grandes e chatos do quadro quando havia livros tão mais interessantes nas prateleiras das estantes da própria escola, os quais eu só poderia ler ali.

Após a entrevista e durante a análise feita baseada na teoria estudada na disciplina, entendi que tal visão por parte de minha mãe estava ligada à crença em uma dita cultura legítima valorizada na escola tradicional e conservadora que ela frequentou. Ou seja, não era culpa dela pensar que as atividades às quais eu me interessava eram perda de tempo, se no meio social no qual ela cresceu foi instruída a crer que tudo aquilo que eu realmente gostava eram apenas distrações. Paleontologia, aracnídeos, microscópios, instrumentos musicais e poesias nunca teriam nada de útil a oferecer para o futuro de uma criança pobre. Ela simplesmente não sabia lidar, pensava estar fazendo o melhor por sua filha com o que sabia, tentando manter os pés dela no chão na sua realidade.

Vejo que isso é um resultado do processo de violência simbólica que minha mãe passou em sua infância e que mais tarde passou a reproduzir em minha criação. Podemos ver isso também quando ela conta o desprezo que passou a nutrir quando seus pais e irmãos participavam de quermesses e eventos culturais em sua comunidade rural, inclusive com acesso ao folclore local. Acredito que isso aconteceu em virtude da crença de que apenas as matérias aprendidas na escola lhe serviriam como cultura.

Por isso, e por outras razões que irei enumerar mais à frente, posso considerar observável na minha estrutura familiar uma boa vontade cultural no que se diz respeito à escola e universidade. Houve um investimento pesado na minha escolarização. Meus pais até se mudaram da zona rural para a urbana em prol de uma oportunidade melhor — sendo, porém, tal investimento limitado perante a escassez de recursos econômicos. Além disso, sou filha única.

Os meus avós paternos viam a escola como necessidade apenas. Além disso, devido à quantidade excessiva de filhos (13), não houve recursos para investir na vida escolar deles. Portanto, meu pai e seus irmãos tiveram que abandonar a escola antes do término do ensino fundamental, pois a necessidade do trabalho para o sustento da casa se fazia mais urgente. No entanto o grande interesse de meu pai pela leitura mostrou-se importante quando conseguiu — ainda na juventude — se tornar torneiro mecânico através de um curso por correspondência. Logo após casar-se com minha

mãe, vieram para a cidade grande tentar oportunidades melhores para a nova família que estava se formando.

Minha mãe sonhava em ser professora e contava com a apreciação dos seus professores para tanto; porém, em sua época, não contou com nenhuma rede de apoio, e o capital financeiro da família não favoreceu para que ela avançasse para o ensino médio, apesar de seus pais valorizarem a escola. Acabou fazendo parte das estatísticas acerca das desigualdades sociais reproduzidas pela escola conservadora.

Eu creio que, ao longo da minha vida escolar, também tive a apreciação dos professores e passei a ter o mesmo reconhecimento da cultura legítima com o esforço sistemático para adquiri-la ao longo de meu ensino fundamental e médio.

Nas famílias de ambos, sempre os homens foram lavradores e as mulheres donas de casa. Podemos observar as diferenças nas atividades quanto ao gênero dos indivíduos, visto que às mulheres da família nunca foi permitido trabalhar fora da vida doméstica familiar até a geração anterior à minha, ou elas simplesmente cresceram interiorizando que isso é uma função oficialmente masculina. Noto que tal doutrina foi seguida até por minha mãe, que nunca trabalhou para além dos afazeres domésticos e pequenos artesanatos manuais, sendo os últimos feitos mais por distração e não pragmatismo. Meu pai também jamais concordaria que uma mulher lhe suprisse financeiramente, pagando a conta de um passeio ou lhe fizesse lidar com afazeres domésticos, apesar de não se mostrar um homem tão rígido em todas as situações.

Assim, da minha geração em diante, as mulheres que não se casam costumam ser intensamente controladas pelos pais em sua mobilidade social e cotidiana, e, mesmo para as casadas que trabalham, as obrigações para com o marido, os filhos e a casa sempre constituíram uma segunda e terceira jornadas de trabalho não remuneradas, mais importantes que seu desenvolvimento profissional e encaradas com naturalidade pela cultura familiar. Vejo quando vou visitar as minhas primas casadas que o dia de folga de seus maridos é de fato um dia de descanso, enquanto o delas é unicamente para manutenção de seus lares, e ainda mais trabalho doméstico assistido por eles de suas poltronas em frente à televisão, como algo de fato normal. E, por mais que eu tente não as julgar, algo dói imensamente dentro de mim quando tento imaginar normalidade em tal situação.

Tal posicionamento familiar demonstra a alta valoração na crença dos papéis de gênero para toda a família, pois minhas primas ainda se casam e têm filhos antes dos 20 anos e tratam tal evento como o mais importante de suas vidas — acima, inclusive, do interesse por construir uma carreira profissional ou adquirir capital cultural. Tal modelo de vida nunca me atraiu, e não consigo — sequer com esforço — ver algo de bom ou atraente

nessa estrutura. Assim tento refutar há anos essa doutrinação familiar dos papéis de gênero, buscando até hoje minha autonomia sem planos maritais. Por isso creio que em mim boa parte de tal doutrina não fez bem seu papel, sendo talvez o que me fez valorizar ainda mais meu capital cultural como esperança para adquirir mais possibilidades de vida fora desse modelo.

Por essa razão, tento hoje utilizar meu capital cultural como único recurso disponível para a busca de capital social e conseqüente financeiro, para assim realizar meu intento de um futuro totalmente autônomo e sustentável. Entretanto confesso que, devido ao excessivo controle da minha movimentação pelos meus pais durante a maior parte de minha vida, entrei na Uerj apenas depois dos 25 anos. Quase não pude possuir a mobilidade e desenvoltura suficientes para me aperfeiçoar, por exemplo, em habilidades sociais, para as quais ainda hoje não consigo adquirir muito manejo.

Com exceção de um seleto grupo de amigos, sempre me movi pelos campos sociais com a habitual reclusão comportamental de meus pais. Devido a tal transmissão cotidiana de comportamento introspectivo em família, não consegui desenvolver quase nenhum capital social ao longo da vida, sem o qual também o meu capital financeiro sofre escassez, a despeito da importância sempre dada ao meu capital cultural — o que realmente eu esperava que me trouxesse melhores frutos.

Por conseqüência, minhas convicções subjetivas e minha individualidade se tornaram tão significativas para mim que não fui capaz de desenvolver até hoje uma inteligência institucional de modo eficiente, e, com ela, a tal obediência às normas e hierarquias, necessárias para obter sucesso no mercado de trabalho. A realidade social de minha classe ao meu redor sempre foi demasiadamente dura, logo a atitude cotidiana de não mergulhar nela integralmente se tornou o melhor modo viável de manutenção da sanidade.

Contudo devo ressaltar que ficará para mim um profundo pesar após as descobertas suscitadas pelos textos estudados na disciplina de Sociologia da Educação, uma vez que, por mais que a teoria defenda que a posição socioeconômica não seja algo fixo e fechado de acordo com o campo social analisado, na prática a realidade da classe popular tende a ser outra. Os dados levantados aqui deixam muito claro que, colocando uma visão bem realista da situação, minha mobilidade social se torna talvez algo da ordem do impossível. Descubro somente agora, talvez tardiamente, que somente o capital cultural que tenho não seja o bastante para alcançar uma carreira bem-sucedida.

Ou seja, tal fracasso se torna totalmente possível e observável, a despeito de meus esforços e devido à nossa posição desfavorável no campo profissional, além das escassas relações que possam ser de fato relevantes

para uma ascensão de classe ou mesmo profissional. Concluo que possuo, certamente — a despeito de meu amado e valioso capital cultural —, poucas chances na escolha de meu destino pela classe social da qual me originei.

Contemplando ainda meus estudos dentro da disciplina e os textos vistos nas aulas, posso dizer que sinto-me fazendo parte de uma “geração enganada”, como a da França da década de 1960, quando se abriram oportunidades para as classes populares adentrarem no ensino superior. Com a massificação, houve a total falta de garantia e criação de um futuro após a universidade para estudantes dessas classes populares.

Gostaria de expor também nestas considerações finais que talvez a razão de não ter conseguido fazer um trabalho satisfatório anteriormente seja o fato de que construir este texto não foi nem um pouco prazeroso, uma vez que a teoria de Bourdieu não me deixa nem um pouco à vontade e me coloca apenas à luz de minhas limitações, como se eu me resumisse somente a elas, e determina para mim um futuro incerto e tortuoso baseado unicamente em minha situação de classe social. Quando não se faz parte das classes elevadas, tal teoria tende a não ser produtiva, e sim nos faz sentir impotentes e sem possibilidades diante das estruturas sociais instituídas, ainda que se diga que não absolutas. Termino afirmando que se há para tal teoria uma visão diferenciada e convincente dentro de minha realidade aqui apresentada, ficaria feliz em lê-la.

GABRIEL MENDANHA DE LOIOLA

Curso: Ciências Sociais
2019

A história de Gabriel é semelhante a de qualquer menino de sua idade que vive na Zona Oeste do Rio de Janeiro, com uma diferença importante: não é qualquer menino que consegue cursar Ciências Sociais em uma universidade pública. Nesse caso, penso que a história de Gabriel deve ser muito parecida com a de seus colegas de turma da Uerj, embora muitos deles façam parte da quarta ou quinta geração de universitários de suas respectivas famílias de classe média. Ele é o primeiro da sua a ingressar em uma universidade pública. Ora, então onde está a semelhança? Ela existe, por certo, e Gabriel não é um caso isolado, mas uma espécie de “híbrido”.

Penso que a noção de “híbrido” simboliza com êxito a ideia que pretendo transmitir, já que ele pode ser o produto de múltiplas influências sem que seja apenas a soma das partes envolvidas. Talvez eu pudesse ainda utilizar a imagem de um rio: apertado pelas margens que o comprimem, mas correndo a partir de uma fonte sem necessariamente saber qual será seu destino.

Meu pai é Raimundo. Como tantos outros nascidos na década de 1960, não completou o ensino fundamental. Seu pai era pedreiro e viajava pelo Brasil à procura de obras e grandes construções. Sua mãe era dona de casa. Nascido em Minas Gerais, meu pai foi para o Rio de Janeiro ainda criança, acompanhado de seus 18 irmãos. Meu pai não é nem um dos mais velhos, nem um dos mais novos, é simplesmente um dos 19 filhos daquele casal. Alguns não chegaram à idade adulta, e hoje a família está dispersa, mas tenho dois tios e duas tias que moram ao lado da minha casa. Na minha rua, em Padre Miguel, existem muitas famílias que moram sob o mesmo IPTU, apenas com tijolos e muros construídos posteriormente para a separação das residências. Nesse caso, meu avô cercou um espaço e dividiu entre alguns de seus filhos e filhas. O espaço que sobrou foi doado para a Igreja, e durante toda a minha vida morei entre meus tios e uma Assembleia de Deus, como se fossem uma coisa só — e, de fato, era.

Neste ponto, cabe destacar a influência desempenhada pelo protestantismo ao longo de minha formação educacional. Aqui, o conceito de *habitus*, de Bourdieu, compreendido como o conjunto de práticas e disposições corporais internalizadas, pode ser mobilizado para interpretar minha trajetória escolar, uma vez que Igreja e Escola exigem padrões de conduta semelhantes, como a educação corporal requerida nos ambientes onde as crianças são ensinadas, desde cedo, a permanecerem sentadas, em

silêncio, observando a explanação de um adulto, ora pastor, ora professor, assim como o respeito às regras da instituição e a obediência à hierarquia.

Dos tios que sobreviveram, nenhum possui ensino superior completo e todos trabalham com atividades manuais. Meu pai é lubrificador: uma espécie de mecânico que troca óleos dos motores dos ônibus à noite para que eles possam circular durante o dia. Outros tios vivem de “bicos”, atividades esporádicas quando podem auferir algum rendimento momentâneo, e algumas tias trabalham como faxineiras, cuidadoras de crianças e outros serviços laborais desse gênero.

Por outro lado, Maria Marlene, minha mãe, é professora do ensino fundamental da rede municipal de escolas do Rio de Janeiro, profissão que exerce desde que eu era pequeno. Sua mãe, minha avó, foi servidora pública durante muitos anos, e meu avô Wilson trabalhou por um longo período como reparador de máquinas gráficas do jornal *O Globo*. Por isso, minha mãe pôde frequentar uma universidade privada, oportunidade que pouquíssimas pessoas de meu bairro possuíam naquela época. A título de ilustração, posso afirmar que, na rua onde moro, sou o primeiro a ingressar em uma universidade pública.

Embora minha residência não seja propriamente de classe média, cresci com um quarto próprio que me possibilitava condições para o estudo das disciplinas escolares, além de ter uma mãe professora que reforçava os conteúdos aprendidos por mim na escola praticamente todos os dias, mostrando-se sempre disponível para resolver exercícios e sanar minhas dúvidas.

Outro elemento que contribuiu para a minha trajetória escolar foi o contato frequente com livros técnicos, especializados e de ficção. A leitura, que não se limitava aos livros, também incluía jornais, como *O Globo*, fato que também denota a presença de um grau elevado de capital informacional, sobretudo se comparado àquele de jovens da minha idade de casas próximas. A leitura de livros, além disso, sempre foi estimulada por minha mãe, o que permitiu que eu não a compreendesse como uma disposição coercitiva, mas, ao contrário, um ato de liberdade. Lembro perfeitamente dos livros infantis que recebi de minha mãe, que os comprava em seu próprio local de trabalho com um homem que os vendia para professoras do Ciep Wagner Gaspar Emery, em Inhoaíba, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

De acordo com a renda familiar que possuíamos, minha irmã e eu poderíamos estudar em um colégio particular. No entanto minha mãe optou sempre por nos matricular em escolas públicas, pois ela dizia frases como “quem faz a escola é o aluno” e “nós das escolas públicas estamos no mesmo nível ou somos melhores que esses professores de colégios

particulares”. Assim, por uma questão de princípios, todo meu processo educacional se deu em instituições públicas.

Como mencionado, tenho uma irmã, Railene, de 28 anos, portanto cinco anos mais velha que eu. Ela frequentemente conseguia boas notas e era elogiada pelos professores. Como irmão mais novo, eu precisava “manter o padrão da família”, o que me parecia uma árdua tarefa, mas que eu conseguia desempenhar. Hoje, Railene também é professora da rede municipal do Rio de Janeiro. Sob um prisma sociológico, parece-me evidente que seu exemplo tornou imperativo um desempenho acadêmico considerado satisfatório, de maneira que essa estrutura familiar dificilmente poderia ser observada em outras casas próximas à minha.

Como membros da igreja neopentecostal Assembleia de Deus, meus pais possuem um *habitus* protestante regrado e fazem questão de transmiti-lo. Hoje, evito utilizar termos considerados impróprios ou consumir bebidas alcoólicas dentro de casa. Quando era criança, não podia permanecer fora de casa durante o dia e possuía horário fixo para encerrar as brincadeiras na rua à noite. Segundo minha mãe, esse processo era fundamental para evitar as “más companhias”.

A partir desse cenário, desde cedo fui ator de destaque nas salas de aula de colégios públicos. Durante a alfabetização, com a ajuda de minha mãe em casa, aprendi a ler rapidamente. Naquela época, os estudantes recebiam uma espécie de “conceito global”, onde frequentemente podia-se ler a menção O (Ótimo) em meu boletim, ou MB (Muito Bom). Sem dúvidas, esse sucesso inicial motivava-me e impressionava professores, que diziam que eu “era diferente e tinha futuro”.

No oitavo ano, fui indicado pelo colégio para fazer o processo seletivo do Programa Socioeducativo Colibri, localizado na Base Aérea dos Afonsos, projeto vinculado à Aeronáutica e voltado para meninos que se destacavam em escolas públicas da região. Funcionava como uma espécie de curso preparatório para o ingresso em instituições conceituadas que ofereciam cursos no ensino médio. Após uma prova de Português e Matemática, preenchi uma das 50 vagas disponíveis. Às 6h30, estávamos em forma ao lado de soldados e recrutas. Com a rigidez característica de um quartel, assistíamos a aulas até o meio-dia de segunda a sexta-feira, e até as 17h aos sábados.

Acostumado aos ambientes regradados da igreja, da escola e da minha própria casa, fui introduzido a um local onde as relações sociais eram ainda mais formais e marcadas pela hierarquia — assim, a opção por não enfrentar professores. Ao contrário, minha relação com autoridades educacionais costumava se dar a partir de um profundo respeito, já que eu acreditava que as professoras representavam minha própria mãe.

A partir do Colibri, fui aprovado no processo seletivo do Colégio Pedro II, algo inimaginável para pessoas de meu bairro e de minha família àquela altura. O capital cultural que já possuía em casa foi amplamente alargado pelo colégio. Um exemplo disso foram as duas vezes em que fui a Brasília representando os estudantes em reuniões com equipes do Ministério da Educação, por conta do meu envolvimento em atividades do movimento estudantil. Durante o segundo ano, fui selecionado para participar de um estágio no setor de Arqueologia do Museu Nacional. O contato com artefatos históricos raríssimos possibilitou que eu conhecesse e me interessasse por processos culturais gregos e egípcios, e exigiu maior contato com livros especializados na área de Ciências Humanas, em geral, e História, em particular.

Em 2015, ingressei no curso de Ciências Sociais da Uerj. Com os capitais cultural e simbólico adquiridos ao longo de minha trajetória, e sobretudo no Colégio Pedro II, notei que possuía familiaridade com os conteúdos apresentados e conhecia alguns profissionais envolvidos na área. Dessa maneira, minha adaptação não foi difícil. No entanto sempre me questionava sobre meu lugar no mundo. Os antigos colegas de rua me viam como alguém inteligente, e até “bem-sucedido”; já os colegas de escola frequentemente falavam sobre coisas que eu definitivamente não tinha contato, como bandas de rock e séries norte-americanas.

Assim, obtive um desempenho acadêmico que considero bastante satisfatório ao longo de toda minha graduação. No mês de outubro de 2019, recebi a notícia da aprovação no processo seletivo para o mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-PPCIS-Uerj — passo que, quando for concluído, fará de mim o membro academicamente mais graduado de minha família.

Como tantos meninos e tantas meninas, fui o pioneiro de minha família e de outros grupos sociais em várias áreas: primeiro a ingressar na rede federal de ensino, como estudante do Colégio Pedro II; a estudar em uma universidade pública; e, agora, serei o primeiro a realizar um curso de pós-graduação.

IGOR GONÇALVES

Curso: Letras
2018

Filho de descaminhos, inventor das próprias trilhas

*Meu pai não tinha educação
Ainda me lembro
Era um grande coração
Ganhava a vida
Com muito suor
E mesmo assim
Não podia ser pior
Pouco dinheiro
Pra poder pagar
Todas as contas
E despesas do lar*

(Nando Reis)

Vidas que se repetem

Talvez a história de minha família se aproxime da história de tantas outras famílias que vivem espalhadas pelo Brasil afora. Mas por ser a de minha família e por formar quem eu sou, com meus medos e sonhos, carrego essa história — mesmo que tão corriqueira — como algo muito especial.

Sou precedido por uma trajetória de deslocamentos forçados. Minha avó materna, Alzira, era portuguesa. Veio para o Brasil fugindo da fome que assolava o vilarejo onde vivia. Trouxe na mala um coração batendo e a esperança por dias melhores. O fato de não conhecer as letras não a impediu de se tornar uma mulher dominadora do conhecimento das ervas para curar dores, feridas e de rezas que afastassem problemas espirituais, pois sabedora do mundo dos espíritos.

Meu avô materno se chamava Domingos, sabia assinar o nome e lia poucas palavras. Era um exímio tocador de violão. Contava para os filhos a história de que viera andando de Minas Gerais até o Rio de Janeiro junto com um grupo a fim de conseguir emprego. Nunca saberemos o quanto de real há nessa história. A única verdade que sabemos é que em Minas ele deixou mulher e cinco filhos. Aqui estabelecido, conseguiu emprego na Cedae (a então Cedag), onde tornou-se funcionário exemplar, trabalhando até se aposentar. Casou-se com minha avó, que já tinha cinco filhos do

primeiro casamento. Tiveram posteriormente outras cinco crianças, entre elas minha mãe, Sueli.

Domingos e Alzira foram grandes contadores de histórias. Relatavam aquilo que ouviram na infância e as crônicas dos lugares por onde passaram. Eram detentores de uma cultura riquíssima, apesar desta não ter notoriedade diante da cultura legítima, pautada nos saberes referentes à cultura europeia, e, sobretudo, ao que se diz sobre o saber científico, ambas dominada pelas classes mais abastadas.

Meus avós possuíam um sítio em Jacarepaguá onde plantavam de tudo um pouco, além de criarem algumas espécies de animais. Pais e filhos trabalhavam na manutenção da terra. Para isso, algumas crianças trabalhavam pela manhã e estudavam à tarde, enquanto outras faziam o inverso. Dessas dez crianças, apenas duas conseguiam desvendar os mistérios da palavra escrita, ficando as outras sob as mãos do Destino.

Aos poucos, uma a uma foi deixando os bancos escolares, como se fossem passadas por uma peneira. Saíam para trabalhar em algum emprego que lhes rendesse dinheiro, o que não acontecia no trabalho familiar, ou saíam para se casar — no caso das mulheres —, ou saíam por não conseguir corresponder àquilo que a escola esperava como aluno.

O filho mais velho foi o primeiro a abandonar a escola, já alfabetizado. Ingressou na carreira militar, na qual trabalhou temporariamente. O fato de ter pouca escolaridade o impediu de galgar os postos mais altos do Exército. Sueli, que mais tarde seria minha mãe, foi a que permaneceu por mais tempo. Conseguiu estudar até a quarta série, o que já pode ser considerado um grande êxito nesse contexto. Não pôde dar continuidade aos estudos devido a uma grande crise financeira causada pela morte de meu avô e pela doença que acometera minha avó, o que fez com que a família mergulhasse em dívidas. A menina deixa a escola para ocupar o posto de babá na Barra da Tijuca, bairro que ainda estava em seus primórdios.

Com a família de meu pai não foi diferente. Meu avô paterno se chamava José e também era mineiro, de uma cidade da qual nunca revelou o nome. Saiu em busca de trabalho como agricultor, atividade que exerceu para o resto da vida. De cidade em cidade, procurava alguma fazenda e lá trabalhava enquanto desse. Terminado o tempo de plantio e colheita, partia para outro lugar.

Nessas andanças conhece minha avó, Itelvina, indígena pega a laço, como muitos familiares relatam. O casal gera 11 filhos, todos com nome de santo, cada um nascido em uma cidade diferente, em uma fazenda diferente, todos frutos de uma vida cigana e errante, em busca de comida e lugar para dormir. Nenhum dos filhos frequentava a escola. Essa instituição não fazia parte da realidade em que a família vivia, de extrema pobreza e constantes mudanças.

Para a família, era muito claro que não havia necessidade de os filhos de analfabetos frequentarem a escola, já que seus pais, mesmo sem dominarem as letras, conseguiam ter o mínimo para sobreviver, unicamente por meio do esforço braçal. Deixavam, assim, suas vidas serem tramadas pelas Senhoras do Destino na Roda da Fortuna, que, pouco a pouco, os levava para o mesmo fim daqueles que vieram antes deles.

Em meio a essa jornada de tantas saídas e de tantos filhos gerados, minha avó paterna é acometida pela tuberculose e morre precocemente, aos 33 anos. Meu avô, homem bruto e voltado apenas ao trabalho, não dá conta de criar tantas crianças sozinho, mesmo tendo ajuda das filhas mais velhas. Meu pai, Francisco, e meu tio, Dimas, na época com cinco e três anos respectivamente, iam para a rua pedir comida. As pessoas, já conhecedoras da situação, deixavam comida na janela para que eles pegassem. Dois anos depois, um casal pegou-os para criar, mas logo os entregam para o Serviço de Assistência ao Menor (SAM), em São Cristóvão, onde foram separados. Dimas continua em São Cristóvão e Francisco é enviado para uma unidade em Bemposta, distrito de Três Rios. Francisco permanece internado durante dez anos, sem nenhum contato com a família até completar 18 anos, quando o SAM já havia dado lugar à Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem).

Francisco e Dimas, por sorte ou por barbárie, são os únicos da família a serem alfabetizados. Isso foi possível pelo fato de o colégio interno também oferecer educação formal às crianças. O menino mais velho consegue estudar até a oitava série. A constante falta de professores, no entanto, faz com que ele não consiga seguir nos estudos.

Nesse contexto tão conturbado, podemos observar que meus pais são a exceção dentro de suas famílias, que já vinham há tanto tempo vivendo uma vida na qual a escola era uma realidade totalmente distante. Essas duas famílias viviam uma situação de interdito em relação ao acesso à escola e à alfabetização, mesmo que não tivessem consciência desse fato.

Recomeço

Sou o único entre meus familiares maternos e paternos a conseguir sentar-se em um banco acadêmico. Em meio a uma história de tanto caos e de tantas privações vividas pelos meus pais e avós, consigo manter o ritmo da caminhada e adentrar os até então impossíveis portões da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) para cursar a faculdade de Letras.

Sou de uma família de classe baixa da Taquara, em Jacarepaguá, bairro em que moro até hoje. Meu pai, hoje aposentado, trabalhou em muitos lugares. Seu último emprego foi em uma loja de material de construção, onde era ajudante de caminhão. Sua função era carregar o caminhão com material para obras (como areia, pedra, cimento) e descarregá-los nas casas dos clientes. Lá trabalhou por 14 anos, mas um trabalho tão árduo e pesado

nunca foi impedimento para que ele se dedicasse a uma antiga paixão: a leitura. Lê jornal diariamente, e os finais de semana sempre foram dedicados à leitura de livros, sobretudo os romances policiais.

Minha mãe trabalhou em tantos lugares que seria difícil numerá-los. Foi babá, empregada doméstica, cozinheira em pensão, diarista, costureira, vendedora de bijuterias, roupas e produtos de beleza. Por último, teve um comércio, uma espécie de bar e mercearia, do qual se desfez há alguns anos. Também gosta de ler, sobretudo os livros sobre ervas medicinais e de autoajuda, além dos romances espíritas. Do jornal, gosta apenas do caderno de notícias sobre televisão.

Assim, minhas três irmãs e eu crescemos vendo nossos pais lerem. Nossa varanda possuía duas estantes repletas de livros, provenientes de compras em bazares ou de doações dos patrões de meus pais. Não havia nenhum tipo de orientação ou restrição. Podíamos ler de tudo, e os livros da coleção *Conhecer* eram meus preferidos. Dentro daqueles blocos vermelhos, podia conhecer o Egito, aprender sobre como funciona o estômago ou entender como se organiza uma colônia de abelhas.

Foi, então, chegado o tempo de matricular minha irmã, que nascera dois anos antes de mim. Somos os filhos do meio, entre a irmã mais velha e a caçula. Sou ainda do tempo em que era preciso pernoitar nas filas das portas das escolas públicas a fim de conseguir uma vaga.

Mesmo dormindo na fila da escola, minha mãe não consegue vaga. É o ano de 1998 e, temendo que minha irmã repita a sina das mulheres de sua família, minha mãe começa a alfabetizá-la em casa. Improvisa o quadro com uma mesa de jogo de botão, no qual escrevia as lições. Eu também participava das aulas, que, além das atividades no caderno, contava com leituras de livros infantis e revistas em quadrinhos, nas quais a mestra orientava com o dedo os caminhos que nossos olhos deveriam seguir. Sempre preferi a leitura à cópia e em menos de um ano já estava alfabetizado. Em 1999 sou matriculado na escola junto com minha irmã, e passamos a ser colegas de classe.

Tínhamos pouco capital financeiro, o mínimo para comprar comida e roupas novas esporadicamente. Vindo de tantas privações, meus pais sempre priorizaram o alimento. Nunca passamos por grandes necessidades, tendo sido garantido a nós o direito ao pão e aos livros. O material escolar era comprado em janeiro e utilizado austeramente até o fim do ano letivo. Não nos era permitido retornar para casa com nenhum lápis ou borracha a menos.

Nosso capital cultural objetivado era escasso. As maiores riquezas eram os livros e as coleções de discos de vinil e fitas que minha mãe adquiria nos bazares próximos de nossa casa. Ouvíamos diariamente Roberto Carlos,

Roberta Miranda, Djavan, Guilherme Arantes, Maria Bethânia e tantas outras vozes que até hoje carrego comigo.

No mais, contávamos com um rádio-vitrola preto da Gradiente que tocava discos e fitas, que minha mãe conseguira comprar depois de muito economizar. Tínhamos, também, uma televisão Panasonic de 20 polegadas que meu pai conseguira comprar nas Casas Bahia tendo seu patrão como fiador. A televisão não ficava na sala, mas no quarto, o único da casa na época. Em seguida, meu pai consegue comprar um aparelho de videocassete que se torna a alegria das nossas tardes de domingo.

Não tínhamos TV a cabo e nos contentávamos com os filmes das fitas VHS e com os canais abertos, sobretudo a TV Cultura e a TV Educação, nos quais eram transmitidos desenhos animados e programas muito interessantes sobre as culturas dos povos do mundo, o que me instigava muito. Por termos um quintal grande com muitas árvores, também preenchíamos nosso tempo correndo e comendo jamelão, manga e amora.

Como vemos, tínhamos posse de objetos da cultura legítima de forma muito reduzida, mas acredito que o fato de termos muitos livros e ouvir muita música de cantores prestigiados fez com que nosso capital cultural interiorizado fosse superior aos das demais famílias vizinhas. Havia, porém, uma vizinha muito simples, de nome Sônia, que por ter problema de audição ouvia suas músicas no volume máximo da rádio. Eram músicas em outra língua, mas que me sensibilizam muito. Mais tarde saberia quem eram os donos daquelas vozes: Charles Aznavour, Édith Piaf e Louis Armstrong.

Os livros e a música foram, na verdade, o único meio que nos formou culturalmente, pois não tínhamos o hábito de ir a museus, teatro ou cinema. Nossa única saída de casa era para visitar parentes ou para ir à praia, o que fazíamos com muita frequência.

Mesmo com pouca escolaridade, meus pais valorizavam a escola. O fato de eles também darem importância à leitura foi muito importante para mim. Líamos para aprender, mas também líamos para passar o tempo, para fruir, para nos divertir. A leitura fazia, assim, parte do nosso *habitus* familiar, constituindo-se como uma experiência positiva para todos nós.

Meu primeiro contato com uma instituição cultural além da escola foi na terceira série do ensino fundamental, quando a escola levou os alunos ao Museu Nacional de História Natural, na Quinta da Boa Vista. No ano seguinte, fomos ao cinema assistir ao lançamento do filme do Homem-Aranha, que foi o assunto do resto do ano na escola. No mesmo ano, fomos ao Teatro João Caetano para assistir aos *Saltimbancos*, que me deixaram profundamente encantado.

Na quinta série, a escola organizou um passeio para Petrópolis, mas deveria ser pago pelos alunos. Não me lembro do valor. Recordo apenas que cheguei em casa um pouco envergonhado para informar minha mãe,

na certeza de que ela e meu pai não teriam dinheiro para que eu pudesse ir. Para minha surpresa, ela ficou muito animada e pagou para que eu fosse ao passeio. Nunca me esquecerei da primeira vez em que vi a coroa real usada por Dom Pedro II. Foi um misto de encantamento e espanto. Havia também um pouco de inveja: desejei ser imperador.

Na sexta série, ganhei uma bolsa de estudos no Curso Ibeu, onde estudei inglês por dois anos. O curso era em outro bairro, e foi a partir desse momento que comecei a ter autonomia para ir aos lugares sozinho — visto que, por causa do trabalho, nem sempre meus pais podiam me acompanhar.

Não frequentei mais nenhum desses lugares até chegar ao ensino médio, no Ciep Dr. Ulysses Guimarães, em Curicica. No primeiro ano, o professor de História fez a proposta de uma atividade que teria o valor da prova, ou seja, quem a realizasse estaria livre da prova. A atividade consistia em tirarmos uma foto ao lado da estátua de Arariboia na Praça das Barcas, em Niterói, e levá-la para ele.

Pelo fato de o professor ser muito exigente, tive a ideia de reunir alguns colegas de turma para irmos até Niterói. Combinamos de ir na semana seguinte, mas, quando chegou o dia, todos inventaram alguma desculpa para não ir. Fui sozinho e, pela primeira vez, descii na Praça Quinze para pegar a barca. Foi uma experiência única a travessia da Baía de Guanabara.

Acredito que a escola tenha exercido importante papel em minha vida, dado que, de certa forma, complementou e enriqueceu a formação do meu capital cultural interiorizado. Foi por meio da escola que pude ampliar meus horizontes, podendo perceber que eu poderia ir cada vez mais longe.

Meu desejo de me tornar professor nasce, inclusive, por conta da admiração que sempre tive em relação aos meus professores. Eu os achava tão inteligentes e especiais que desejava ser como eles, e isso era reforçado pelos meus pais, que sempre ressaltaram a importância da educação em nossas vidas, sobretudo a oportunidade de ascensão social.

Talvez a história de vida de meus pais fizesse com que eles superassem a visão de interdito tão impregnada em suas famílias, algo muito comum nas camadas populares. Isso acontecia porque seus pais tinham a ideia de que, devido à realidade que viviam, as chances de êxito de seus filhos seriam muito pequenas ou até nulas.

Hoje, porém, percebo que havia um pensamento um tanto liberalista nas ações de meus pais para comigo. Percebendo que, dentre os filhos eu era o que mais respondia às expectativas em relação ao sucesso escolar, sempre recebia deles incentivo e atenção no que dizia respeito às necessidades educacionais.

Minhas irmãs não completaram a educação básica. Ao passo que cada um deixava de estudar, eu ficava muito assustado e chateado por elas estarem seguindo por outras estradas que não a minha. Enquanto isso, meus

pais pareciam encarar isso como algo tão natural quanto nascer e morrer. Não sei se isso fora movido por um pensamento ainda muito presente na camada popular de que as mulheres, uma hora ou outra, deverão se tornar mães, tendo o estudo de ficar em segundo plano.

Continuei determinado a atingir aquilo que eu mais desejava: ser professor. Já no ensino médio, comecei a trabalhar como professor de reforço escolar em uma instituição filantrópica, onde dava aula duas vezes por semana e recebia um pequeno valor mensal. Considero que isso tenha sido de extrema importância para mim, pois estive em contato com diferentes profissionais, entre eles psicólogos, nutricionistas, fonoaudiólogos, professores de judô e capoeira, entre outros, que ali trabalhavam.

Isso fez com que meu capital social se ampliasse bastante, pois, até então, as únicas pessoas com ensino superior com as quais eu havia tido contato mais próximo eram meus os professores na escola. Recebia de todos muito incentivo para fazer o Enem quando terminasse o ensino médio, mas eu tinha muito medo de não conseguir passar. Talvez a voz de interdito ainda ecoasse em meus ouvidos, trazendo a vida de meus avós.

Foi ainda no ensino médio em que pude, pela primeira vez, andar pelos corredores da Uerj. A professora de Biologia criara um projeto de preservação do meio ambiente e convidara alguns alunos para auxiliá-la. Com a autorização da direção da escola, transformamos uma das salas de aula em ecoposto, onde recebíamos óleo usado e material para reciclagem. A professora conseguira também que realizássemos um curso sobre meio ambiente. Seriam encontros quinzenais com a duração de três meses a serem realizados na Uerj, nome que até então eu desconhecia. Subia e descia as rampas da Uerj com o desejo de um dia ser aluno daquele lugar.

Concluo o ensino médio em 2010, mas a insegurança de me submeter ao vestibular continua pulsando em mim. Como o filho de pessoas que não concluíram nem o ensino fundamental poderia ousar ter seu nome inscrito na chamada de uma turma do ensino superior?

No ano seguinte, inicio o curso de formação de professores, pois seria uma maneira mais rápida de conseguir um diploma para poder dar aula. No fim de 2011, ainda reluto em fazer o vestibular, mas começo 2012 com um único objetivo: fazer o Enem. Continuava a trabalhar na mesma instituição, agora recebendo um pouco mais. Além disso, dava aulas particulares para poder complementar a pequena renda que recebia. Meus pais nunca exigiram que eu contribuísse com qualquer valor nas despesas da casa.

Passei o ano inteiro estudando em casa para o Enem e para a Uerj. No meio do ano, eu me formo no curso de formação de professores e no final do mesmo ano realizo a prova do Enem e o vestibular da Uerj. Aproveitando tudo o que havia estudado para essas provas, inscrevo-me de última hora no

concurso para professor de ensino fundamental da prefeitura de Queimados e realizo a prova em dezembro do mesmo ano.

Em janeiro de 2013, consultando as páginas do Inep e do vestibular da Uerj, descubro que havia sido aprovado no Enem para Letras na UFRJ e na Uerj. A antiga paixão falou mais alto e optei pela segunda universidade. Que ironia do destino dar a um filho das classes populares, aos 21 anos, a oportunidade de escolher em que universidade pública cursar.

Em 2014, quando já havia até me esquecido, recebo a notícia de que havia sido aprovado no concurso de Queimados e convocado para me apresentar com a documentação e tomar a posse do cargo de professor do ensino fundamental da rede, onde trabalho há quatro anos, agora como professor de Sala de Leitura.

Há que se cuidar do broto

Diferentemente de Édipo, que não consegue se desvencilhar das garras do destino e acaba cumprindo sua triste sina, creio que de certa forma consegui me desenrolar dos novelos das Senhoras Repartidoras que fiam nossos dias. Não foi um trabalho só meu. Foi iniciado desde muito antes, com a insistência de minha mãe para aprender a ler e a escrever, com o sofrimento de meu pai ao ter que se separar de sua família durante tanto tempo, o que ao menos lhe rendeu ter acesso à educação, mesmo que de forma tão fragmentada.

O êxito de ter conseguido concluir a educação básica e conseguir alcançar o ensino superior se deve também aos tantos mestres que me acompanharam e aconselharam e aos outros profissionais que encontrei pelo caminho, que diziam que eu era capaz de atingir lugares cada vez mais distantes daquele em que eu vivia.

Ter encontrado essas pessoas pelo caminho foi de extrema importância, pois me fizeram compreender que, apesar de difícil, é preciso muito esforço para romper com um destino que está traçado há tantos anos.

Sei, infelizmente, que minha trajetória escolar e acadêmica não é comum nas classes baixas. Sou uma exceção dentro de uma enorme camada social que, devido a tantos fatores, continua a viver sem desejar o impossível. Educação está nesse bojo de impossibilidades.

Mais que um trabalho de Sociologia, este é um trabalho de extrema humanidade, por meio do qual eu posso me olhar no espelho e acreditar em mim mesmo. E por ser tão humano, concluo convidando as palavras de Drummond para este diálogo: “E eu não sabia que minha história era mais bonita que a de Robinson Crusóé”.

JOÃO PEDRO GOMES PINHEIRO

*Curso: Física
2018*

Um físico fazendo uma análise sociológica

Nasci no interior de Teresópolis, Região Serrana do estado do Rio de Janeiro, no meio da estrada Teresópolis-Friburgo, a 30 quilômetros do centro de Teresópolis e a mais de 40 quilômetros do centro de Nova Friburgo. Faz-se necessária uma explicação introdutória de como é a relação entre as classes sociais no lugar em que nasci, visto que é um pouco diferente dos conceitos de classe popular, média e alta que temos na capital do Rio de Janeiro. O bairro em que nasci não era, e nem é atualmente, “pobre”, ou da classe popular; não há famílias que precisam racionar o salário para comprar comida, vivendo em barracos. Todos tinham casa e, a maioria, um carro na garagem (por mais simples que fossem o carro e a garagem). Apesar disso, havia a desigualdade econômica: havia famílias nas quais os pais trabalhavam duro no cultivo de hortaliças e ganhavam um valor fixo baixo por seu trabalho, e trabalhadores com pequenos pedaços de terra que garantiam seu sustento na agricultura familiar sem fatura. Por outro lado, havia em menor quantidade famílias donas das terras que contrataram lavradores e motoristas de caminhão, famílias estas que lucravam muito vendendo as hortaliças na capital. Apesar de a maior parte das famílias ser muito simples, quase não havia violência na minha infância, como roubos, furtos, tráfico. Também não faltava comida na casa de quase ninguém, visto que apesar de os salários e lucros não serem muito altos, o custo de vida era muito baixo.

Meu pai, por outro lado, é mecânico automotivo. Comparativamente ao cenário mostrado anteriormente, ele não era nem da classe mais baixa (que ganhava um salário baixo ou vivia da incerteza da agricultura familiar), nem da classe alta (dono de muitas terras). Minha mãe é costureira juntamente com minha avó, que na minha infância morava com a gente. A renda da família não permitia grandes gastos, mas também não precisávamos racionar demais, tendo todas as necessidades básicas supridas, e ainda sobrava um pouco de dinheiro. Dessa maneira, podemos encaixar minha família na classe média, ou a parte ascendente da classe popular.

A minha família por parte de mãe é de origem social baixa; minha mãe é filha única de mãe solteira e foi criada pelos meus bisavós. Minha avó trabalhava muito para conseguir ajudar meus bisavós a cuidarem da minha mãe. Eles moravam no meio do mato em casas muito simples. A maior parte dos meus tios-avós (nove no total, quatro falecidos) é analfabeta. Minha mãe estudou apenas até o quinto ano do ensino fundamental. Nenhum

primo da minha mãe, ou filho de primo, concluiu o ensino superior; eu sou o primeiro dentre eles.

A família do meu pai, por outro lado, é academicamente um pouco mais avançada. Tenho quatro tias (uma já falecida), todas professoras da educação básica, que fizeram o curso normal. Quase todos os meus primos têm graduação, e três deles moram fora do país. Meu pai tem ensino médio completo e alguns cursos na área de mecânica automotiva. Na oficina em que trabalha e gerencia, meu pai conheceu muitas famílias importantes da região e muitos donos de sítios e casas de veraneio em Teresópolis, muitos destes últimos com diplomas importantes: médicos, advogados, professores universitários etc. Sempre que eu estava na oficina dele, lugar em que sempre gostei de ficar, ele fazia questão de me apresentar a essas pessoas, e eu sempre tinha a oportunidade de perguntar o que eles faziam, como funcionava a carreira etc. O capital social ao qual eu fui submetido foi, portanto, diferenciado do de outras famílias, que cruzavam e até tinham contato com pessoas diplomadas, mas não aproveitavam a oportunidade para conversar sobre o meio acadêmico, profissões.

Dessa forma, minha educação e a influência no capital cultural, simbólico e social foi mais forte por parte do meu pai, que via a importância de eu ler livros desde cedo, saber utilizar uma enciclopédia etc. Era comum todas as famílias possuírem uma enciclopédia, mas lá em casa era um dos poucos ambientes onde de fato se abriam os volumes da Larousse, quando meu pai me mostrava vários verbetes e seus significados. Muitos dos meus amigos tinham uma enciclopédia em casa, mas não sabiam nem o que era isso.

Posso citar aqui alguns exemplos de coisas que aprendi e tive acesso dentro de casa que se diferenciavam muito do que outras crianças e jovens da minha região tiveram. Além da enciclopédia, havia livros, quadros, teclado e incentivo ao aprendizado de música clássica e músicos ligados ao piano, como Freddie Mercury, Elton John, Tom Jobim. Era comum ir com minha família a museus, ao teatro e cinema, não só para assistir a *blockbusters* ou animações infantis, mas também a filmes considerados clássicos e reflexivos. Além disso, meus pais pagavam curso de inglês e eu praticava natação. Aprendi a jogar xadrez ainda muito jovem em casa com meu pai, e era difícil encontrar alguém para jogar comigo, pois eu era um dos poucos entre meus amigos que sabia. Meus pais não têm diploma de ensino superior, mas, como dito anteriormente, quase todos os meus primos têm, e isso nunca foi colocado para mim como uma “escolha”: o que eu pude escolher foi o curso, mas sempre tive em mente que fazer faculdade seria possível.

Em relação à escola, meus pais sempre reconheceram que esse era o ambiente em que eu poderia ascender socialmente, sair do interior e ter um salário melhor que o de meu pai. Através da escola, eu não obteria apenas

conhecimento, mas seria a escada da ascensão social e cultural. O efeito disso é que eu, hoje em dia, praticamente me sustento na capital.

Em relação à minha escolaridade, economizamos viagens, idas a restaurantes, trocas de carro, obra em casa etc., pois meu pai precisava pagar pelo meu curso de inglês, natação, me dar livros. Viagens eram trocadas por idas a museus, teatros, cinemas, feiras literárias. É importante pontuar que mesmo uma simples ida ao cinema ou ao teatro era dispendioso para os meus pais financeiramente, pois morávamos muito distante da cidade. Às vezes meu pai me trazia até a capital para que eu tivesse acesso a museus, e isso exigia grande economia de dinheiro. Eu fui filho único por 15 anos, e apenas quando estava já no ensino médio meus pais decidiram ter a minha irmã. Agora podem se dedicar à educação dela, pois minha independência é praticamente total.

Sempre fui cobrado em casa sobre o comportamento na escola; apesar de nunca ter sido um aluno bagunceiro, minha mãe e meu pai sempre estavam de olho nas notas. Sempre fui motivado a ter boa relação com os professores, pois precisava deles para alcançar a cultura legítima ensinada na escola. Esse era o *habitus* da minha família diante da instituição escolar. Como eu me destacava por conhecer elementos da cultura legítima com a qual meus colegas estavam tendo contato pela primeira vez, conquistei intimidade com certos professores. Meus colegas, por outro lado, sofriam o que Bourdieu chama de violência simbólica, ou seja, eram levados a acreditar que a dificuldade que eles tinham com um determinado assunto vinha do fato de não terem o dom para aprender, e não por falta de costume com a cultura legítima, que para mim já era de certa forma natural e não inédita.

Toda essa diferença em relação aos outros jovens da minha idade só veio fazer real diferença no ensino médio. A diferença da minha bagagem de cultura legítima em relação aos outros jovens foi perceptível, por exemplo, no projeto de 50 anos do golpe militar de 1964. Eu estava no terceiro ano e conhecia todas as músicas da resistência (Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Geraldo Vandré etc.), pois as ouvia desde cedo com meu pai, que tinha LPs desses artistas (discos esses guardados até hoje). O meu trabalho foi obviamente muito mais valorizado do que o de outros alunos, que nada conheciam da resistência cultural da época da ditadura e foram pesquisar pela primeira vez. Por mais velhos que fossem os pais e avós dos meus colegas, a época da ditadura pouco influenciou o interior, e, dessa maneira, esse conhecimento não era presente nas histórias dos parentes. Meu pai, que viveu parte da sua juventude na capital do Rio de Janeiro, trabalhando na Cadeg, acompanhou um pouco mais de perto o medo e a barbárie, conhecendo seus efeitos e a resistência da época. Essa vivência na capital durante sua juventude foi um fator muito importante, pois ele teve convivência com pessoas e meios muito diferentes dos

presentes na nossa terra e viu que poderia ter um filho em uma classe social mais alta do que a dele. Ele queria um filho que tivesse qualidade de vida na capital: diploma, bom emprego, bom salário e tudo aquilo que ele sonhava quando jovem enquanto percorria o Rio de Janeiro.

Apesar de ser amigo pessoal até hoje de muitos professores do ensino médio, um deles merece atenção especial em relação ao meu êxito escolar e acadêmico. Meu professor de Filosofia, Augusto Moreira, apresentou-me a um projeto de divulgação científica de Física da Uerj, regido pela professora Marcia Begalli. Gostei muito do que se tratava e topei uma visita à Uerj para conhecer essa professora. Meu pai, ciente do quanto aquilo era importante para meu êxito acadêmico, logo conseguiu dinheiro para me trazer ao Rio de Janeiro e conhecer a tal professora. Conclusão: prestei vestibular para a Uerj, hoje faço Física e desenvolvo um trabalho de iniciação científica voluntário, por falta de bolsas, orientado por essa mesma professora.

Infelizmente, meu fim foi muito diferente da maioria dos outros jovens. Na minha classe de terceiro ano, apenas eu estou em faculdade pública (não mais que cinco estão em faculdades particulares). A maioria que concluiu o ensino médio — que ainda assim não são maioria perto da quantidade de jovens da região que abandonam a escola — já constituiu família e trabalha na área rural ou comercial no centro da cidade. Os de famílias ricas seguem com as grandes empresas dos pais, exportando hortaliças para todo o estado.

JÚLIA VENANCIO LIMA

*Curso: Geografia
2019*

Eu me chamo Julia, sou a primeira e única filha planejada do casal Alessandra e Petronio. Minha mãe é a primogênita de três filhos, nasceu em Macaé. Meus avós maternos tiveram uma vida muito simples. Inicialmente tinham baixo capital financeiro para investir na educação de seus três filhos. Apenas minha avó, Jacira, conseguiu completar seu ensino médio.

Meu avô, Luiz, era eletrotécnico de aviões e viajava a trabalho com frequência, tinha um alto capital social e, em meados dos anos de 1980, tomou conhecimento de que haveria um concurso para a Petrobras na cidade e inscreveu minha avó. Ela passou, e, por causa disso, eles começaram um movimento de ascensão econômica, o que permitiu que tivessem condições para que minha mãe fosse fazer o ensino médio técnico na capital. Ela foi para o Rio de Janeiro aos 16 anos para cursar eletrônica. A escolha do curso não foi dela, mas sim do meu avô, o que fez com que ela não seguisse essa carreira. Ao terminar o ensino médio, ela não começou nenhuma faculdade. Uma vez que não sabia ao certo qual carreira seguir, começou a trabalhar no comércio.

Meu pai é o caçula de cinco filhos. Meus avós paternos também viviam uma vida simples focada na sobrevivência, sem luxos, não tinham livros e outros objetos de cultura em casa. Meu avô era carpinteiro, e minha avó, dona de casa. Baixo capital institucionalizado. Já que não tiveram a oportunidade de completar seus estudos, só sabiam ler, escrever e fazer contas de matemática básica. Apesar do baixo capital financeiro, meus avós sempre incentivaram que seus filhos tivessem uma boa educação e procurassem boas instituições públicas para suas formações, ainda que não pudessem pagar por uma delas. Meu pai sempre foi muito curioso e interessado por tecnologia e eletrônica, o que fez com que ele escolhesse fazer um curso técnico nessa área. Ele fez ensino médio técnico no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ). Logo depois, na mesma instituição, ele cursou licenciatura em Eletrônica. Ser professor é sua verdadeira vocação. Ele mesmo, antes de formado, já dava aula em cursos técnicos. Foi em uma dessas escolas que ele conheceu minha mãe.

Esse alto capital cultural institucionalizado permitiu uma mobilidade social ascendente. Anos antes de se casar, ele havia comprado um apartamento em um conjunto habitacional no bairro do Camorim. Essa trajetória continuou depois do casamento em 1994.

Assim que se casaram, decidiram que precisavam se estruturar primeiro financeiramente antes de ter filhos. Assim, eles continuaram acumulando capital cultural incorporado, fazendo viagens e tendo novas experiências a dois. Fizeram juntos um curso equivalente ao normal, aumentaram seu capital cultural objetivado: adquiriram um computador com internet e mais livros pra “minibiblioteca” do meu pai. Compraram dois carros, um para cada. Além disso, investiram no capital social, pois viraram sócios de um clube onde praticavam natação.

Foi só no ano de 2000, já com quase sete anos de casados, que eles decidiram que estava na hora de aumentar a família. Meu pai havia parado de dar aula e estava bem estabelecido em uma empresa de telecomunicações, e minha mãe trabalhava no setor administrativo de uma companhia de aviação. Nasci no final do ano do bug do milênio, no dia 21 de novembro. Minha mãe tinha o sonho de ter pelo menos mais um filho, mas meu pai manteve a postura malthusiana de classe média do filho único para que eles pudessem concentrar todos os esforços e investimentos em mim.

Fui para a creche com seis meses para que minha mãe pudesse voltar a trabalhar. Anos depois, fui para um colégio tradicional em um bairro próximo de onde eu morava. Em 2004, meus pais decidiram que era melhor que nos mudássemos para um lugar melhor. Fomos morar na Freguesia, em Jacarepaguá, um bairro que estava emergindo, assim como nós. Nosso novo apartamento tinha três quartos (sendo um suíte), varanda, cozinha e sala grandes; ficava em um condomínio fechado que dispunha de piscina, salão de jogos, salão de festas, parquinho, academia, sauna, tudo que não havia onde eu antes morara.

Como era um bairro emergente, a Freguesia tinha pessoas em diferentes classes econômicas. Minhas colegas de escola viajavam todo ano para o exterior e eram filhas de empresários, donos de importantes negócios. Essas pessoas possuíam muito mais capital cultural e financeiro que a minha família. Na época, eles precisaram vender um dos carros e economizar todas as moedas para arcar com o novo custo de vida. Comecei em um novo colégio, também tradicional do bairro e bastante renomado na época. Passei o restante dos meus anos escolares nele, até me formar no ensino médio.

Nosso capital financeiro podia não ser tão abundante, mas meus pais fizeram de tudo para que pudessem me dar e proporcionar todas as oportunidades e vivências que eles não tiveram a chance de ter. A boa vontade cultural sempre foi explícita. Para além da escola, meus pais sempre me incentivaram a praticar atividades extracurriculares. Durante a infância e adolescência, participei do coral e do grupo de dança da escola, fiz ginástica olímpica, aulas de teatro, lutei capoeira e Muay Thai. Pude viajar para algumas localidades dentro do Sudeste brasileiro, frequentei museus, teatros e cinemas. Fui uma leitora assídua, ia a todas as Bienais do

Livro. Aos sete anos, entrei no curso de inglês e saí somente aos 16, formada e com diploma de proficiência de Cambridge. Foram anos acumulando capital cultural incorporado e capital social. Meus pais sabiam da importância que a acumulação desses capitais teria na minha formação.

Eles abdicaram da vontade de ter mais filhos, não fizemos grandes viagens, ficamos mais de dez anos com um único carro. Em suma, não vivíamos uma vida com gastos extravagantes e sempre economizamos ao máximo. Sendo assim, sempre procurei dar o meu melhor em tudo que sempre fiz buscando sempre honrar tudo que eles abriram mão para me proporcionar a melhor das vidas.

Sempre tive um excelente capital cultural objetivado. Ao longo dos anos, a minibiblioteca aumentou. Meu pai colecionava seus livros de eletrônica e telecomunicações; já minha mãe gostava muito de romances e livros kardecistas. Sempre tive acesso a computador com acesso à internet em casa. Meu pai gostava das novidades tecnológicas que saíam no mercado. Tínhamos televisão em todos os cômodos e aparelho de DVD na sala. Meus pais tinham aparelho celular, e eu, assim que tive idade, ganhei um também.

Atribuo nossa ascensão social e a possibilidade da acumulação de capital financeiro ao longo dos anos à mudança do meu pai de empresa alguns anos, após nossa mudança e a promoções internas que ele foi tendo. Mais adiante, ele voltou a acumular capital institucionalizado quando fez uma pós-graduação. Depois de alguns anos trabalhando com administração, minha mãe também investiu na sua formação, cursou Recursos Humanos para poder se colocar melhor dentro do mercado de trabalho.

Nunca foi uma necessidade que eu trabalhasse enquanto estudava para aumentar a renda familiar. Meus pais sempre deram prioridade a meus estudos. Mas eu sempre gostei de procurar fazer minha parte, principalmente para ter meu dinheiro e gastar com coisas do meu interesse. Aos 16 anos, comecei a trabalhar com festa infantil, como freelancer. Eu trabalhava exclusivamente nos finais de semana, justamente para que não atrapalhasse minha rotina na escola. Aprendi sobre o ambiente de trabalho e as relações hierárquicas que nele existem, por trabalhar com o público às vezes precisava mediar situações que antes não estava acostumada. Também aumentei a minha rede de relações sociais com as conexões que fiz nesse período. Algumas pessoas estão no meu círculo de amigos até hoje. Aprendi muito sobre dinheiro e a gestão dele. A pequena liberdade de não precisar pedir dinheiro para um lanche com os amigos era muito boa.

Mas nem somente de ascensão minha família viveu. No final do meu ensino fundamental II, minha mãe abriu uma empresa de recrutamento e seleção, mas não deu muito certo e ela acabou tendo que fechá-la. Ficou

desempregada durante um tempo e sobrevivemos graças às economias de todos os anos. Em 2017, eles acabaram se separando, mas sempre procuraram manter um bom relacionamento por minha causa. Com a separação, meu pai conheceu uma outra pessoa com quem teve, de maneira não planejada, meu irmão, o Pedro. Isso aumentou as pressões para que eu entrasse em uma universidade pública.

Se por um lado eu tive esse incentivo dos meus pais, o próprio capital social que adquiri ao longo dos anos, com pessoas com capital financeiro superior ao da minha família, fez-me ter ambição e acreditar que por meio de um diploma eu poderia alcançar o que eles possuíam. No final da minha adolescência, o diploma era, sem dúvidas, o principal objetivo da minha vida. O discurso da classe média de que a ascensão financeira acontece somente pela educação estava enraizado em mim.

Os exemplos familiares de ascensão através da educação também foram determinantes para a consolidação dessa mentalidade. As três irmãs de meu pai têm ensino superior completo, tendo uma delas mestrado em Biologia. Duas das minhas primas estudaram em colégios federais e fizeram faculdades federais. Uma delas hoje é doutora em Virologia e professora da UFF; a outra está no meio do mestrado na área da Engenharia Química. Os dois irmãos de minha mãe são formados no ensino médio técnico, e um deles se graduou no ano de 2014 em Engenharia de Produção. Minha madrinha é formada em Biblioteconomia. Sendo assim, no geral, minha família possui o que considero um capital cultural institucional acima da média e valoriza demais uma educação de qualidade e a entrada na universidade.

Durante o meu terceiro ano, fiz pré-vestibular e passei para Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Escolhi cursar Geografia. Meu interesse por essa disciplina começou no oitavo ano do ensino fundamental, quando tive uma professora que nos instigava a ter um olhar mais crítico sobre o mundo. As aulas de Geografia Política dominaram meu coração naquele momento. No primeiro ano do ensino médio, uma outra professora de Geografia me encantava com o brilho em seus olhos que deixava transparecer a paixão que ela tinha em lecionar. Ela dava uma matéria que todos detestavam, e eu me fascinava pela forma de ela apresentar a Geografia Física de maneira tão diferente de tudo o que eu já tinha visto. O segundo e terceiro ano do ensino médio foram a confirmação de que eu não estava somente idolatrando professores: eu estava realmente me interessando cada vez mais pela ciência geográfica.

A aceitação por parte da minha família não foi um processo simples, principalmente porque meu objetivo maior era a licenciatura. Afinal, a expectativa de todos era de que eu fosse para área do Direito. Mas ter tido professores tão transformadores em diversas áreas do conhecimento me inspirou a querer ser um deles e contribuir na vida de outras pessoas

também. Meu pai me inspirou muito e me apoiou totalmente nessa escolha. Ver a satisfação dele em ensinar foi, com certeza, o diferencial para mim. A preferência pela Uerj, campus Maracanã, aconteceu tão somente por dois motivos: pela comodidade de localizar-se mais perto de minha casa do que qualquer outra universidade federal e por poder cursar licenciatura e bacharelado juntos, no mesmo currículo, o que abrirá mais possibilidades de emprego para mim. Acredito, ainda, no poder da educação, em que pesem as falhas de nosso sistema, pois prejudicam tanto alunos quanto professores. Além disso, sei que a vida dentro do magistério não é fácil, mas é um desafio que estou disposta a enfrentar.

Para concluir, a análise final que posso fazer é de que meu caso se encaixa perfeitamente e ajuda a ratificar a teoria do Bourdieu. O *habitus* da boa vontade cultural com o investimento massivo na construção do meu capital cultural, a escolha dos meus pais por seguirem dentro da teoria malthusiana e terem somente um filho para que pudessem reservar todos os esforços em mim, toda minha herança cultural e a posição da minha família dentro da classe média na sociedade contribuíram para meu sucesso na entrada ao ensino superior.

KELY DE NOVAES LOPES

Curso: Filosofia
2019

Nasci na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, na cidade de São Gonçalo, que se localiza a 22 quilômetros da capital fluminense. Ela é a segunda maior em censo demográfico, podendo ser considerada uma cidade grande e de trabalhadores. As várias classes sociais distintas interagem entre si e misturam-se visualmente, visto que não há distinção bem delimitada entre bairros pobres e nobres no que diz respeito à infraestrutura ou até mesmo ao espaço geográfico. Um exemplo disso é que morros são bem comuns, e isso não significa que eles sejam necessariamente favelas ou locais predominantemente da classe popular. Dessa forma, podemos dizer que a segregação urbana é pequena.

Vivi grande parte da minha infância em bairros próximos ao centro; já a outra parte da infância — enquanto ainda morava em São Gonçalo — morei em lugares perigosos afastados desse centro comercial. A cidade onde nasci, vivi boa parte da minha infância e moro atualmente não oferecia — e ainda não oferece — um grande acervo cultural. Não há um teatro municipal. Só existe uma pequena biblioteca escondida e pouco divulgada, e apenas em 2019 houve a primeira feira literária no município. Somente quem tivesse um capital financeiro (como, por exemplo, a classe média ascendente) poderia se deslocar facilmente para a capital ou a cidade vizinha, Niterói, em busca de tais eventos. Isso se torna de suma importância — juntamente com a descrição do local — para entender o meio econômico e cultural no qual me desenvolvi.

Minha família é composta por quatro pessoas: minha mãe, meu pai, que ainda são casados, meu irmão 13 anos mais velho e eu. Pode ser classificada atualmente como pertencente à classe E, entendida como a camada popular. Essa é caracterizada por baixo capital financeiro e cultural, além de um comportamento familiar em relação aos estudos de liberalismo, no sentido de não haver cobrança sistemática. Porém a minha situação familiar econômica não é estática. Eles transitaram entre as classes D e E em vários momentos da vida, já que meu pai teve bons empregos durante a sua história e, juntamente com a minha mãe, teve uma loja de joias e folheados. É indispensável frisar que em alguns pequenos episódios do meu caminho eu tive boas condições, não tendo que racionar tanto. Esses episódios me permitiram ter acesso a computador, internet, impressora e a bons materiais escolares — algo que nunca me faltou, pois sempre foi bem cuidado, em geral, pelo esforço da minha mãe.

A minha mãe possui ensino médio completo, tendo terminado por supletivo, e não exerce nenhuma profissão atualmente. Todavia trabalhou em momentos específicos, principalmente nas épocas de crise. Apesar de nunca ter ingressado numa universidade, ela sempre sonhou em ser jornalista, o que a fez entender a importância dos estudos. Dessa forma me incentivava a buscar uma faculdade para que eu pudesse me desenvolver e ter a oportunidade de felicidade, pois, para ela, fazer o que se gosta sempre foi sinônimo de sucesso.

Em contrapartida, meu pai já não reconhece tanto assim o valor dos estudos, visto que o seu núcleo afetivo o forçara a trabalhar desde os 13 anos para que ele se sustentasse — o que resultou no abandono escolar, finalizando apenas a oitava série, atual nono ano. Sua história foi marcada por diversos trabalhos sem pretensão de ascender socialmente, pois durante a sua adolescência e começo da vida adulta ele fazia parte do movimento hippie e não tinha preocupação com as questões de dinheiro. No entanto, ao casar-se com a minha mãe e estabelecer uma família, seus interesses mudaram. Ele chegou a trabalhar no mercado financeiro como auxiliar, não ganhando muito, mas o bastante para a condição subir e abrir uma loja logo após. Nesse período, eles tiveram meu irmão e ofereceram escolas particulares a ele. Mas, devido à má administração, a loja veio a falir, e a situação complicou-se novamente.

Mediante o exposto, percebe-se que essa situação sozinha não dá conta de explicar o meu sucesso escolar, pois meus pais, por conta da pouca renda, não investiram sistematicamente e de forma intensa nos meus estudos, mesmo minha mãe sempre estando presente em todas as reuniões e atividades escolares, além de me incentivar a participar dessas tais atividades. Outro fato importante de citar é que eu estudei em escolas particulares apenas duas vezes: a primeira na educação infantil, dos quatro aos cinco anos, e, depois, no primeiro e segundo ano do ensino fundamental, dos seis aos sete anos.

O que ajuda a entender a minha chegada à universidade é o capital cultural, colocado por Pierre Bourdieu como responsável e fundamental pela diferença escolar e, conseqüentemente, êxito. Esse capital foi adquirido em grande parte pela minha progenitora, que assistia a diversas reportagens devido ao seu sonho de cursar Jornalismo. Entre as reportagens — que eu assistia ao seu lado —, sempre havia as que tratavam de cultura, seja frisando a importância dela ou mostrando a prática, como a música, a poesia e a diversidade cultural. Com isso, ela se mantinha informada e eu aprendia a absorver a cultura da classe dominante por esse meio de comunicação.

Outro meio de comunicação importante e que marcou minha trajetória foi a internet. Eu tive acesso a esta aos oito anos e tive o apoio da minha família para usá-la nos estudos. Ela me permitiu acessar a alta cultura e

conhecer pessoas de diferentes classes, algo que não teria se me restringisse apenas aos conhecidos pessoalmente.

Nesse ponto, é importante citar a existência da minha tia por parte de mãe, que ascendeu socialmente e hoje é da classe média alta. Meu relacionamento com ela sempre foi próximo durante toda a minha infância, o que me permitiu acesso a cinemas, museus, teatros e livros, aumentando meu repertório. Seus filhos estudaram nas melhores escolas da região de Niterói e São Gonçalo, e ela frequentava com regularidade eventos de arte, dava-me dinheiro para comprar livros e investia nos meus estudos, pois sempre acreditou no meu potencial. Desse modo, cresci com a ideia de que a faculdade também era um lugar para eu ocupar.

A minha tia também foi importante na nossa mudança, pois ela tem um comércio na cidade de Cabo Frio, situada na Região dos Lagos, a 155 quilômetros da capital. Ela ofereceu um emprego para o meu pai e nos mudamos para lá quando eu tinha cinco anos.

Essa é uma cidade turística que tem um histórico de extrema importância, sendo a sétima mais antiga do estado e com um passado indígena bem forte, possuindo um acervo cultural bem mais extenso que São Gonçalo. O seu teatro municipal é bem localizado e de fácil acesso, há museus e locais históricos e diversas atrações culturais.

Além disso, é crucial mencionar que essa cidade — onde vivi dos cinco aos 15 anos — já tem a segregação urbana mais evidenciada. Há claramente bairros mais nobres e outros pobres, e as favelas são bem demarcadas. A sua economia e administração são superiores à da outra cidade, o que fez com que até as escolas municipais e estaduais sejam relativamente melhores em comparação às de São Gonçalo.

Vivi em bairros afastados do centro, mas isso não dificultou muito a minha locomoção entre os mais nobres, pois a cidade era relativamente pequena. Além do mais, minha tia possui um apartamento na área mais elitizada de Cabo Frio, e eu transitava por lá normalmente.

A Igreja e a religião desempenharam um grande papel no meu caminho escolar, visto que minha família é extremamente religiosa, valoriza o esforço e preza pelo conhecimento. Claro que, nesse caso, conhecimento teológico, mas para uma Kely criança isso não fazia diferença. Foi por causa de livrinhos infantis evangélicos que eu adquiri o gosto pela leitura, que se ampliou para os mais diversos gêneros. Além disso, a submissão e o respeito perante a autoridade me ajudaram a entrar nas regras do jogo da instituição escola.

Falando mais exclusivamente do papel da escola ou do meu desempenho nela, estudei em escolas municipais/estaduais dos sete aos 18 anos, praticamente o fundamental inteiro e o ensino médio. Porém isso não foi tão destoante, pois grande parte da formação do fundamental eu ainda

morava em Cabo Frio, uma cidade mais politizada e com a educação superior à de São Gonçalo, como já mencionei anteriormente. Nesse contexto, acho significativo citar a escola Rui Barbosa. Essa escola é municipal e abrange o ensino médio, com um histórico de resistência e que abriga os melhores professores da região. Fiz os primeiros seis meses do primeiro ano do ensino médio lá, antes de voltar para São Gonçalo, o que foi marcante para que eu desenvolvesse pensamento crítico e entendesse o valor social de um curso superior.

Voltando para as partes mais técnicas, nunca fui reprovada e sempre mantive boas notas. Fui ativa em atividades extracurriculares e curriculares e em eventos. Isso me aproximou de professores que me incentivaram a estudar e deram orientações sobre boas escolas e profissões a seguir. Dois professores merecem atenção em especial: o primeiro é um professor do sétimo ano do fundamental, que me orientou a ir para a escola Rui Barbosa e me indicava livros de literatura importantes. O segundo foi o meu professor do terceiro ano do ensino médio, que me orientou a fazer o vestibular da Uerj para prestar Filosofia. Além disso, ele trabalhava em escolas particulares requisitadas de Niterói e me dava apostilas dessas instituições (não só para mim, mas para toda a minha turma) para que pudéssemos estudar para os vestibulares.

Felizmente minha trajetória escolar é bem-sucedida, mas é necessário reconhecer que outros alunos da minha sala não tiveram o mesmo resultado que o meu. Apenas mais três pessoas que estudaram comigo conseguiram entrar para a universidade.

LUCAS EVANGELISTA

*Curso: Letras
2019*

Trajatória escolar: dos becos e vielas à universidade

As teses de Pierre Bourdieu me foram apresentadas em sala durante as aulas de Sociologia da Educação, disciplina obrigatória para minha grade de licenciatura. Confesso que não o conhecia, jamais havia lido suas obras. Num primeiro momento, as teses de Bourdieu causaram-me um sentimento de inércia devido ao choque que levei ao compreender suas falas. Notei que, apesar de não o conhecer, eu me encaixava perfeitamente em sua linha de raciocínio. Por muito tempo, adiei a construção desta narrativa, pois não sabia de que forma iniciá-la e me perdia facilmente nos meus devaneios sobre os meus capitais e de suas influências sobre mim, fora as vezes em que parei para chorar. Sim, chorar. A compreensão dessas teses possibilitou uma releitura de vários episódios de minha vida, e isso resultou num sentimento de estar fazendo a coisa certa. Um súbito sentimento de vitória, ainda que a batalha não esteja ganha. Bourdieu me mostrou que já ganhei muita coisa e que devo ser grato por isso. Eu, sentimental que sou, me render às lágrimas foi inevitável. Enfim, sem mais delongas...

Eu nasci na capital do estado do Rio de Janeiro. Fui criado e ainda moro em Bangu, na Zona Oeste do Rio. O bairro é famoso por muitos aspectos, entre eles ser o mais quente do estado. Também é muito conhecido pela antiga fábrica de tecidos que funcionou por longos anos e que, com sua mão de obra, ajudou a urbanizar toda região. É constituído majoritariamente por famílias de média e baixa renda — mais baixa do que média. Um bairro populoso, inchado, pois há mais casas do que as ruas poderiam suportar. Um lugar onde, de todas as atividades possíveis, tem-se uma preferência ou talvez a necessidade de se optar pelo trabalho ao invés dos estudos. Isso seria o que poderíamos chamar de teoria de reprodução, em que os mais jovens acabam por reproduzir os atos dos mais velhos. Uma teoria muito comum na camada popular.

Meus pais também nasceram e cresceram aqui. Eles se conheceram através de amigos da escola onde cursaram o ensino médio. Ambos enfrentaram uma série de dificuldades, mas conseguiram concluir os estudos; pena que pararam ali. Uma vez formados, casaram-se, e essa união resultou em dois filhos, dos quais sou o caçula. Eu e minha irmã crescemos nos mesmos lugares que meus pais frequentaram, inclusive as mesmas escolas. Andamos pelas mesmas ruas e praças, e por muitas vezes ouvi meu pai dizer: “Isso aqui era tudo mato”. Ou então: “Eu jogava muita bola

com seus tios nesse campo. Sua avó ficava doida”. Lembrar dessas falas causaram-me uma dorzinha no peito, uma certa saudade.

O fato de criarem os filhos nos mesmos locais em que foram criados resultou na perpetuação do mesmo capital social. Muitos dos meus amigos eram filhos de amigos dos meus pais. A grande maioria reproduz, ainda que involuntariamente, os destinos dos pais: casam-se com a mesma idade, começam a trabalhar muito cedo etc. Faltam estímulos externos.

Meus pais não cursaram o ensino superior; logo, esperamos nessa análise um capital econômico e social prejudicados. Engraçado como os capitais estão todos interligados, e a defasagem de um resulta no declínio de outro. O capital social dos meus pais era muito prejudicado. Ninguém cursara o ensino superior, outros sequer terminaram o básico. Minha mãe tem seis irmãos, e nenhum deles terminou o ensino fundamental. Apenas ela concluiu todo o ensino. Meu pai também tem seis irmãos, e nenhum deles possui graduação. Todos concluíram os estudos, mas tiveram que começar a trabalhar cedo.

Minha irmã e eu estávamos fadados a repetir os mesmos passos dos nossos pais, até que minha mãe, muito a contragosto de meu pai, começou a trabalhar como cabeleireira num salão em Vila Valqueire. Foi só nesse momento em que ela ampliou seu campo social que a sorte me sorriu. A dona do salão amava minha mãe, e as duas se tornaram grandes amigas. Quando soube da minha existência, começou a me presentear, ainda que não me conhecesse. Lembro-me bem do primeiro presente, e ainda vejo minha mãe tirá-lo da bolsa: era um pacotinho de tamanho médio, e havia um cartãozinho fixado por uma fitinha azul. Era um livro, *O pequeno príncipe*. Uma literatura infantil que ainda me arranca lágrimas.

Foi aí que fiz a minha primeira leitura; lia com muita dificuldade, mas lia. E lia cada vez mais. Comecei a pedir livros de presente aos meus tios. No Natal, queria trocar as bolas de futebol por livros. Eu sempre fui péssimo com futebol e não suportava aquelas bolas; era ruim na leitura também, mas nisso daríamos um jeito.

Em julho de 2011, logo que completei 12 anos, fiquei sete dias internado por uma plaquetopenia severa. Foram sete dias deitado numa cama lendo, e eu adorei. Alguns meses depois, fui diagnosticado com leucemia mieloide aguda e, ao iniciar o tratamento, fui proibido de praticar qualquer esporte que envolvesse pancadas. Somente aí parei de receber bolas de futebol como presente. O não gostar de futebol também contribuiu muito para meu ingresso na universidade. O gosto pela leitura favoreceu meu processo de escolaridade, assim como a internação fez com que escolhesse cursar Enfermagem. A patroa continuou a mandar livros, e, quando não o fazia, eu procurava a biblioteca da escola para pegar alguns. Por frequentar a biblioteca, meu capital social era um tanto diferente

daquele que meus pais cultivaram em sua época de escola. Comecei a andar com amigos com quem pudesse falar sobre livros ou trocar livros. Segundo Bourdieu, isso era o nascimento do meu capital cultural.

No desenrolar de sua tese, Bourdieu diz que o capital cultural seria o de maior valor entre os fatores influenciadores. Claro que o econômico interfere muito em diversas posições, mas há pedras que apenas o capital cultural é capaz de mover. Conforme os ensinamentos de Bourdieu, o capital cultural — essa cultura legítima que é transmitida pelas famílias para seus filhos através da socialização — é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes para definir o destino escolar. Vejo uma veracidade absurda nessa ideia. O capital cultural de minha família visa sumariamente à aquisição de capital econômico. Só consegui mudar meu referencial cultural após começar a frequentar a biblioteca e fazer novos amigos, que assistiam às aulas de matemática ainda que não compreendessem a matéria. Amigos que, de alguma forma, estavam incomodados com a realidade em que viviam, assim como eu.

O conflito dos capitais culturais é uma coisa muito bizarra. Lembro que certa vez pedi à minha mãe para comprar alguns livros na revista da Avon, e a resposta foi: “Não vou gastar meu dinheiro com essa bobagem.” Pedi ao meu pai para me levar a uma peça de teatro. Lembro que era uma edição especial do *Cisne Negro* feita pelos bailarinos do Theatro Municipal. Estava superentusiasmado com a ideia de ir ao teatro pela primeira vez, mas o capital cultural do meu pai não nos permitiu isso. Ao invés do incentivo, ouvi um “deixa disso, Lucas”. Lembro também da vez em que pedi à minha mãe para me levar no Museu de Artes do Rio, mas ela nem sequer sabia como chegar. Os estímulos emitidos pela minha família eram completamente diferentes dos quais eu realmente almejava. Por um lado, eu amava ser diferente; amava ser dado como “o cabeça” da família, mas, por outro, a sensação de estar sozinho ou de não me reconhecer no meu ambiente natural era (é) penosa.

Eu queria estudar, “ser alguém na vida”, mas a falta dos capitais dificultava meu caminho. Logo que saí do ensino fundamental quis fazer provas para colégios cujo ensino fosse melhor do que os da minha região. Quis o Pedro II, mas o colégio não era um colégio técnico: não me jogaria para o mercado de trabalho assim que me formasse; logo, meus pais não gostaram muito da ideia e não pagaram a minha prova. Não participei da seleção, pois meus pais não deixaram; a visão deles sobre o capital econômico prevaleceu. Por outro lado, não viram o menor problema em me inscrever para a Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec). Passei e cursei Enfermagem. Por um lado, eu amei, pois a Enfermagem era a graduação que eu queria e já teria um contato, mas sabia que esse não fora o real motivo pelo qual meus pais me permitiram participar do concurso.

A minha porta de saída do *habitus* familiar foi basear-me em outras famílias, pois eu não me reconhecia na minha. Quis capitais que não encontrava em meu entorno. Isso me permitiu ter outra visão de mundo e almejar um universo diferente do que me fora apresentado. Esse desejo resultou em diversos conflitos.

Eu me formei no ensino médio técnico em 2017. O esperado era que eu começasse a trabalhar, porém essa nunca foi minha vontade, ao menos não naquele momento. Quando passei no vestibular, fiquei extremamente feliz; contudo, minha família não deu a mínima. Pesquisei o resultado do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e vi que havia passado para Fisioterapia na UFRJ. Chorei e gritei horrores. Fui dar a notícia à minha mãe e esperava um parabéns, mas a resposta foi: “eu vou ter que pagar alguma coisa?”. Novamente as nossas referências distintas de capitais resultou em conflitos. Recebi os parabéns de outros lugares: dos amigos que estudavam comigo, dos professores do ensino médio, dos pais dos meus amigos e até do motorista do ônibus quando contei a ele que estava indo fazer a matrícula na faculdade, mas, da minha família mesmo, os parabéns não vieram. Meus pais me desmotivaram a estudar inúmeras vezes. Certa vez, numa discussão, minha mãe me disse que estava perdendo tempo na universidade e que deveria ter ingressado no militarismo como técnico de enfermagem.

Infelizmente, ainda sou o único da família a estar na universidade, porém já consegui mudar um pouco a visão familiar. Antes, eu ouvia “bobagem”, “é perda de tempo”; hoje, pouco tempo depois de ingressar na faculdade, ouço “isso mesmo, meu filho, estuda mesmo”. Essa mudança surgiu a longo prazo, resultante do meu empenho na graduação. Sempre que tirava uma nota boa, vinha alegre para casa contar para minha mãe. Lia ou mostrava as correções e comentários dos professores sobre os meus trabalhos. Dizia: “Olha mãe, a professora gostou desse meu trabalho e disse que, se eu aprofundasse um pouco mais, poderia publicá-lo como artigo científico”. Ou: “Olha mãe, a professora disse que levo jeito com a escrita e posso ser um grande escritor”. Estava alegre com algumas vitórias que eu mesmo me julgava incapaz de conseguir e, ao mostrar minha alegria, acabaram notando de algum jeito que eu estava no caminho certo.

Em muitos momentos de repescagem da minha trajetória para aqui transcrever, eu chorei. Chorei porque almejar ser diferente e conseguir ser diferente de todos os estímulos não é fácil. Chorei porque lembrei de quanto desânimo enfrentei e que não sabia de onde recuperar as forças. Não tinha estímulos em casa e não sabia onde buscá-los. Por muito tempo, a minha trajetória escolar foi só eu e eu. E como era só eu, escrevi a história que EU queria. Inventei-a e a interpretei da forma que eu quis, ou de acordo com o meu almejo de capital econômico. Chorei porque a sensação é a de ter vencido. Para vencer precisamos quebrar algumas coisas, faz parte. Vi gente quebrando a perna correndo atrás do ônibus para não perder a aula. Vi

gente quebrando a cara fazendo um curso que não estava em seus planos. Eu quebrei os roteiros que meus pais haviam escrito para mim. Quebrei minha história e tornei-me meu próprio autor.

LUCAS SPORQUES

*Curso: História
2018*

Chamo-me Lucas Sporques de Souza; sou paulistano e, atualmente, residente do subúrbio carioca — para ser mais preciso, no bairro de Olaria, parte integrante da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Nasci em uma cidade com pouco menos de 200 mil pessoas. Seu nome é Itatiba, parte integrante do interior sertanejo paulista. Nessa cidade, a questão educacional está pautada puramente no mercado de trabalho. Há pouco tempo, aproximadamente cinco anos atrás, a existência de uma universidade foi uma questão milagrosa — ainda que de baixíssima qualidade. Para ter acesso à universidade, é preciso viajar para Jundiaí, Campinas ou para a própria capital paulista. Tendo em vista as questões pessoais que perpassaram minha infância, fui separado de minha mãe (a qual não conheço muito bem, só me lembro de tê-la visto uma vez na vida) e vim para o Rio de Janeiro com meu pai, avô e avó em busca de novas oportunidades.

Considero-me desde sempre parte da classe média. Durante minha infância e adolescência, estudei em um colégio particular que, de certa forma, era reconhecido onde morava. Tive bolsa parcial durante todo o meu período letivo. Nunca me dava muito bem nas notas, pois a média do colégio era oito, o que dificultava a aprovação. Eu via que o estímulo para os estudos aqui em casa atuava em forma de gangorra. Da mesma maneira que eles achavam que a escola poderia ser uma forma de mudança, de êxito, tinham poucas preocupações em relação às minhas notas, reuniões de pais e questões pedagógicas. Meu pai nunca foi a uma reunião dos pais, o que está mudando em relação a minha irmã. Falando em irmãos, tenho quatro irmãs que não conheço, pois moram com a minha mãe, e uma irmã, Maria Fernanda, de oito anos, que mora comigo e é estudante do tradicional Colégio Pedro II. O ascetismo era notório aqui em casa. Mesmo com uma bolsa parcial, o colégio pesava no bolso do meu pai. Meu genitor é um apaixonado pelas estradas, um caminhoneiro de sangue, que terminou o ensino médio em Campinas, São Paulo. Exerce a profissão há muito tempo. Minha madrastra, com quem tenho convívio há 15 anos, é técnica em enfermagem pelo Centro Universitário Augusto Motta (Unisuam), uma universidade com pouco prestígio nacional. Porém obteve êxito no que tanto sonhou: ser funcionária pública. Há menos de seis anos trabalha Hospital Universitário Pedro Ernesto (Hupe) — esse ponto tem extrema importância no que diz respeito ao meu capital cultural acumulado, e explicarei logo abaixo o porquê.

Sabemos que as formações diferenciadas de comportamento escolar estão relacionadas à bagagem cultural adquirida — ou seja, o capital cultural. É neste ponto que entram duas pessoas: minha madrastra, Rafaella, e minha madrinha, Andreia. Como já havia dito, minha madrastra é servidora do Hupe, que faz parte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Em 2015, não obtive êxito no vestibular e acabei me mudando para São Paulo em busca de uma ressignificação, um recomeço. Durante os primeiros meses de 2016, minha madrastra buscava incansavelmente me convencer a retornar ao Rio de Janeiro, entrar em um pré-vestibular e tentar novamente o vestibular. A sua cartada final foi me matricular em um pré-vestibular social. O Sindicato dos Trabalhadores da Uerj (Sintuperj) oferece um pré-vestibular social que está aberto a toda comunidade interna e externa. Como minha família estava com uma quantidade de gastos grande, a melhor opção foi fazer um pré-vestibular social. A partir desse momento, eu me apaixonei pela Uerj e sabia que ali era meu lugar.

Em relação à minha madrinha, Andreia, há um ponto fundamental em relação ao *habitus* familiar. Ela foi a única dos irmãos (meu pai e minha outra tia) que cursou o ensino superior. Entrou para a Universidade de São Paulo (USP), no curso de Relações Internacionais, aos 18 anos de idade. Fala quatro línguas fluentemente (italiano, inglês, espanhol e português) e montou uma empresa que trabalha no ramo de exportação de vinho — para isso, cursou uma segunda graduação na Universidade de São Francisco, onde fez Administração de Empresas com ênfase no comércio exterior. Atualmente reside em Moema, São Paulo. O seu papel foi importantíssimo no que tange ao estímulo aos estudos. Com um forte capital cultural objetivado e institucionalizado, minha madrinha foi peça-chave no estímulo aos meus estudos — muito por conta da sua imagem, do seu exemplo. Desde pequeno me deu presentes de teor educativo — livros, materiais escolares, visitas a museus, cinemas etc. Em minha primeira vez em sua nova casa em São Paulo, com 11 anos, levou-me a uma biblioteca no Shopping Iguatemi e escolheu alguns livros para que eu lesse durante o ano: *O Livro invisível* (Santiago García-Clairac), *O pequeno príncipe* (Antoine de Saint-Exupéry) e alguns de Pierre Gripari (*O vendedor de palmadas*, *Contos da Rua Brocá* e *O Gigante de Meias Vermelhas*). Alguns reconhecidos pela cultura legítima, outros nem tanto.

Após minha entrada no pré-vestibular graças ao incentivo de minha madrastra, meu olhar em relação ao ensino e acesso à universidade pública modificou-se bruscamente. Relacionei-me com pessoas de diversas idades, credos e capitais financeiros. No começo de 2017, eu me tornei graduando na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no curso de Ciências Sociais, no qual tive contato inicial com autores (inclusive Bourdieu e Durkheim) que não tinha ideia que existiam. Todavia percebi que meu lugar

não era ali. Cursei apenas um período e rapidamente transferei-me para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde tornei-me graduando no curso de História. Finalmente encontrei meu caminho. Ainda no mesmo ano, entrei como monitor no projeto Gota Social, no Sistema de Ensino PH, e entrei como professor no pré-vestibular do Sintuperj. O meu reconhecimento pela classe dos professores só aumentava — eu tinha alguns como referência e os apreciava.

Mesmo tendo muito a percorrer e mesmo tendo incentivo por via de capital financeiro, social e cultural dentro de casa, não consigo deixar de olhar para trás sem pensar: morei durante anos na rua Iriguati, um dos principais acessos ao Morro do Alemão, tive amigos mortos pelo tráfico ou que ainda estão nessa condição. Vivi contrastes nessa rua em que morei, e ainda assim cheguei aonde queria: na universidade.

LUCIANA SANTOS

*Curso: Geografia
2016*

Para explicar a minha escolha profissional, terei que fazer um pequeno resumo da minha vida até pouco tempo atrás, quando fiz o vestibular da Uerj e decidi cursar Geografia. Em primeiro lugar, devo dizer que não estou no topo, nem no meio, na estrutura social; podemos dizer que estou embaixo. Meus pais nunca entraram para a universidade; na realidade, eles não passaram da quinta série. A verdade é que eles mal sabem ler e escrever. Meu pai é porteiro e minha mãe é empregada doméstica, por isso a profissão deles nunca pediu ou necessitou de muita especialização para que a desenvolvessem.

Pelo fato de meus pais terem pouco capital financeiro, eles nunca puderam levar minha irmã e eu ao cinema, museu ou teatro. Eles também não nos ajudavam nas lições de casa, porque não sabiam de muita coisa. Porém, contrariando tudo o que se pode imaginar, eu e minha irmã sempre fomos aos museus, teatros e cinemas, e sempre tivemos pessoas que nos ajudavam com as lições de casa. Acontece que no prédio onde meu pai trabalhava os moradores gostavam muito de nós; não só os moradores como seus filhos, e muitos deles nos levavam aos lugares em que iam. A primeira vez em que eu fui ao cinema, teatro ou museu não foi com meus familiares, mas com pessoas estranhas que, devido à afeição que sentiam por nós duas, nos levavam com eles. Posso dizer que, mesmo não tendo um bom capital financeiro, tive um bom capital social que, de certo modo, me forneceu muitas coisas que o meu capital financeiro não podia.

Como meus pais não terminaram os estudos e falavam que isso os privava de ter uma vida melhor, eles sempre incentivaram e fizeram o máximo para que eu e minha irmã tivéssemos a melhor educação que poderiam oferecer. Sempre cobravam um bom desempenho na escola, e, quando não entendíamos algo, pediam ajuda aos moradores do prédio para nos ensinar. Não só isso, como também pagavam professores particulares, mesmo tendo que trabalhar todos os dias da semana. Isso demonstra que meus pais sempre tiveram uma boa vontade cultural, já que, por mais que não entendessem o porquê de o ensino ser tão importante, eles investiram nele. Além disso, eles acreditavam que, com uma educação melhor, eu melhoraria de vida — ou seja, eles viam na educação uma forma de ascensão social. Acho que tive um ótimo desempenho escolar, e devo muito a eles por isso.

Por ter sido sempre boa na escola, os professores e alguns funcionários começaram a me destacar da maioria. Sempre que minha mãe ia ao colégio

para as reuniões de pais e mestres, eles falavam como eu era estudiosa e que “eu ia longe”. Isso deu um impulso a mais para que minha mãe não parasse de investir em mim no colégio, pois ela via em mim uma esperança de sucesso.

Nunca tive muito contato com pessoas de diferentes profissões. Nunca tive um amigo empresário ou contato com pais de amigos que fossem empresários, médicos ou engenheiros. A maioria dos pais dos meus amigos da escola eram professores ou eram funcionários públicos. Acredito que isso me afetou de alguma forma, porque sempre que eu pensava em ser médica ou veterinária parecia ser uma realidade muito longe da minha, não era algo que estava no mar das minhas possibilidades. Por ver que os meus amigos possuíam uma vida que, da minha perspectiva, era considerada boa, e os pais deles eram professores, comecei a ver a profissão com bons olhos.

Por fim, quando eu estava no oitavo ano do ensino fundamental, conheci um professor de Geografia que, além de me ensinar coisas que a escola pedia, me ensinou também a pensar. Deixei-me explicar melhor isso: antes de conhecê-lo eu era bastante ignorante e não tinha uma autonomia de pensamento, por isso me deixava influenciar por qualquer coisa e era alienada. Esse professor me fez ser capaz de possuir um pensamento crítico e ver o mundo através dos meus próprios pensamentos, e não somente isso: também me estimulou a aprender mais coisas. Coisas que a escola não pedia, mas que eu queria saber mesmo assim. Posso dizer que esse professor enriqueceu meu capital cultural através dos seus ensinamentos. Fui capaz de conhecer ótimos livros e filmes por meio dele.

Acho que foi depois de conhecê-lo que comecei a ver a Geografia de uma maneira diferente. Nunca tinha pensado em ser geógrafa, muito menos professora de Geografia, mas, quando tive aulas com ele, fiquei tão feliz que queria ser capaz de transmitir isso para alguém. Quero um dia ser uma professora tão boa a ponto de poder transmitir esse sentimento e conhecimento para alguém, como o meu professor do oitavo ano fez comigo. Além disso, creio que na Geografia poderei direcionar esse meu pensamento crítico que tanto admiro para analisar a relação das pessoas entre si e com o meio onde vivem. Antes de escolher Geografia, muitas outras profissões passaram pela minha cabeça, e a maioria delas eu escolhia pelo lado financeiro e simbólico que aquela profissão possuía. Porém, como já disse antes, não acreditava que tais profissões estivessem dentro das minhas possibilidades, ou por serem muito difíceis ou por possuírem um custo muito oneroso com livros que não poderia pagar. Mas, ainda assim, acredito que serei feliz fazendo Geografia, porque além de ser algo que gosto também posso ganhar dinheiro com isso, sem contar que posso ser professora ou funcionária pública, algo que me possibilitaria estabilidade financeira.

Para entender como cheguei aqui e como escolhi Geografia, foi através de todas essas pequenas coisas que aconteceram na minha vida e que acabaram se juntando e se transformando em algo grande, no que eu sou hoje. Desde os moradores que me ajudaram e enriqueceram meu capital social e cultural, até meu professor que me fez olhar o mundo de maneira mais crítica. E, é claro, meus pais, que mesmo sem terem um grande capital simbólico, econômico ou cultural, devido ao ótimo capital social e a boa vontade cultural, puderam fornecer várias coisas para mim e para minha irmã que pessoas na mesma posição social não tinham.

Para finalizar, pode parecer que foi simples e fácil chegar até a Uerj, que eu só tive que estudar e me esforçar. Contudo, vendo toda a minha trajetória e a luta dos meus pais em me manterem na escola, percebe-se que é muito mais do que uma questão de pura vontade minha, e sim de força e elementos que me proporcionaram uma chance de ser alguém. Agradeço por ter tido esses elementos.

MARIA ADRIANA CAMPÊLO

Curso: Psicologia
2019

O número de pessoas que compõe o meu núcleo familiar é de quatro integrantes, todos residentes em uma cidade metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Entretanto as famílias de origem dos meus pais são mais extensas e todas naturais do interior do Piauí, Região Nordeste do Brasil. Nascidos na década de 1950 em famílias numerosas, minha mãe possui nove irmãos, e o meu pai, seis; ambos com pais vivos até a idade adulta. No que tange à formação escolar, minha mãe não possui nenhuma escolaridade, sendo analfabeta, assim como os seus irmãos, que variam entre nenhuma e baixa escolaridade. Meu pai, por sua vez, tem o ensino fundamental incompleto, e os seus irmãos têm a mesma realidade de variação de escolaridade mencionada anteriormente. Todos sem nenhuma formação e moradores da zona rural.

Podemos classificar o nível cultural global da minha família nuclear, e dos ascendentes, como pertencentes à camada popular. Apesar de compartilharmos a mesma camada social, temos por diferença a localização geográfica: enquanto meus pais tiveram sua origem no meio rural, a minha família se constituiu no meio urbano. A localização da residência é uma importante variável a ser considerada na análise do êxito escolar, visto que, junto ao nível cultural dos antepassados, o local de moradia também se trata de importante indicador que está relacionado às vantagens e desvantagens culturais. Se hoje o acesso às escolas no interior do Nordeste ainda é difícil, há quase 60 anos a probabilidade de ingressar em uma rede de ensino deve ter sido infinitamente menor para os pertencentes à classe popular.

Ao completar 13 anos de idade, meu pai se mudou sozinho para o Rio de Janeiro a fim de trabalhar como servente de pedreiro sob a tutela de um tio distante, residente no estado. Ele passa a construir uma carreira como pedreiro, tendo convivido com diferentes pessoas e meios sociais. A partir dessa experiência, observa-se certa absorção de um *ethos* pertencente a outras classes, como o desenvolvimento de um planejamento financeiro elaborado e até mesmo o pensamento de investimentos financeiros em imóveis. Contudo sua mentalidade ainda está voltada para o trabalho como melhor modo de “sobrevivência”, pois foi desse modo que elevou sua condição financeira e possibilitou, ainda, aumentar seu padrão de vida em comparação ao meio de origem. Em relação à minha mãe, esta tem por ocupação ser dona de casa, tendo trabalhado apenas como artesã antes de se casar e constituir família. Dedicou-se apenas ao cuidado familiar e à criação de seus filhos, tendo por base um pensamento tradicional e religioso.

Indiretamente, e até por vezes diretamente, fui beneficiada por esses vínculos sociais que constituíram o capital social de minha família e, de certa forma, contribuíram para uma acumulação do nosso capital cultural. De modo indireto, constatei o desenvolvimento de um pensamento diferenciado pelo meu pai que possibilitou assegurar uma renda familiar, ou certo capital econômico suficiente para que não ocorresse, por exemplo, a interdição dos meus estudos. Tenho como exemplo o empréstimo de materiais didáticos e livros de literatura que recebi de alguns de seus clientes ao saberem que eu faria vestibular, que contribuíram para a minha formação.

Passando ao meu percurso escolar, este iniciou-se aos quatro anos de idade, quando fui matriculada no jardim de infância em uma cidade chamada Pedro II, localizada no estado do Piauí. Dois anos mais tarde, aos seis anos, encontro-me no estado do Rio de Janeiro e sou alfabetizada em um colégio particular na cidade de São Gonçalo, onde vivi minha infância e adolescência. Aparentemente, o fato de ter sido alfabetizada em um colégio particular pode denotar preocupação dos meus pais em relação à minha escolaridade. Contudo trata-se apenas de um acaso, visto que, ao mudarmos de estado, as matrículas em colégios públicos tinham sido encerradas para a minha série e os únicos contatos da minha família indicavam como melhor saída realizar a matrícula em um colégio particular do bairro. Outra prova desse pensamento foi o fato de meu irmão, quatro anos mais velho, ter sido matriculado em um colégio público, já que ainda havia vagas para sua série.

No colégio particular, tive uma excelente base e fui alfabetizada com excelência. No ano posterior, fui transferida para a rede pública e precisaram me colocar em uma série à frente, uma vez que estava avançada para a primeira série. Em razão de ser uma aluna de destaque na escola pública, muitos professores acabavam por direcionar sua atenção e elogios a mim e a outros que se encaixavam no perfil de bom aluno.

Desde minha transferência para a rede pública, estudei em um mesmo colégio até completar o ensino médio. O meu comportamento na escola sempre foi de boa aluna esforçada. A minha forte autodeterminação é um ponto importante da minha trajetória. Vários estudiosos apontam essa como uma característica recorrente — e muitas vezes decisiva — em estudantes das camadas populares que, além de ter que demonstrar um êxito excepcional, devem realizar um esforço considerado excepcional para o êxito posterior ao querer prolongar o *cursus* escolar. O modo como me comportava também pode estar relacionado com o modo particular da minha dinâmica familiar. Apesar de não possuir escolaridade, minha mãe sempre me influenciava a estudar. Acredito que a valorização dos estudos advém justamente do fato de ela não ter tido a oportunidade de estudar, vendo sua importância como algo que não pôde realizar. Ela não me deixava faltar à escola, cobrava meus deveres de casa e sempre estava

presente nas reuniões escolares. Em relação ao meu pai, pouco tempo tínhamos juntos, uma vez que trabalhava como autônomo todos os dias e raramente descansava aos domingos.

Durante toda minha infância e adolescência, morei em um prédio que não tinha crianças, e longe de familiares. Minhas amizades fora do colégio foram pessoas mais velhas que, em sua maioria, possuíam escolaridade. Aos sete anos de idade, tive meu primeiro computador por influência de um vizinho que se tornou amigo do meu pai. Esse mesmo vizinho presenteou a mim e a meu irmão com enciclopédias e livros de literatura, além de nos influenciar para ouvir música clássica, pois um de seus hobbies era tocar violino. Através dele também descobri o mundo da internet.

Ao longo do ensino médio, planejava fazer um curso técnico, pois queria fazer algo em que o retorno fosse rápido, uma vez que meu pai não me daria mais dinheiro quando completasse 18 anos. No início do terceiro ano, pensei em fazer faculdade, mas não obtive muitas informações. Ao conversar com professores sobre a carreira acadêmica e, na minha família, com primos e tios, não tinha nenhum membro com ensino superior, sendo a maior formação o curso técnico. Ao analisar esse fragmento da minha trajetória, percebo neste momento o início de fato de uma ruptura cultural da trajetória escolar de minha família e também do *habitus* de minha classe social. Contudo percebo meu ingresso no ensino superior mais como uma emancipação cultural do que como ruptura, pois não carrego nenhum juízo de valor negativo quanto ao *habitus* colocado em análise, mas sim certa compreensão do contexto e comportamentos.

Prosseguindo: no mesmo ano tive contato com uma amiga do meu irmão que fazia pré-vestibular social na Universidade Federal Fluminense (UFF). A partir de suas orientações, eu e meu irmão — quatro anos mais velho — resolvemos prestar prova para entrar no pré-vestibular noturno, único que tinha a possibilidade de oferecer cinco dias de aula por semana e sem mensalidade. Consegui passar, mas o meu irmão, não. Esse fato foi o suficiente para que ele desistisse da vida acadêmica e não tentasse mais fazer o ensino superior. Com mais informações e frequentando um campus universitário, tive acesso a políticas de cotas e vi que me encaixava na cota de estudantes oriundos da rede pública. Concluo, desse modo, que a minha entrada precoce para alguém pertencente à camada popular — bem como a minha permanência na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) — só pôde ser concretizada de fato a partir das políticas de cotas.

Após minha entrada na universidade pública, três dos meus 26 primos tentaram ingressar também, mas sem sucesso. Esses mesmos primos, após o resultado, optaram por fazer o ensino superior na rede privada, apesar do incentivo e informação sobre cursinhos sociais. Assim, a duras penas, sou a primeira da família a conseguir o título de ensino superior e a me formar em uma universidade pública. Diferentemente dos meus primos,

consegui entrar com apenas uma tentativa, mas, se não tivesse conseguido, possivelmente teria seguido o mesmo caminho, pois também compartilhava da necessidade de entrar o quanto antes no mercado, sendo essa necessidade bem característica da camada popular. Mesmo assim, é necessário levar em consideração o fato de eu pertencer a uma família que se difere da média de minha categoria, pois trata-se de um núcleo familiar relativamente pequeno, com certa atitude e características diferentes perante a instituição escolar.

MARIANA FERNANDES

*Curso: Artes
2019*

A geração de minha mãe foi a primeira de sua família a entrar na universidade. Filha de dois imigrantes espanhóis, sua trajetória foi um pouco diferenciada. Minha avó nasceu em Oímbra, um município provinciano na Galícia. Por ser a oitava filha, a caçula, e estar inserida em um contexto social rural, minha avó estudou apenas até o primário. Com 17 anos, embarcou para o Brasil, seguindo o exemplo de dois irmãos. Trabalhou com eles em um bar em Niterói, onde conheceu meu avô. Foi dona de casa até a morte do marido.

Meu avô, por outro lado, nasceu em Valência. Era o terceiro de quatro filhos, estudou até o ensino médio e tinha pretensão de cursar Medicina. Entretanto sofreu com o pós-guerra, assim como muitas outras famílias. Meu bisavô chegou a ser preso e, durante a ditadura franquista, vieram todos fugidos para o Brasil. Por conta de dificuldades burocráticas e financeiras, sem contar com as questões acerca da língua, meu avô não pôde cursar o ensino superior.

Foram muitas as dificuldades para se estabelecer no Brasil. No início da construção da cidade de Cabo Frio, meu avô montou uma loja com materiais para obra e disso tirou seu sustento. Meus avós tiveram apenas dois filhos, os quais estudaram em escolas particulares de qualidade em Cabo Frio. Para isso abriam mão das férias e compra de bens materiais, entre outros. Minha avó, por ter estudado apenas até o primário, não conseguia auxiliar os filhos, mesmo tendo interesse. Em compensação, meu avô reconhecia a cultura legítima e se esforçava sistematicamente para adquiri-la. Dessa forma, estimulava demasiadamente que os filhos lessem, principalmente comprando livros.

Minha mãe graduou-se em Medicina pela UFRJ, depois fez residência médica em Psiquiatria, especialização em Psicanálise, uma segunda graduação em Cinema na Estácio e MBA em gestão de museus na Universidade Candido Mendes. Atualmente, está estudando para fazer um mestrado. Ela trabalhou durante muitos anos como psiquiatra e hoje em dia dirige o Museu Bispo do Rosário. O sucesso escolar de minha mãe foi intrinsecamente dependente da mobilização feita por meu avô.

Em contrapartida, meu pai é o quarto filho de sete. Nasceu em Juiz de Fora, mas logo a família se mudou para Belo Horizonte, e em seguida para o Rio de Janeiro. Ambos meus avós vieram de origem humilde. Minha avó fez o curso normal, foi professora primária por um tempo, tornando-se dona de casa quando se casou. Quando meu pai tinha nove anos, ela fez

um concurso público e foi trabalhar na Dataprev. Meu avô era autodidata, e por conta disso fez duas graduações: Direito e Letras com Filosofia.

Embora meu avô possuísse um amplo conhecimento da cultura dominante, era desorganizado financeiramente e extremamente autocentrado. Não conseguia se fixar em um emprego por muito tempo e tinha problemas em ter chefes. Portanto, a infância de meu pai foi muito instável.

Todos os filhos estudaram em escola pública. Nos quesitos escolares, principalmente, os irmãos se apoiavam. Apesar de meu avô possuir um alto capital cultural, não houve uma transmissão efetiva dessa herança cultural para seus filhos. Isso é explicado por Lahire, que afirma que, para a ocorrência dessa transmissão, o detentor desse capital precisa estar disponível objetiva e subjetivamente, criando condições favoráveis para a aceção. Dessa forma, são necessárias interações efetivas e afetivas, o que faltava ao meu avô.

Independentemente da falta de cobrança e auxílio direto de meus avós, não havia a opção de meu pai não fazer uma faculdade. Isso decorre do campo social no qual foi inserido quando se mudou para o bairro das Laranjeiras. Dois dos meus tios fizeram um curso pré-vestibular, o qual pagaram com seu próprio dinheiro. Em primeira instância, meu pai não passou para uma universidade pública, mas meu avô conseguiu uma bolsa para ele na Universidade Santa Úrsula. Logo depois, ele entrou para licenciatura em Matemática, na Uerj.

Meu pai e um tio chegaram a largar a faculdade, e apenas meu pai retornou. Em seguida, fez um mestrado em Educação pela Estácio. Ele começou a estagiar com 15 anos e a trabalhar com 20. Atualmente, seu trabalho consiste em pensar a tecnologia voltada para a educação.

Foi necessário entender a trajetória de meus pais para que eu fizesse uma análise sobre a minha. De todas as formas, fui influenciada por eles. Num quesito de categorização, minha família pode ser descrita como constituinte da classe média ascendente. Meu pai, a princípio, desejava ter quatro filhos. Porém, numa decisão conjunta com minha mãe, resolveram ter dois. Essa decisão foi pensada velando pelo direcionamento financeiro, afetivo e de tempo.

Devido ao trauma da instabilidade, meu pai se organizou financeiramente, controlando exatamente o que recebia e o que gastava. Além disso, eu e meu irmão sempre tivemos bolsas nas escolas onde estudamos, pois meu pai era professor.

Meus pais foram muito presentes enquanto eu crescia. Dessa forma, criaram condições para que eu recebesse esse capital cultural. Além disso, eles possuem memórias afetivas boas acerca do ambiente escolar, propiciando uma herança de sentimentos positiva referente à escola.

Dessa maneira, eu obtinha ajuda quando tinha dúvida nas tarefas, e meu desempenho era sempre acompanhado e comentado. Meus pais ficavam felizes e orgulhosos quando eu ia bem na escola, e por isso sempre almejava fazer o meu melhor. Meus sucessos escolares eram sempre festejados, e, como gostavam de estudar, eu me espelhava neles.

Fui posta em escolas de elite. Em casa, eu possuía internet, computador e várias estantes de livros. Nosso capital econômico sempre foi voltado para um acúmulo de capital cultural, como o estudo de línguas — inglês, português, espanhol etc. —, de música, desenho, dança e viagens que me permitiram ter contato com a minha e outras culturas.

Meu *habitus*, interiorização da estrutura social que afeta a prática social, foi moldado para atender e compreender os códigos da cultura dominante. O diploma no meu campo social é essencial para a reprodução social, e meus pais se mobilizaram e investiram ao máximo para que eu obtivesse êxito. Eu faço parte da esfera dos “sucessos previsíveis”.

Contudo, na minha trajetória escolar, pude observar como a instituição escolar reproduz e legitima as desigualdades sociais. Do primeiro ao sétimo ano do ensino fundamental, estudei no Colégio Teresiano, colégio de aplicação da PUC-Rio. Lá, eles tinham um projeto de inclusão de (poucos) moradores da Rocinha. Entretanto não eram tomadas medidas para auxiliar esses alunos ou evitar sua evasão. Num modelo de ensino massificado, os alunos eram ensinados igualmente, indiferente às desigualdades que possuíam. Além disso, era construída uma hierarquia social pelos próprios alunos, que se segregavam em grupos conforme sua posição social, muitas vezes inconscientemente. Na maioria dos casos, os alunos moradores da Zona Sul não socializavam com os da Rocinha, que eram distinguidos imediatamente através da linguagem ou da cor. Dessa forma, a instituição escolar não estava alheia aos campos sociais.

No oitavo ano, fui para outra escola na Zona Sul, o Colégio Andrews. Um colégio de excelência de ensino que estava completamente alinhado às demandas da sociedade. Ali senti menos a disparidade social, mas ainda assim era uma bolha da Zona Sul. Entretanto, para além dos conhecimentos esperados de uma aluna do ensino médio, o colégio promoveu um capital cultural incorporado: pude compreender o funcionamento do processo de entrada no ensino superior.

Prestei vestibular para todas as universidades públicas e particulares que abarcavam minha área de interesse. Tive o privilégio de escolher para onde ir, prezando pela maior desenvoltura de meu currículo. A maioria dos alunos com quem estudei está na faculdade, pública ou privada. A outra parcela está estudando para o vestibular novamente. A teoria de Bourdieu explica minha trajetória de sucesso escolar perfeitamente, e infelizmente,

pela minha vivência, também acerta na conceituação da promoção das desigualdades.

RAYSSA VERÍSSIMO CORREA

Curso: Artes Visuais
2022

Sou Rayssa, dos “Veríssimo” e dos “Correa”, duas famílias das quais o passado pouco se conhece. Uma evidência da raiz popular das minhas famílias já se encontra justamente nessa dificuldade de narrar sua história, diferentemente das famílias mais ricas em que o sobrenome impera como marca social. Enquanto a Casa-grande ostentava seus brasões nas paredes, a Senzala tinha sua história apagada e, da violenta miscigenação dessas, nascem os “Veríssimo” e os “Correa”. Apesar de colherem muito mais herança da senzala, eles se enxergam como brancos, pois acreditam que são descendentes de portugueses ou italianos imigrantes, embora sua fisionomia guarde traços indígenas. No desejo de alcançar *A Redenção de Cam*¹, eles acreditam na educação como possibilidade de embranquecerem cada vez mais. Já que o nosso sobrenome não é marca social — afinal o “Veríssimo” não descende de nenhum Erico ou Luis Fernando — procuramos a honra pelo trabalho. Minha avó materna foi empregada doméstica desde os nove anos de idade, já a paterna foi dona de casa; meu avô materno é policial, e o paterno foi alfaiate. Minha mãe estudou apenas o ensino fundamental e completou o ensino básico por supletivo quando eu devia ter meus 17 anos; meu pai tentou a graduação, mas desistiu por precisar trabalhar para se manter e ajudar a família. Meu pai adquiriu o capital econômico por meio do comércio, e, como queria que seus filhos alcançassem a mesma ou melhor posição que a classe média, ele investiu fortemente em nossos estudos. Minha mãe, como não completou o ensino básico como desejava, lutou para que eu sempre estudasse nos melhores colégios particulares. Estes, no entanto, têm sua qualidade questionável em meio a um cenário de massificação do ensino, além de serem do interior do Rio de Janeiro, mais especificamente da Região dos Lagos, onde a escassez de universidades públicas é remediada pelos institutos profissionalizantes ou técnicos. Nesses colégios, fui adquirindo capital social e capital cultural incorporado: estudei com a filha do prefeito, o neto do dono da principal rede de transporte público da região e principalmente com pessoas cuja família já tinha um histórico de escolarização. Assim, meus projetos de futuro foram ganhando contorno: conheci o que era universidade pública, aprendi um segundo idioma, familiarizei meus ouvidos com as músicas de suas festas e adequei minha língua com as conversas do recreio, ou seja, fui adquirindo capital cultural. Em resumo, minha mãe tinha a boa vontade cultural, sempre me inscrevendo em cursos extracurriculares, o que me levou novamente ao capital social por meio dos contatos. Meu pai seria o

responsável financeiro, o detentor do capital econômico que me conferiu o capital cultural institucionalizado. Tive ainda uma figura que contribuiu também para o meu acúmulo de capital cultural incorporado: o meu padrasto. Ele costumava ler diariamente jornal e era sempre tido pela minha família como a referência intelectual. Todos se encontram no ascetismo: os três sempre me ensinaram a economizar em prol da educação. Cada centavo e cada momento eram dedicados à educação. Minha mãe era a que mais escapava dessa prática, pois ela sempre compreendeu as etiquetas necessárias para conseguir o capital social, por isso ela se permitia gastar com roupas e sapatos — desde que de marca. Por aprender que o meu padrasto era a figura ideal, fiz do sonho da minha família uma missão e por isso cresci com uma boa vontade cultural ainda maior que a da minha mãe. Quando cresci, passei a frequentar diversos ambientes culturais e intelectuais da minha cidade. Passei a rivalizar os livros com a minha idade: aos 12, li Ernest Hemingway; aos 14, Clarice Lispector; aos 15, Chico Buarque; aos 17, a literatura básica para passar no vestibular: Eça de Queiroz, Carlos Drummond, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Machado de Assis e companhia. Todos esses nomes, é claro, foram aprendidos na escola, onde o sistema escolar tenderia a reproduzir a distinção entre dois modos básicos de se relacionar com a cultura: um primeiro, desvalorizado, caracterizado pela figura do aluno esforçado, estudioso, que busca compensar sua distância em relação à cultura legítima por meio de uma dedicação tenaz às atividades escolares; e um segundo, valorizado, representado pelo aluno tido como brilhante, talentoso, inteligente, muitas vezes precoce, que atende às exigências da escola sem demonstrar traços de um esforço laborioso ou tenso. Assim, compreendi que não importava meu esforço, eu sempre estaria desvalorizada. Isso, no entanto, se tornou pulsão de vida para que eu quisesse ainda mais adquirir a cultura legítima. Como não a conseguiria de forma natural, criei esforços mais sistematizados: fui estudar Artes Visuais na Uerj. Dessa forma, o conhecimento poderia até não ser natural, mas ele seria especializado. Da minha família, fui uma das poucas a ir para a universidade pública e uma das poucas que talvez chegue a concluir o ensino superior. No entanto, como o curso escolhido é um campo de baixo retorno econômico, isso nem sempre é bem valorizado. Para eles, como não tenho a vida garantida, deveria escolher um campo de bom capital econômico e simbólico, como Direito ou Medicina. Esses cursos não bastariam para mim, pois estava sedenta pela cultura legítima dos livros, das músicas e dos filmes. Começando o curso de Artes Visuais, novamente compreendi que precisaria de muito mais esforço, pois esse é um campo em que os capitais financeiros se demonstram ainda mais explícitos. A Arte no Brasil ainda é um campo pouco profissionalizado, em que normalmente o capital simbólico é o que mais importa. Com grandes marcas do liberalismo, o trabalho na área é pouco ou nada remunerado,

mas isso se ofusca pois o que mais importa é o seu título. O status, ou como se diz, a “visibilidade” é a forma de pagamento reinante, por isso é muito comum que as pessoas atuantes na área sejam herdeiras culturais e econômicas. A universidade pública ocupa um lugar de prestígio bem menor do que deveria, pois essas pessoas estudaram em Nova York, Londres ou Paris. O natural se torna muito mais longe... Essas pessoas que não dependem do trabalho para se sustentar, pois herdaram um capital econômico, também herdaram um capital social e cultural e já nasceram com o capital simbólico garantido. Enquanto preciso ser a melhor aluna para me aproximar dos professores e fazer vários cursos para conhecer as pessoas, elas já têm seu convite garantido para a Preview da Artrio, para o aniversário de Inhotim, para o jantar na casa do colecionador, para a festa após a vernissage. Todos os capítulos que precisei ler em Gombrich e Argan, para elas, foram assuntos do jantar em família. Concordo com Nogueira e Nogueira (2002), que, diferente da osmose de conhecimento defendida por Bourdieu, foi necessário um *habitus* para alcançar esse conhecimento, mas certamente essas pessoas tiveram uma chance de capital cultural incorporado muito maior. Para ilustrar melhor meu argumento, apresento uma experiência que vivi no ano passado: pela primeira vez fui a São Paulo. Claro, não foi uma viagem a lazer, mas sim uma viagem para correr atrás de todo capital que eu não tinha. Precisava ver o Masp, a Pinacoteca, a Galeria Vermelho etc. Dentro dessas obrigações, visitei a Kura, um projeto de consultoria de arte desenvolvido pela neta do Jorge Yunes, dono de uma coleção enciclopédica que deu a sua família o título de “dinastia”. Camila, como se chama a neta, já nasceu com os três capitais financeiros de Bourdieu: ela já era a neta de um grande colecionador de arte (e isso legitima seu empreendimento, a Kura, aberto há pouco tempo), tinha o capital necessário para abrir esse empreendimento e, claro, já tinha o conhecimento e contatos necessários. A Kura, na verdade, é a casa onde ela cresceu. Ela cresceu com Tarsila do Amaral na parede e tantos outros. Seu diploma foi importado, ou melhor, feito na França. O que mais me marcou nessa visita foi uma piada: a mediadora, enquanto contava sobre a exposição e família, narrou a vez em que Camila contou para o avô que trabalharia com artes. Em resposta, ele perguntou “mas se você vai trabalhar com arte, com o que irá se divertir?” Foi assim que percebi que a desvalorização é minha sina e que o esforço é do tamanho da minha própria subjetividade.

¹Óleo sobre tela pintado pelo espanhol Modesto Brocos, em 1895, em que se representa o embranquecimento de uma família por meio da miscigenação de suas gerações.

RENATA CRUZ DA SILVA

Curso: Letras
2019

Nasci no início de uma tarde ensolarada em São Gonçalo, município pobre da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Era 25 de setembro do último ano da década de 1970, ainda período de regime político-militar vigente. À época do meu nascimento, meus pais moravam de aluguel em um tipo de quitinete, em uma vila que ficava em um bairro periférico ao centro comercial gonçalense, Alcântara (Ôcantra para os íntimos; o mesmo do Agostinho Carrara, personagem da *Grande Família*).

Meus pais têm um parentesco indireto e se conheceram durante uma visita entre minhas avós, que eram irmãs. Segundo reza a lenda, elas eram filhas de imigrantes espanhóis que vieram para o Brasil a partir do incentivo do governo brasileiro, que prometeu terras e utensílios em troca de mão de obra e força de trabalho. A família se fixou entre a região norte do estado fluminense e a região sul do estado capixaba, por lá ficando durante muitos anos até que, por circunstâncias da vida, se separaram, perdendo o contato. Uma dessas avós, ainda viva (está no auge dos seus 102 anos), foi separada da família porque, devido à pobreza, necessitou trabalhar desde muito jovem, iniciando sua vida laboral com trabalhos agrícolas e, posteriormente, domésticos em casa de família, onde também residia. Sua irmã, minha tia-avó, também tomou um rumo parecido, mas em outra direção. Ambas não frequentaram a escola, mantendo-se “analfabetas de todo”, como a maioria dos imigrantes daquela época.

Minha avó materna casou-se duas vezes. Na primeira vez, aos 19 anos, com um “português lindo, loiro, de olhos azuis”, como uma de suas filhas — minha tia mais próxima — o descreve, e teve oito filhos. Nenhum desses filhos frequentou a escola, espaço que era inacessível econômica e geograficamente àquela época para famílias pobres. A escola se constituía, então, como uma instituição que não “pertencia” ao universo das camadas populares, principalmente aquelas que viviam ao longo dos centros urbanos.

Na segunda vez, ela casou-se com meu avô, ambos na faixa dos 35-40 anos de idade, e foram morar na área rural de Niterói. Juntos, eles tiveram quatro filhos e adotaram uma neta da minha avó. Meu avô era moreno e, segundo minha mãe, o mais claro dos irmãos (a maioria tinha o tom de pele negro, com ascendência de escravos, como averigui recentemente e fora do contexto familiar). Ele tinha uma propriedade rural que foi reconhecida e documentada pelo Incra como posse, e lá o casal residiu. Esse imóvel era utilizado para produção agrícola de subsistência, além de permitir a criação

de animais para consumo de carne da própria família. Posteriormente, muitos dos filhos e alguns netos desmembraram o grande sítio para construir sua moradia e/ou ter um bem imóvel.

Todos os filhos do segundo casamento dessa minha avó frequentaram a escola, porém por poucos anos. Minha mãe foi a única que avançou nos estudos e conseguiu concluir o ensino fundamental.

Meu pai foi criado pela minha tia-avó desde os dois anos de idade, após receber uma visita dos meus avós paternos. Também nessa parte da família, o capital social e o cultural legitimados pela sociedade eram nulos.

Contudo a família que abraçou meu pai parecia ter seguido um caminho muito diferente dos outros ramos. Seus filhos (eram nove, além de alguns falecidos), a maioria mais velha que meu pai, frequentavam a escola pública — uma das tias já era formada como professora naquela época e fazia graduação, sendo a única com diploma universitário em todo meu grupo familiar. Por isso, meu pai também frequentou a escola e concluiu o ensino fundamental, fazendo um curso profissionalizante em seguida.

O encontro de meus pais se deu em meio a um reencontro das minhas avós-irmãs, já mais velhas e com filhos adultos, que se descobriram vizinhas de cidades limítrofes da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Minha avó morava na zona rural de Niterói, que àquela época carecia de todos os bens públicos, inclusive eletricidade (recordo-me de estar com seis anos e ainda não ter luz elétrica na casa dos meus avós), e minha tia-avó morando próxima ao bairro economicamente importante do município de São Gonçalo, o que conferia a essa parte da família um status social elevado em relação aos outros grupos. Havia, assim, um significativo abismo entre esses grupos.

Meus pais se conheceram na segunda metade da década de 1970, namoraram e se casaram. Àquela época, meu pai trabalhava no Centro da cidade do Rio de Janeiro e conseguiu uma oportunidade de emprego em uma grande empresa. Ainda que sua escolaridade fosse baixa, era muito maior do que a da maioria das pessoas de classe baixa, e esse capital cultural institucionalizado permitiu-lhe um posto de certo destaque (na medida do possível) no mercado de trabalho.

Minha mãe trabalhou diretamente com a dona de uma grande rede de supermercados da época, mantendo certo grau de amizade (lembro-me de sermos convidados para uma festa de aniversário de um de seus netos). Meu pai também trabalhava em escritório e tinha um posto relativamente relevante. Esse contexto profissional fez com que eles se destacassem diante da família. Mesmo sem pertencer aos grupos sociais da elite econômica, um pouco desse capital social foi acessível aos meus pais, ampliando, assim, sua perspectiva de mundo, alterando seu *habitus*.

Desde o meu nascimento até cerca de três anos de idade, eu era cuidada por uma das tias que eram filhas da minha tia-avó, com três primas da mesma idade e que moravam no mesmo endereço. Após alguns anos do meu nascimento, minha mãe engravidou novamente, e essa tia disse não poder cuidar de duas crianças (seus filhos já eram adolescentes ou adultos).

Nessa época, eu, meus pais e minha irmã recém-nascida fomos morar em uma casa que eles compraram na parte dos fundos da casa da minha tia. Essa moradia estava localizada em um bairro mais distante e mais pobre que o anterior, e, por ser muito antiga, ela foi demolida e outra construída em seu lugar.

Desde então e até o fim da adolescência, minha tia compartilhou com meus pais a responsabilidade pela educação formal e não formal. Em relação a mim, a cobrança da produtividade nos estudos sempre foi muito grande. Fui matriculada no segundo período do jardim de infância (atual educação infantil). Logo nas primeiras semanas, fui remanejada para o terceiro período (último ano desse nível de escolaridade) porque, segundo a professora, eu apresentava excelentes desenvolvimento e aprendizagem. Por isso fui para a alfabetização um ano mais cedo e, já em agosto, tinha “terminado a cartilha”, porque já tinha aprendido a ler e escrever. Estudei na mesma escola até a antiga quarta série do primeiro grau. Era uma escola particular, confessional (católica, dirigida por freiras franciscanas), mas pequena e “de bairro”. Eu tinha aulas de Religião no quadro de horários. Lá pela terceira ou quarta série, tivemos uma aula sobre a parábola do filho pródigo e, como avaliação, os alunos tiveram que fazer uma redação sobre essa passagem bíblica. Segundo minha mãe, a minha foi considerada a melhor e lida durante uma missa. Meus pais, eu e minha irmã também frequentávamos as missas dominicais na então segunda Igreja Matriz da cidade, a qual conglomerava um grupo significativo da classe média — ou aspirante a ela — da comunidade gonçalense.

Eu e minha irmã não podíamos brincar na rua, apenas aos finais dos domingos, quando, depois da missa, íamos para a casa da minha tia-avó. E nas segundas e terças-feiras sempre havia comentários negativos da minha tia sobre essa permissão. Para mim, parecia que aquela coisa legal de correr, brincar de pique, jogar queimado, entre outras coisas, mas para ela era quase um crime. Mas acho que no fundo era um crime, sim: um crime contra o capital social e simbólico que ela imaginava ser acessível para gente.

Assim sendo, a exigência de notas elevadas, caderno e demais materiais impecáveis, apresentação estética do vestuário de “bom gosto” configuravam as estratégias para potencializar e incentivar o distanciamento do grupo social ao qual eu pertencia. Em contrapartida, eu tinha acesso a bens culturais como revistas em quadrinhos, livros de literatura (inicialmente os solicitados pela escola), revistas de moda da minha mãe e de divulgação científica (presente da patroa da minha mãe; me

lembro de aos nove, dez anos de idade estar lendo *Ciência Hoje*), clássicos infantis e adultos (Monteiro Lobato e Édipo Rei li por volta dos dez e 12 anos de idade, respectivamente) e programas infantis da TV Cultura. Também sempre fui muito curiosa e estudiosa, gostava de assistir ao *Jornal Nacional* e *A Semana do Presidente* (definitivamente, eu não era uma criança normal); tirava excelentes notas na escola. Meus pais, nos finais de semana, estavam quase sempre lendo revistas e/ou jornais. Minha mãe era assinante de uma revista chamada *Círculo do Livro*, em que um catálogo de livros funcionava como uma livraria virtual. Ela chegou a adquirir clássicos da literatura mundial por meio de revistas que traziam como brindes essas obras. Acredito que isso favoreceu minha trajetória escolar e de vida.

Como a minha “escolinha de bairro” só trabalhava com as séries iniciais, meus pais tiveram que procurar outra escola para mim. Apesar de haver outras “escolinhas de bairro”, meus pais me matricularam em uma escola particular do bairro central, frequentada pelos filhos das famílias com melhor poder aquisitivo da região — a mesma instituição que as minhas primas, aquelas da mesma idade que eu e que moravam na casa da minha tia-avó, a da família com certo destaque nos capitais simbólico e cultural. Esse ano escolar foi crucial para eu começar a me perceber no mundo a partir de como o mundo me percebia. Tive as melhores notas e atribuo essa fácil adaptação aos bens culturais a que tive acesso nos anos anteriores.

No ano seguinte, fui mudada de escola novamente. Lembro da minha mãe procurando vaga em uma escola pública, e acabamos no instituto de educação da cidade, que ficava bem distante da minha casa; mas foi onde a vaga surgiu, pois fui sorteada. No entanto não fiquei na escola porque a rede estadual iniciou o ano letivo fazendo greve. Assim sendo, para não perder o ano letivo, minha mãe optou por me matricular em uma escola particular, de grande porte e renomada do município.

Voltando um pouco na história para ilustrar esse presente, resalto que meus avós biológicos eram descendentes de negros (o paterno, segundo minha mãe, era albino) e minhas avós eram descendentes de brancos. Logo, minha pessoa é um claro exemplar da miscigenação tão característica do povo brasileiro. Considero isso relevante porque foi a partir desse momento da minha vida que comecei a vislumbrar e vivenciar situações de preconceito em decorrência da minha aparência. A discriminação era maior ainda pela ausência de capital econômico que me afligia: eu não dispunha de roupas, tênis, acessórios ou qualquer outro elemento que representasse o pertencimento a uma classe econômica elevada. Foi assim que percebi que “meu mundo” era bem diferente daquele em que meus pais e minha tia tentavam me inserir.

No ano seguinte, os problemas econômicos — agora ampliados pela separação dos meus pais — atingiam mais de perto minha trajetória escolar.

Nesse momento, meu pai havia sido demitido e, desde então, não conseguiu uma recolocação no mercado de trabalho formal. O seu diploma de conclusão do primeiro grau, que outrora lhe garantia algum status social, a partir da década de 1990 tornou-se insuficiente para as necessidades mercadológicas. Por isso, voltei eu para outra “escolinha de bairro”, na qual cursei as sétima e oitava séries, concluindo meu curso de primeiro grau.

Na passagem para o segundo grau, ouvi da minha mãe que se eu não passasse na prova de seleção numa escola estadual, eu ficaria sem estudar (1995-1996 foi o último ano em que, para ingressar em uma escola da rede estadual para cursar o segundo grau, era obrigatório ser aprovado e classificado numa prova de seleção).

Fiz minha inscrição para o curso normal do Instituto de Educação da cidade, pois lembro-me de comentarem que o diploma de professora me garantiria ter um emprego de professora assim que concluísse esse nível de escolaridade.

Não recebi nenhuma ajuda financeira direta da minha mãe ou tia durante o segundo grau, seja para passagem do ônibus ou para lanches, nem para materiais escolares. No início do ano letivo, minha mãe comprava o básico do básico, muito diferente de quando eu era criança e tinha materiais de qualidade, em quantidade e bonitos. Durante o ano, eu ia me virando com trocos (muito miúdos) de compras que minha tia pedia para eu fazer no mercadinho próximo de casa.

Até o terceiro ano do segundo grau, eu só havia ouvido falar objetivamente em faculdade duas vezes em situações familiares. Foi somente no terceiro ano, quando uma professora comentou que as universidades iriam iniciar o período de inscrição para isenção no vestibular, que eu tive uma explicação do que seria a educação superior. Tal explicação ocorreu porque, em uma turma de mais de 50 alunas, menos de 10% já tinham ouvido falar ou sabiam o que era faculdade/universidade. Esses números refletem a realidade da escola pública daquela época, pois mesmo no segundo grau as expectativas eram muito baixas em relação aos estudos.

Seguindo o conselho daquela abençoada professora, em 1996 fiz meu pedido de isenção para os vestibulares da UFF e da Uerj, só conseguindo o benefício na primeira instituição. Naquela época eu gostava de algumas coisas de obra, de construção. Assim, após leitura do caderno de vestibular, onde constava o resumo de todos os cursos e (acho) a relação candidato-vaga de cada um, sonhei com a Arquitetura, mas acabei ficando o pé no chão e escolhendo Pedagogia. Os motivos: se eu não havia recebido ajuda de ninguém no segundo grau, quem me ajudaria na graduação, que teria um custo de manutenção bem mais alto? Se eu cursasse uma graduação em horário integral, em que horário eu iria trabalhar para me sustentar e pagar

as contas de casa? Se eu não conseguisse ingressar numa universidade pública naquele ano, quem garantiria que eu teria uma nova oportunidade?

Fui aprovada no vestibular. Do pedido de isenção à matrícula, fiz tudo sozinha, ainda menor de idade e sem conhecimento de mundo, uma vez que minha vida social era muito restrita ao meu município. Não me recordo de nenhuma congratulação por ter conseguido mais um êxito na minha vida escolar, mesmo sendo uma quebra de paradigma na própria família, uma vez que até então nenhuma pessoa (exceto a tia diplomada muitas décadas antes) havia conquistado e/ou alcançado esse nível de escolaridade. Ainda vieram mais duas aprovações: uma, em 2003, para o curso de Turismo da UFF, o qual não concluí por incompatibilidades de horário e financeira; a outra, a mais recente, em 2017, para o curso de Português/Espanhol da Uerj. Nessas conquistas, a ausência de congratulações se repetiu.

Profissionalmente, iniciei minha vida economicamente ativa em 1998, quando fui aprovada no concurso para professor das séries iniciais da rede municipal da prefeitura de São Gonçalo. Esse emprego foi o que me possibilitou que concluísse, mesmo que com algumas dificuldades, a graduação em Pedagogia. Assim que me formei, também fui aprovada em um concurso similar, mas para a rede estadual. Depois disso, fiz vários concursos, mas sempre para nível superior.

Ao término da graduação, eu já estava muito cansada devido à rotina exaustiva de trabalho concomitante aos estudos, e, por isso, resolvi pausar minha trajetória escolar. Entretanto o que mais me desmotivou foi a ausência e/ou desqualificação do meu diploma (naquela época quase nenhum professor das séries iniciais tinha graduação ou além) e, principalmente, das experiências sociais e acadêmicas que havia vivenciado. Atualmente, percebo-as como um potencial capital simbólico, mas que assim não se constituíram porque elas não têm valor para os grupos sociais pelos quais eu transitava, não são significativas. Somente após ingressar na atual graduação, vislumbro novamente a possibilidade de continuidade da trajetória outrora interrompida.

THAÍS FARIA DA SILVA

*Curso: Artes Visuais
2020*

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise da minha trajetória até o ensino superior, visando os fatores sociológicos que influenciaram a minha escolha de carreira e na minha chegada à universidade, exercendo, então, a imaginação sociológica. A partir dessa visão, portanto, irei buscar entender os fatores que ajudaram ou atrapalharam a minha chegada à universidade e compará-los com os dados do resultado do Enade 2017 e do resultado da Pesquisa de Perfil dos Licenciandos de Sociologia da Educação 2020.2. Para isso, então, iniciarei descrevendo meu contexto familiar.

Sou uma mulher branca e venho de uma família de classe média, em que meus pais foram os primeiros de suas famílias a concluir o ensino superior. Esses fatores já me colocam em um lugar privilegiado da sociedade, abrindo para mim muitas oportunidades e facilitando minha entrada na universidade. Meus pais são funcionários públicos, professores formados em Letras e com pós-graduação. Meu pai, atualmente, é professor de Português na Faetec e trabalha dando aula em cursos preparatórios para concursos públicos. Minha mãe é professora de Latim, Cultura e Literatura Clássicas na Uerj, além de recentemente ter se tornado escritora de livros de romance. Sou a primeira filha deles e tenho um irmão que é três anos mais novo que eu. Nasci em 1999. Moro na Grande Tijuca, uma área considerada central do Rio de Janeiro e que tem fácil acesso a boa parte cidade, com uma boa qualidade de vida. Trabalho eventualmente com encomendas de arte, mas por vontade própria, não por necessidade. Pensando nesses fatores, posso observar, em primeiro lugar, que o fato de os meus pais terem pós-graduação me coloca na minoria dos dados, tanto do Enade quanto do perfil dos licenciandos, e com certeza influenciou minha escolha de querer fazer ensino superior. Na realidade, não fazer nunca foi uma opção. Não que eu tenha sido obrigada, mas sempre foi a meta e ouvi isso desde pequena. Além disso, o fato de eu ser a filha primogênita fez com que houvesse muito investimento e expectativa sobre mim — o que, muito provavelmente, também facilitou a minha entrada na universidade.

Moro com minha mãe e recebemos, meu irmão e eu, pensão do meu pai. É importante ressaltar, ainda, que o fato de eu ter nascido em 1999 proporcionou que pudesse estudar; afinal, anteriormente na História mulheres não eram permitidas na universidade, e, apesar do início da luta por esse direito ter data no século 19, apenas a partir de 1960 que as mulheres brasileiras começaram a ter presença, de fato, no ensino superior

— sendo hoje, inclusive, a maioria nos cursos de licenciatura, segundo os dados dos resultados do Enade 2017.

Após a apresentação dos dados gerais do meu contexto familiar, vou analisar minha escolaridade, visando, primeiro, a escola que estudei do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, que foi o CAP-Uerj (Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira). O CAP faz parte da Uerj, sendo um de seus institutos e é uma “instituição de ensino pública tendo por finalidade a formação docente inicial e continuada, em parceria com outras unidades acadêmicas da Universidade, e a promoção de educação básica de qualidade, de atividades de pesquisa em ensino e educação, da extensão universitária e da cultura na cidade e no estado do Rio de Janeiro”, segundo o Projeto Político Pedagógico (2013, p. 9-10). Isso por si só já o torna uma escola de excelência. Há também o fato de que os alunos, para entrar, são submetidos a um sorteio, no primeiro ano do E.F. (ensino fundamental), ou a uma prova no sexto ano do E.F. — sendo essas, geralmente, as únicas formas de ingresso. Ou seja, são alunos selecionados. E além do fato de ser uma escola pertencente a uma universidade, a maior parte dos professores tem pós-graduação e os alunos estão em constante contato com graduandos da Uerj, os estagiários, o que leva os estudantes a terem desde muito cedo a vontade de entrar no ensino superior. Sendo uma escola de excelência, esses alunos são muito bem preparados para passar no vestibular — e muitos, como eu, acabam escolhendo a própria Uerj —, o que nos leva a um dos dados da pesquisa do perfil dos licenciandos desta disciplina: faço parte dos 52,1% dos alunos que têm 12 ou mais colegas de ensino médio fazendo ensino superior. Ainda visando os resultados da pesquisa, estava entre os melhores alunos da minha sala no ensino médio (41,5%) — o que, ainda mais em se tratando de uma escola pública de alta qualidade, facilitou a minha entrada no ensino superior, levando-me, inclusive, a ingressar em três cursos diferentes, fato que nos conduz ao próximo tema.

Agora, irei analisar a minha entrada de fato no ensino superior, e para isso preciso fazer um recorte de dois momentos. Ingressei em três cursos de ensino superior: Engenharia de Recursos Hídricos e do Meio Ambiente, na UFF, o qual cursei apenas um mês (vou explicar mais adiante); Arquitetura e Urbanismo, também na UFF — cursei cinco períodos; e, então, meu atual curso, licenciatura em Artes Visuais, na Uerj, onde estou no segundo período. Esse recorte de dois momentos se dá, primeiro, no final e logo após o ensino médio; e, depois, quando decidi mudar de curso, de Arquitetura para Artes. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que os dados já citados acima (cor, classe, escolaridade, formação dos pais) com certeza facilitaram e muito a minha entrada em três cursos de universidades públicas. Além disso, em Engenharia, pude utilizar a ação afirmativa de pessoas que estudaram em escola pública — o que também fez diferença, ainda mais

pensando na qualidade da escola pública em que estudei. Já em Arquitetura e em Artes Visuais, entrei por ampla concorrência. Na primeira, por escolha, e na segunda, além de escolha — hoje tenho consciência de que, apesar de poder utilizar em alguns vestibulares essa ação afirmativa, não é a mim que ela abrange; afinal, como visto no decorrer deste trabalho, não fui socialmente nem educacionalmente prejudicada por estudar em uma escola pública —, pelo fato de a política afirmativa da Uerj ser combinada com o aspecto social. Dito isso, vamos aos recortes.

No ensino médio, era boa aluna e tinha muita facilidade em exatas, e sinto que, socialmente, quando isso acontece, esses alunos são condicionados a “não desperdiçar” a habilidade. O discurso costuma ser: se você é bom em exatas, tem que aproveitar isso e fazer uma faculdade de exatas, que são, em geral, áreas mais valorizadas na nossa sociedade. Então, decidi no ensino médio que gostaria de fazer Engenharia, pensando, principalmente, na cartográfica e na ambiental. Depois, no final do terceiro ano, em 2016, fiquei inclinada para a Arquitetura porque — no meu pensamento da época — eu gostava tanto de exatas quanto de humanas e adorava artes, então Arquitetura seria a área que juntaria tudo isso. Entrei em Engenharia para descobrir apenas depois da matrícula que havia passado na reclassificação para 2017.2 em Arquitetura, então cheguei a cursar apenas um mês e decidi que realmente iria para a Escola de Arquitetura e Urbanismo (EAU), no segundo semestre. Cursei cinco períodos na EAU. Porém, a partir do terceiro, já havia percebido que não gostaria de trabalhar com aquilo e, com isso em mente, comecei a pensar em que carreira gostaria realmente de seguir.

Volto aqui, portanto, para a pesquisa com os licenciandos da disciplina, em que 45,3% deles (eu inclusa) colocaram que a escolha do curso foi por vocação, e me sinto, então, diante do questionamento superválido do porquê licenciatura é vista como vocação, e da necessidade de explicar minha resposta. Coloquei vocação na última pergunta, mas não foi pensando na licenciatura (até porque, na verdade, por muito tempo acreditei que não tinha muito jeito para a coisa), mas em Artes Visuais. Depois de passar por uma outra faculdade e ficar insatisfeita nela, pensei muito sobre o que, de fato, eu queria, e o que, de fato, eu gostava. Afinal, escolhi Arquitetura não pelo que eu pensava que gostaria de trabalhar, mas sim pela maneira com que somos condicionados a pensar na escola. Fui percebendo que a arte sempre esteve presente na minha vida de uma forma ou de outra (sempre gostei de desenhar, tive aulas de diversos tipos de artes na escola, estudei música por muitos anos etc.), o que certamente também só foi possível pela influência familiar, pelo meu contexto social, em que tive condições de ter essas experiências, e pela escola em que estudei, que valoriza a arte no geral. Mas, além disso, percebi — enquanto pensava neste trabalho — que meu pai, especificamente, foi uma influência também. Ele,

antes de conhecer minha mãe, fez seminário católico, e lá aprendeu música, pintura e desenho, além de estudar Filosofia e Teologia. Essa influência talvez não tenha sido tão direta na minha escolha de carreira em si, mas sim nos gostos que acabei escolhendo desenvolver. Lembro de admirar muito os seus desenhos e pinturas quando criança, por exemplo — apesar de não existirem tantas, porque, com o tempo e com seu trabalho, ele acabou deixando esse lado artístico de lado. Porém isso provavelmente fez com que eu quisesse desenvolver mais essas minhas habilidades.

Pensando nisso, sou conduzida a observar o fator cultural do meu contexto familiar também, outro dado importante das nossas pesquisas. Posso dizer que tenho, por boa influência dos meus pais, um bom capital cultural, como pode ser observado pela resposta da quantidade de livros na casa que vivi no período escolar, no meu caso uma biblioteca (10,7%) — afinal, meus pais são formados em Letras, o que certamente motivou o meu gosto pela leitura e até pelos estudos em geral. Esse fator também é evidenciado na resposta sobre a quantidade de vezes que visitei museus e centros culturais durante o período escolar: mais de 20 vezes, ou seja, 13,2% dos licenciandos que responderam ao questionário. E, segundo o sociólogo Pierre Bourdieu, ter um contexto familiar que possui a cultura que a escola valoriza explica bastante o sucesso escolar.

Voltando ao segundo recorte. Enquanto eu ainda fazia Arquitetura, participei de uma oficina de circo que abriu meus olhos para a carreira artística. Lá conheci muitas pessoas que trabalhavam com arte — e não só com uma área da arte, mas muitas. Quando percebi que isso era uma opção possível, comecei a fazer também oficinas na Coart, da Uerj, conhecendo cada vez mais artistas, o que foi fazendo com que eu percebesse que era realmente com arte, de alguma forma, que eu gostaria de trabalhar. Por isso chamo de vocação, por ser algo que acredito que sempre esteve ali no meu ser em algum lugar, e foi florescendo cada vez mais conforme fui tendo contato com esse mundo. E entram aí influências de muitas pessoas, desde a infância, na verdade, até já da própria universidade.

Agora, a escolha de fazer licenciatura foi um pouco mais técnica e menos poética, digamos. Sempre admirei muito a profissão de professor; afinal, meus pais são professores, tive muitos professores incríveis, tanto na escola quanto no circo e na faculdade de Arquitetura. Mas nunca me olhei como uma pessoa com habilidade para ensinar, ainda mais pelo fato de não ser, em geral, muito boa me expressando oralmente. Minha forma de expressão sempre foi mais visual, eu diria. Escolhi licenciatura pensando na sociedade em que vivemos, na qual o artista não é valorizado, e quis abrir meu leque de possibilidades. O professor, infelizmente, também não é valorizado no nosso país, eu sei, mas ainda assim acaba sendo um emprego mais estável que artista autônomo. Meus motivos iniciais foram esses e, na verdade, tenho vontade de fazer as duas graduações, bacharelado e

licenciatura. Mas, depois que comecei a ter aulas, comecei a entender que licenciatura em nada tem a ver com vocação — coisa que, como dito anteriormente, eu pensava que não possuía. É como qualquer outra área, algo que você estuda para se aperfeiçoar. Acredito que seja muito mais sobre disposição do que vocação. Claro que há pessoas que vão ter mais facilidade — mas, de novo, como em qualquer outra área. Além disso, fui cada vez mais gostando de estudar e aprender sobre educação, e as aulas estão me fazendo perceber que ser professor não é bem o que a gente pensa quando é aluno. Acredito que ser professor da educação básica não é apenas passar conteúdos — é muito mais sobre contribuir na formação de indivíduos, ensinar e aprender em conjunto.

Após essa (não tão) breve análise e comparação de fatores, é possível concluir, portanto, que meu contexto social e familiar facilitou bastante a minha entrada no ensino superior e influenciou também na minha escolha de carreira, apesar de essa parte ser um pouco mais subjetiva e não tão linear. Acredito, ainda, que seja importante destacar que esse tipo de análise, essa imaginação sociológica, é, como nos evidencia Wright Mills, essencial para que possamos usar a informação e desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro de nós mesmos, trazendo-nos a possibilidade de sermos, além de pessoas mais realizadas e conscientes, mais empáticas e compreensivas para com o outro.

WALLACE ALMEIDA

Curso: Filosofia
2019

Nasci no ano de 1998, no bairro de Padre Miguel, localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, próximo a uma favela conhecida pelo nome de “77”. É um bairro formado predominantemente pela classe média, e depois pela popular. Muitos dos moradores da região são assalariados, e alguns possuem até carros na garagem, mas geralmente não são modelos novos. O número de operários é grande, seguidos de pessoas que trabalham no setor do comércio, haja vista a quantidade de centros comerciais, e por fim o setor informal. O meu bairro encontra-se relativamente afastado do centro devido a resquícios históricos e econômicos, porque quanto mais longe da cidade — onde ficam compreendidos os maiores acervos culturais e as pessoas da alta classe — mais desvalorizadas são as terras, as casas. Posso dizer que o ambiente econômico que temos tem um baixo custo de vida. A violência, por mais que tenha crescido, ainda continua em menor escala. Moro em uma casa própria com meus pais e meu irmão caçula, de 10 anos, e meu gato de estimação. Essa casa é suficiente para comportar toda a família, possui dois quartos, sala, cozinha, banheiro, área de lavar roupas, varanda e uma garagem com um carro nela.

Meu pai se chama Sidney e é filho de imigrantes do Nordeste que vieram na década de 50 a fim de conseguir melhores condições de vida. O país passava por um período de intensa industrialização, sendo o Rio de Janeiro a capital do país. A minha avó, dona Maria, cursou até a quarta série e trabalhou como costureira em grandes polos industriais; e meu avô, José, trabalhou em emprego informal de comerciante. Como eram muitos filhos, um total de seis, houve a necessidade de colocá-los para trabalhar desde cedo a fim de somar à renda da família. A escolaridade almejada era a suficiente para atenderem à demanda do mercado de trabalho. Meus tios concluíram até a oitava série, mas meu pai foi mais longe: concluiu o ensino médio com técnico em Ciências Contábeis aos 19 anos. Ele pagou uma escola particular com o próprio dinheiro de seu trabalho. Vemos aqui que Sidney colocou os estudos como importante em sua vida, na sua ascensão social; era isso que pensava. Chegou a cogitar cursar faculdade de Arquitetura; entretanto, esse sonho foi interrompido quando uma oportunidade de servir o Exército e fazer um curso lá dentro veio até ele. Foi nessa época que ele conheceu minha progenitora, a pessoa de quem falarei agora.

A minha família por parte de mãe também possui uma origem social bem baixa. Minha avó é semianalfabeta. Foi adotada porque a sua mãe

biológica não tinha condições de cuidar dela. Durante toda a vida, trabalhou como empregada doméstica e agora encontra-se aposentada. Meu avô, por sua vez, é aposentado como gari da prefeitura. Minha mãe, que se chama Adriana, estudou até o oitavo ano do ensino fundamental, tendo repetido duas vezes. Ela começou a trabalhar aos 12 anos em lojas de roupas, pois tinha que ajudar nas coisas que faltavam em casa. Somente se sobrasse dinheiro — o que era difícil — comprava alguma coisa para si mesma. Num período de sua vida, ela trabalhou como ajudante de professora do ensino infantil e conseqüentemente adquiriu algum capital cultural pelo fato de estar naquele ambiente escolar que, posteriormente, passaria para mim.

Tendo em vista que já expus o mínimo da trajetória dos meus pais, é a vez de encarar a minha. Nasci no ano de 1998. Fui projetado para nascer. Meus progenitores tinham a ideia do filho único, mas como o capital financeiro tinha aumentado, tiveram o segundo 11 anos depois. Tive acesso à primeira escola aos dois anos e oito meses de idade, uma particular do bairro, e fui alfabetizado aos quatro. Como minha mãe já tinha sido auxiliar de professora do ensino infantil, ela tinha experiência com crianças, sabia como incentivá-las escolarmente, do que elas gostavam, precisavam. Desde muito criança, minha mãe trazia esse capital cultural apreendido em sua profissão para o lar. Ela me dava revistas, livros de fábulas, contava-me histórias.

Diferente da minha mãe — que era mais presente no meu dia a dia —, meu pai trabalhava, praticamente, durante todos os dias. Ele era o maior provedor da minha casa, sendo o responsável pelo controle financeiro. Tinha ainda o privilégio de ter feito curso técnico em Ciências Contábeis e trabalhar na área administrativa do Exército. Além de termos uma casa própria, meu pai estava construindo uma outra. Deixava de viajar, comprar bens materiais, como o carro do ano ou trocar eletrodomésticos “como se troca de roupa”.

No entanto tínhamos uma condição digna de vida: comíamos, bebíamos e nos vestíamos bem. Não havia necessidade de racionar comida, água etc. Como fazia parte dos grupos ascendentes, meu pai projetou o seu sonho que fora deixado de lado — se formar na graduação — em mim. Substituí os prazeres momentâneos por compras de livros, idas a teatros, cinemas, museus e patrimônios culturais.

Outro aspecto de minha criação que influenciou minha trajetória escolar foi a amizade estabelecida pela minha família com os padrões de minha avó. Eu ganhava livros deles, conversávamos sobre coisas que não estava acostumado em casa, contavam-me histórias que só gente de sua classe tinha acesso, apresentavam-me no geral à alta cultura. Durante a adolescência, frequentei festas em que havia filhos de médicos, advogados, empresários; conheci mais a fundo conceitos que jamais eram debatidos nos

círculos que costumava frequentar, como alienação a partir de Karl Marx, a arte na contemporaneidade, a subversão dela no Dadaísmo, entre outros.

Estudei em escolas particulares toda a minha vida e fui orientado por professores a fazer cursinhos pré-vestibular para garantir vagas em boas universidades. Neste momento, sou aluno do segundo período de Filosofia e posso dizer que tive e estou tendo sucesso na trajetória escolar. Embora alguns dos conceitos de Bourdieu tenham explicado esse meu êxito, não conseguem abarcar toda a minha trajetória. Nada conseguiu explicar a minha súbita parada nos estudos. Em 2015, quando terminei o meu ensino médio, fiquei sem rumo por cerca de três anos, e só agora, em 2019, entrei para a universidade. Eu tinha todo o aparato, cheguei a fazer cursos pré-vestibular; no entanto, nada disso era suficiente. Parece que, por mais familiarizado que estivesse com o ambiente escolar, ainda assim o estranhava.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: NOGUEIRA, M. A.; CATTANI A. (org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BROWN, P. The 'Third Wave': education and the ideology of parentocracy. **British Journal of Sociology of Education**, v. 11, n. 1, 1990.
- CAPITÃO FANTÁSTICO. Direção: Matt Ross. EUA: Electric City Entertainment, 2016, 1 DVD (1h58).
- CATTANI, A. M. *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 101-117.
- DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- GARCÍA-CLAIRAC, S. **O Livro Invisível**. Rio de Janeiro: SM editora, 2004.
- GRIPARI, P. **O Vendedor de Palmadas**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000.
- GRIPARI, P. **Contos da Rua Brocá**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.
- GRIPARI, P. **O Gigante de Meias Vermelhas e outros contos**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000.
- KAKPO, S.; LEMÊTRE, C. Auto-socioanálise: uma ferramenta a serviço da democratização da universidade? Retorno crítico sobre uma experiência pedagógica. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 21, n. 45, p. 144-164, jan./abr. 2020.
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- LETOURNEUX, F. *et al.* Pensar um sucesso alternativo na universidade – Reclassificar experiências de professores e de estudantes com base na auto-socioanálise. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 21, n. 45, p. 233-259, jan./abr. 2020.
- MANDELERT, D. **Repetência em escolas de prestígio: quanto, quando e como**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.
- MATTOS, C. L. G. de. O Conselho de classe e a construção do fracasso. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 215-228, maio/ago. 2005.
- MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- NOGUEIRA, C. M. M. O lugar da sociologia nos cursos de licenciatura: desafios e potencialidades. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 21, n. 45, p. 100-120, jan./abr. 2020.
- NOGUEIRA, M. A., NOGUEIRA C. M. M. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 78, abril 2002.
- NOGUEIRA, M. A. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 155-169, dez. 2006.
- PASTORE, J.; VALLE SILVA, N. do. O significado da mobilidade social. *In*: PASTORE, J.; VALLE SILVA, N. do. **Mobilidade Social no Brasil**. São Paulo: Makron, 2000.
- PERRENOUD, P. O que a escola faz às famílias? *In*: MONTANDON, C.; PERRENOUD, P. **Entre Pais e Professores, um diálogo impossível?** Para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2001.
- PIOTTO, D. C. Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 135, set./dez, 2008.
- PORTES, E. A. O Trabalho escola das famílias populares. *In*: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família e escola: trajetórias em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.

- PROJETO Político Pedagógico. **CAp UERJ**, 2013. Disponível em: https://www.cap.uerj.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=825&item. Acesso em: 25 ago. 2022
- RAMOS, L. M. P. de C. Educação e trabalho: a contribuição de Marx, Engels e Gramsci à filosofia da educação. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, v. 77, n. 185, jan./abr. 1996.
- REVEL, J. Microanálise e construção do social. In: REVEL, J. (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RIBEIRO, C. A. C. Quatro décadas de mobilidade social no Brasil. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 3, 2012, p. 641-679.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2013.
- SÁ EARP, M. de L.; PRADO, A. P. O juízo professoral em Conselhos de Classe de escolas da cidade do Rio de Janeiro. **Rev. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 25, n. 58, p. 33-53, jan./abr. 2016.
- SBS TV. Ciclo Pierre Bourdieu e o Brasil / mesa 03: A Sociologia da Educação e o Legado de Pierre Bourdieu. **YouTube**, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/axTpjaucwFw>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- SILVA, P. **Escola-Família, uma relação armadilhada: interculturalidade e relações de poder**. Porto: Ed. Afrontamento, 2003.
- VALLE, I. R.; SOULIÉ, C. (org.). **Pierre Bourdieu: uma sociologia ambiciosa da educação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019.
- VIANNA, M. J. B. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (org.). **Família e escola: trajetórias em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.

DIANA MANDELERT

Doutora e mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação de Uerj, onde leciona Sociologia da Educação. Membro suplente do comitê científico do GT 14 da Anped. Atua na área de Sociologia da Educação, com ênfase nos seguintes temas: avaliação, ensino médio, capital cultural, reprovação e relação família e escola.

E-mail: dmandelert@gmail.com

Orcid: 0000-0002-7678-6893

SARA ZARUCKI TABAC

Pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professora adjunta de Sociologia do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Alfenas. Atua principalmente nos seguintes temas: Sociologia da Educação, Ensino de Sociologia e Identidade Docente nas Ciências Sociais.

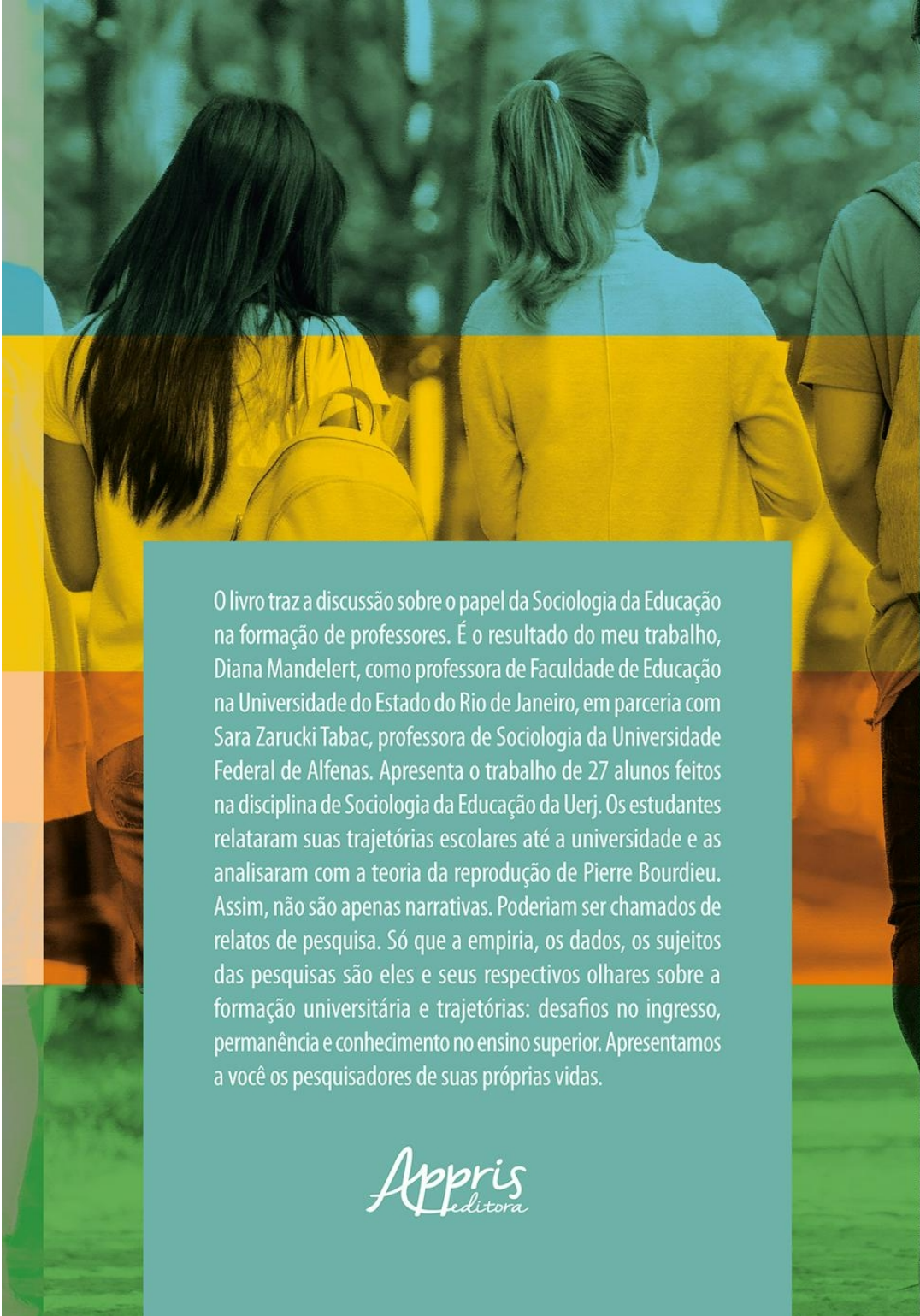
E-mail: sara.tabac@unifal-mg.edu.br

Orcid: 0000-0001-5664-1745

SOBRE A OBRA

“Foi prazeroso, mas difícil...”. Esse é o consenso entre meus colegas de classe e eu sobre a realização deste trabalho. Foi complicado fazer uma análise de nossas vidas e perceber que havia tantas camadas que nós desconhecíamos. Além disso, demoramos para compreender os conceitos sociológicos e como eles poderiam ser aplicados em nossa trajetória. Contudo foi bom ter uma melhor compreensão dos fatores, condições e pessoas que tiveram que convergir para que chegássemos até a Uerj. Não possuíamos uma percepção clara de como eles impactaram nas nossas escolhas. Parecia algo individual, uma escolha pessoal e mérito. Guardo com carinho, assim como muitos, este trabalho, e quando as dúvidas se fazem presentes diante das dificuldades acadêmicas, leio de novo e de novo, para me lembrar de como foi complexo chegar até a Uerj. Nós, da Geografia de 2015.2, esperamos que o livro possa dar uma visão de como a universidade é um local plural, e quantos são os caminhos possíveis até ela.

Luciana Santos
Aluna de Geografia



O livro traz a discussão sobre o papel da Sociologia da Educação na formação de professores. É o resultado do meu trabalho, Diana Mandelert, como professora de Faculdade de Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com Sara Zarucki Tabac, professora de Sociologia da Universidade Federal de Alfenas. Apresenta o trabalho de 27 alunos feitos na disciplina de Sociologia da Educação da Uerj. Os estudantes relataram suas trajetórias escolares até a universidade e as analisaram com a teoria da reprodução de Pierre Bourdieu. Assim, não são apenas narrativas. Poderiam ser chamados de relatos de pesquisa. Só que a empiria, os dados, os sujeitos das pesquisas são eles e seus respectivos olhares sobre a formação universitária e trajetórias: desafios no ingresso, permanência e conhecimento no ensino superior. Apresentamos a você os pesquisadores de suas próprias vidas.

Appris
Editora